



PSICOLOGIA



ADMINISTRAÇÃO



BIOMEDICINA



FISIOTERAPIA



DIREITO



ESTÉTICA E COSMÉTICA



ENGENHARIA CIVIL



ENFERMAGEM

REVISTA CIÊNCIAS DA FAP
REVISTA CIENTÍFICA

Multidisciplinar ISSN 2674-6158

PUBLICAÇÃO OFICIAL DA FAP v.1, n. 3 , p. 1 - 152, OUTUBRO, 2020.



Faculdade da Alta Paulista

FACULDADE DA ALTA PAULISTA (FAP)

REVISTA CIÊNCIAS DA FAP

REVISTA CIENTÍFICA

Multidisciplinar

ISSN 2674-6158

Revista Ciências da FAP, Tupã, n. 3 (1): p 1-152, outubro, 2020.

Revista Ciências da FAP

Faculdade da Alta Paulista (FAP)

Rua Mandaguaris, n. 1010, centro, Tupã, SP.

www.fadap.br/revista_cienciasdafap/

cienciasdafap@fadap.br

Comissão Editorial

Andreia Fresneda Gaspar

Edna Aparecida Cavalcante

Iuri Yrving Müller da Silva

Rita de Cássia Alves Nunes

Sônia Regina DE Grande Petrillo Obregon

Editor Responsável

Carlos Eduardo Abarca e Messas

Conselho Editorial

André Sanches (Fadap)

Andréia Fresneda Gaspar (FAP)

Celso Goulart (FAP)

Rita de Cássia Alves Nunes (FAP)

Cristiane Pereira Marquezini (FAP)

Iúri Yrving Müller da Silva (FAP)

Leonardo Lemos de Souza (Unesp)

Paulo Roberto Quemelo (Unifran)

Andrey Teixeira Borges (FAI)

Paulo Sérgio da Silva (FAI)

Publicação anual

Revista Ciências da FAP. Organizada pela Faculdade da Alta Paulista (FAP), Vol. 1. (2020). Tupã, SP, 2020.

Publicada em meio eletrônico (www.fadap.br/revista-cienciasdafap/cienciasdafap@fadap.br) a partir de 2018.

Anual.

ISSN: **2674-6158**

1. Administração. 2. Biomedicina 3. Fisioterapia 4. Língua Portuguesa 5. Psicologia.

Expediente

A Revista Ciências da FAP (ISSN 2674-6158) de periodicidade anual é uma publicação eletrônica da Faculdade da Alta Paulista, ligada à graduação. Sua missão é veicular, divulgar e promover a produção científica de áreas do conhecimento multidisciplinares de professores e alunos. Ela está organizada por área do conhecimento dos cursos.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
NOMINATA DE PARECERISTAS	11
1. MULHERES EMPREENDEDORAS: a evolução do empreendedorismo feminino no Brasil	13
Alicia Isabela Garbato Daniele Evangelista dos Santos Nicolí Carolini de Lázari Hatano	
2. FREQUÊNCIA DE PARASITOSSES INTESTINAIS, NA POPULAÇÃO ATENDIDA, NO LABORATÓRIO MUNICIPAL DE ANÁLISES CLÍNICAS DE TUPÃ-SP	28
Amanda Daniela dos Santos Kanashiro Ana Beatriz Ratto Gorzoni	
3. MICRORGANISMOS E ANTIBIÓTICOS: OS PRINCIPAIS MICRORGANISMOS E A EFICÁCIA DOS ANTIBIÓTICOS EM UROCULTURAS E ANTIBIOGRAMA NA CIDADE DE TUPÃ	45
Tainara da Silva Gonçalves Ana Beatriz Ratto Gorzoni	
4. INFLUÊNCIA DA ATIVIDADE FÍSICA NO EQUILÍBRIO DE IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS	54
Aline Ferreira da Silva Andréia Fresneda da Silva Rafaela de Fátima Ferreira Baptista	
5. BENEFÍCIOS DA FISIOTERAPIA AQUÁTICA EM PACIENTE COM ENCEFALOPATIA CRÔNICA NÃO-PROGRESSIVA DA INFÂNCIA: Um estudo de caso	70

Estela Maris Monteiro Bortoletti
Juliana Edwiges Martinez Spada

6. AVALIAÇÃO DA COMPOSIÇÃO CORPORAL ENTRE UNIVERSITÁRIOS TRABALHADORES E NÃO TRABALHADORES DE 18 A 25 ANOS DO CURSO DE FISIOTERAPIA DA FACULDADE DA ALTA PAULISTA - FAP DE TUPÃ/SP 82

Paola Aguiar Ribeiro
Juliana Edwiges Martinez Spada

7. OBSERVAÇÃO DA MOTRICIDADE DA CRIANÇA TETRAPLÉGICA NA BOLA TERAPÊUTICA:UM ESTUDO DE CASO 94

Karoline Vicente Brandão
Giovana Xavier Pinto
Juliana Edwiges Martinez Spada

8. LEITURA: COMUNICAÇÃO E APRENDIZAGEM103

Edna Aparecida Cavalcante

9. REVISITANDO O CONCEITO DE INFÂNCIA DA ANTIGUIDADE À SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DA HISTORIOGRAFIA DA PSICANÁLISE COM CRIANÇAS 122

Íuri Yrving Müller da Silva
Luana Valera Bombarda

10. SAÚDE MENTAL DO TRABALHADOR EM TEMPOS DE PANDEMIA 134

Mariana Pereira da Silva

ISSN: 2674-6158

APRESENTAÇÃO

A Revista Ciências da FAP é digital, publicada anualmente e procurou, em sua terceira edição, articular variados textos que abordam questões relacionadas às áreas: administração, fisioterapia, língua portuguesa e psicologia. Os artigos foram escritos por professores e alunos. Nesta edição, um pesquisador de outra IES e um egresso apresentaram trabalhos. Os artigos estão dispostos por área e em ordem alfabética. Os trabalhos publicados são de graduação e refletem estudos de iniciação científica, realizados durante o curso pelos estudantes. Também compõem a revista artigos de mestres e doutores que lecionam na FAP e desenvolvem pesquisa científica.

Os artigos estão dispostos na revista, na seguinte ordem: Mulheres Empreendedoras: a evolução do empreendedorismo feminino no Brasil faz uma análise do empreendedorismo feminino no Brasil. Frequência de Parasitoses Intestinais, na População Atendida, no Laboratório Municipal de Análises Clínicas de Tupã-SP avalia a frequência dos resultados positivos dos exames parasitológicos de fezes. Microrganismos e antibióticos: os principais microrganismos e a eficácia dos antibióticos em uroculturas e antibiograma na cidade de Tupã procura identificar o principal microrganismo causador de infecção no trato urinário (ITU) e avaliar a eficácia dos antibióticos. A Influência da Atividade Física no Equilíbrio de Idosos Institucionalizados avalia a influência da atividade física sobre o equilíbrio e pressão arterial e possíveis repercussões, na qualidade de vida de idosos institucionalizados. Benefícios da Fisioterapia Aquática em Paciente com Encefalopatia Crônica Não-progressiva da Infância: um estudo de caso avalia o comportamento neuropsicomotor de uma paciente com encefalopatia crônica não progressiva da infância. Avaliação da Composição Corporal entre Universitários Trabalhadores e não Trabalhadores de 18 a 25 Anos do Curso de Fisioterapia da Faculdade da Alta Paulista - FAP de Tupã/SP compara a composição corporal de universitários trabalhadores e não trabalhadores do curso de Fisioterapia da Faculdade da Alta Paulista – FAP de Tupã/SP. Observação da Motricidade da Criança Tetraplégica na Bola Terapêutica: um estudo de caso tentou observar e registrar o comportamento motor da criança com PC, na bola terapêutica. Leitura: comunicação e aprendizagem procura verificar o conceito de leitura e compreensão de texto, especificamente, do texto científico, utilizado em meio acadêmico; e se propõe a refletir sobre questões didáticas ligadas à leitura. Revisitando o Conceito de Infância da Antiguidade à Sociedade Contemporânea: contribuições para o estudo da historiografia da psicanálise com crianças resgata a construção da infância desde a antiguidade até o momento atual, utilizando autores como Postman, Elkind e Ariès. Saúde Mental do Trabalhador em Tempos de Pandemia discute a saúde do trabalhador, em tempos de pandemia, a partir da vivência de uma

psicóloga clínica que atendeu trabalhadores de várias categorias profissionais, durante esse período. A leitura desses artigos pode ampliar a compreensão sobre os temas abordados.

Nominata de Pareceristas

André Sanches, Faculdade da Alta Paulista (FAP), Tupã, São Paulo, Brasil.

Andréia Fresneda da Silva, Faculdade da Alta Paulista (FAP), Tupã, São Paulo, Brasil.

Andrey Teixeira Borges, Centro Universitário de Adamantina (Unifai), Adamantina, São Paulo, Brasil.

Cristiane Pereira Marquezini, Faculdade da Alta Paulista (FAP), Tupã, São Paulo, Brasil.

Daniele Cristina Scaliante, Faculdade da Alta Paulista (FAP), Tupã, São Paulo, Brasil.

Fernando Borges Ferreira, Faculdade da Alta Paulista (FAP), Tupã, São Paulo, Brasil.

Iúri Yrving Müller da Silva, Faculdade da Alta Paulista (FAP), Tupã, São Paulo, Brasil.

Juliana Edwiges Martinez, Faculdade da Alta Paulista (FAP), Tupã, São Paulo, Brasil.

Leonardo Lemos de Souza, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Assis, São Paulo, Brasil.

Marcos de Oliveira Santos, Faculdade da Alta Paulista (FAP), Tupã, São Paulo, Brasil.

Paulo Roberto Quemelo, Universidade de Franca (Unifran), Franca, São Paulo, Brasil.

Paulo Sérgio da Silva, Centro Universitário de Adamantina (Unifai), Adamantina, São Paulo, Brasil.

Reinaldo Camacho, Faculdade da Alta Paulista (FAP) Tupã, São Paulo, Brasil.

Rita de Cássia Alves Nunes, Faculdade da Alta Paulista (FAP), Tupã, São Paulo, Brasil.

Direitos autorais 2020 Revista Ciências da FAP (São Paulo, 2020)

ADMINISTRAÇÃO

MULHERES EMPREENDEDORAS: a evolução do empreendedorismo feminino no Brasil

Alicia Isabela Garbato¹
Daniele Evangelista dos Santos¹
Nicoli Carolini de Lázari Hatano²

¹Graduada em Administração pela Faculdade da Alta Paulista – FADAP/FAP – Tupã/SP.

¹ Graduada em Administração pela Faculdade da Alta Paulista – FADAP/FAP – Tupã/SP.

² Mestre em Agronegócio e Desenvolvimento pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP – Tupã/SP e docente do curso de Administração da Faculdade da Alta Paulista – FAP – Tupã/SP.

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar o empreendedorismo feminino no Brasil. Especificamente, pretende-se descrever o perfil das mulheres empreendedoras, apontar os possíveis fatores que dificultam o empreendedorismo feminino, e discutir ações públicas que incentivam o empreendedorismo feminino. O estudo será feito por meio de uma análise de dados secundários para o período de 2003 a 2013, oriundos do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), será discutida a atuação das mulheres neste setor. Este estudo permitirá ter uma visão mais ampla do cenário de atuação das mulheres empreendedoras, o que permite discutir fatores como o grau de escolaridade, a idade média, em que elas empreendem, as dificuldades enfrentadas, o aumento de empregadoras e as ações que o governo disponibiliza de apoio aos empreendimentos. Observou-se crescimento positivo do empreendedorismo feminino no Brasil, no período analisado. Em relação às regiões do país, o Sudeste apresentou uma evolução significativa comparada às demais regiões. Há ações governamentais que oferecem linhas de crédito que estimulam a inserção das mulheres neste ramo, todavia, ainda há déficit. Percebeu-se que há dificuldades para a inserção das mulheres no mercado empreendedor, porém tais barreiras não impedem o crescimento do empreendedorismo feminino no país. As mulheres exercem grande influência na economia do país, o que pode incentivar outras mulheres na atuação profissional como empreendedoras.

Palavras-Chave: Empreendimento. Mercado de Trabalho. Perfil empreendedor.

1. INTRODUÇÃO

O Empreendedorismo feminino cresce constantemente, no Brasil. Cada vez mais, quebra as barreiras da sociedade e contribui, economicamente, para o desenvolvimento contínuo do país. Conforme Sebrae (2015), 7,3 milhões de mulheres estiveram à frente de empresas no Brasil, em 2013, o que representa 31,1% de todos os donos de negócios do país.

O empreendedorismo apresenta obstáculos que dificultam o processo de empreender. Em se tratando das mulheres, tais obstáculos tendem a ser ainda maiores. A imagem das mulheres, algumas vezes, está associada às tarefas domiciliares, aos cuidados com seus filhos e com toda a responsabilidade do lar.

Muitas mulheres têm sonhos de ter seu próprio negócio, começar o seu empreendimento e, muitas vezes, encontram dificuldades para empreender. “Apesar da importância social e econômica que a mulher ganhou ainda mais com o empreendedorismo, ainda há limitações que dificultam um número maior de empreendedoras.” (LOIOLA, 2016, p. 1).

Frente a este cenário, o objetivo deste estudo é analisar o empreendedorismo feminino no Brasil. Especificamente será possível descrever o perfil das mulheres empreendedoras, apontar os possíveis fatores que dificultam o empreendedorismo feminino, e discutir ações públicas que incentivam o empreendedorismo feminino. Por meio de uma análise de dados secundários oriundos do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE 2014) será discutida a atuação das mulheres neste setor.

A relevância que o empreendedorismo feminino tem para o mercado de trabalho será destacada neste artigo, contribuindo assim para a economia e podendo incentivar outras mulheres. Este estudo ainda permitirá ter uma visão mais ampla do cenário de atuação das mulheres empreendedoras, bem como da evolução da participação profissional e das dificuldades encontradas, o que possibilita encontrar e propor medidas que facilitem este processo.

Além desta introdução, o artigo apresenta uma revisão bibliográfica sobre o empreendedorismo feminino, a metodologia adotada no trabalho, a discussão dos resultados, que permitirá alcançar os objetivos propostos, e as considerações finais do estudo.

5. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: EMPREENDEDORISMO FEMININO

O empreendedorismo possui um vasto caminho de possibilidade de pesquisa. De acordo com Dornelas (2007) empreender é a arte de fazer acontecer, de transformar sonhos em realidade. Empreendedores não se contentam com a mesmice, sempre inovam e são comprometidos com seus sonhos. Para eles, empreender é uma realização de vida. A cada ano o número de empreendedores se eleva.

Em uma análise feita no Brasil, no período entre 2010 e 2014, obteve-se um significativo e marcante aumento dos empreendedores individuais. Em 2010, o número de mulheres empreendedoras era de 352.465 contra 426.303 homens empreendedores. Já em 2014, esse número cresceu quase seis vezes, com 2.154.580 mulheres e 2.392.569 homens empreendedores, o que revela um crescimento contínuo e relevante do empreendedorismo, no mercado de trabalho (SEBRAE, 2014-2015).

Empreender remete a um processo de identificar oportunidades e gerar, na maioria das vezes, algo inovador, assumindo riscos e sob condições de incerteza. Persistência e uma visão de futuro apurada estão presentes nesse processo. Isso vale para o empreendedorismo no geral. No empreendedorismo feminino não é diferente, entretanto, recebe uma sobrecarga ainda maior. O preconceito, a falta de ajuda financeira e falta de apoio familiar ainda são fatores presentes no cotidiano. Algumas vezes, as mulheres ainda são associadas às atividades domésticas e criação dos filhos, e os homens à função de exercer o trabalho “fora de casa”.

Muitos ainda têm uma visão de que a mulher é sempre associada aos serviços domésticos, segundo Strobino e Teixeira (2014). Essa situação de reprodução da dominação masculina coloca as mulheres em uma posição desfavorável do ponto de vista de seu reconhecimento social, além de contribuir para a divisão injusta de tarefas, tanto no trabalho como dentro de casa. Tais dificuldades poderiam trazer certo desestímulo à abertura de negócios.

Mas ainda assim, alguns aspectos levam as mulheres a empreender, a abrir seus próprios negócios. Segundo Anderson e Woodcock (1996, apud Jonathan, 2011), os motivos para empreender são: sobrevivência, insatisfação

com liderança masculina, descoberta de um nicho de mercado, realização pessoal, empoderamento, independência perante o homem. Isso enfatiza o fato de que as mulheres se sentem cada vez mais confiantes para a realização de planos, podendo cuidar do “lar”, atuar como mãe, esposa, ou conciliar todas essas atividades, o que inclui família, trabalho e vida pessoal. Além disso, o empreendedorismo, especialmente o feminino, gera empresas, empregos, renda, motiva outras mulheres, influencia a economia e, a cada dia, as mulheres avançam no mercado de trabalho e alcançam maior autonomia sobre decisões pessoais e profissionais.

Machado, Gazola e Anez (2013) confirmam o fato de que, mesmo frente a dificuldades, as mulheres buscam empreender, e ressaltam a importância da discussão deste tema. Segundo os autores, a criação de empresas por mulheres e, especificamente, as razões e dificuldades que elas têm para criar seus próprios negócios ainda são pouco discutidas, e esse conhecimento é importante, pois as condições para criação de negócios são escassas. Outras possíveis empreendedoras poderiam obter informações importantes, caso esses relatos fossem registrados.

O futuro do empreendedorismo feminino tem grande potencial de crescimento no Brasil e no mundo. Um crescimento que se deve, em grande parte, ao avanço da mulher no mercado de trabalho, uma realidade que contribui muito para a economia regional e nacional.

5. METODOLOGIA

Este trabalho baseia-se em uma análise de dados secundários, referentes à participação das mulheres no mercado empreendedor. Os dados apresentados foram obtidos por meio do anuário das mulheres de 2015 do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas). Os dados correspondem ao período de 10 anos: 2003 a 2013. Gráficos e tabelas serão apresentados para melhor visualização e comparação dos resultados do artigo.

Torna-se viável, neste trabalho, apresentar alguns elementos que obtiveram uma maior evolução durante o período analisado, assim como

critérios seguidos para traçar um possível perfil dessas mulheres, tais como: grau de escolaridade, média de idade em que elas empreendem, setor de atividade econômica, principais atividades exercidas e empregadores, segundo o sexo.

O setor de atividade econômica considera: comércio, prestação de serviço, indústria, área agrícola e construção. Já as principais atividades exercidas consideram: serviços de alimentação, comércio de artigos de vestuário e calçados; cabeleireiros e outros tratamentos de beleza; construção civil; comércio de produtos alimentícios, bebidas e fumo; serviços de reparação e manutenção de veículos automotores.

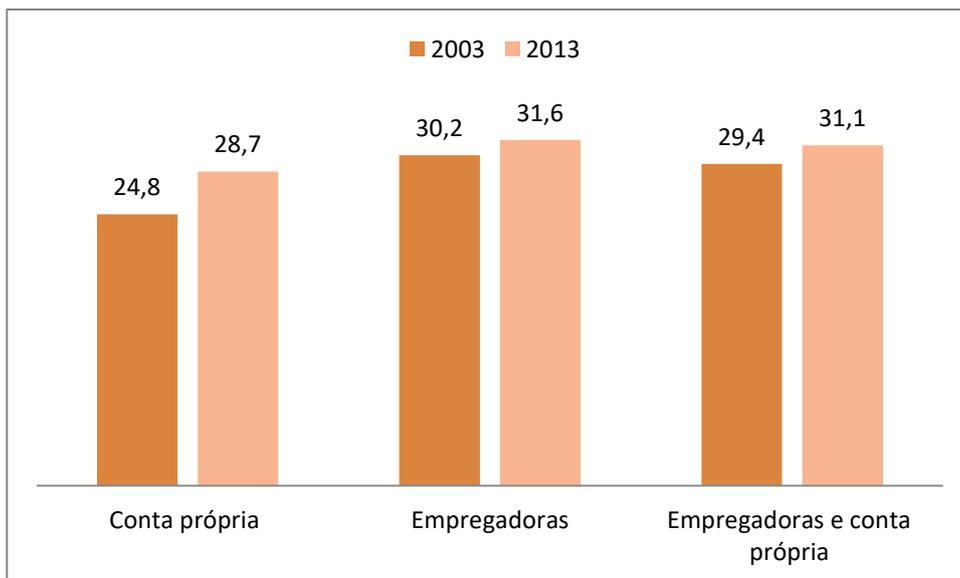
4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Segundo Damasceno (2010), o papel da mulher na sociedade era muito bem definido: dona de casa, responsável pelo zelo e bem-estar dos filhos e da casa, constantemente submissa aos pais ou ao marido, não tendo direito algum de expor suas vontades e seus sonhos. Porém, a realidade hoje é outra, houve grande revolução no comportamento das mulheres. Elas buscaram maior espaço, especialmente, no mercado de trabalho.

Pesquisa feita pelo SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) mostra que 7,3 milhões de mulheres estão à frente de empresas no Brasil, representando 31,1% de todos os donos de negócios do País, no ano de 2013.

É possível perceber por meio dos dados que, por mais que os homens predominem no mercado empreendedor, o crescimento das mulheres nesse meio é contínuo.

Gráfico 1- Evolução da participação das mulheres no total de empregadoras e por conta própria, Brasil, 2003-2013 (em %).

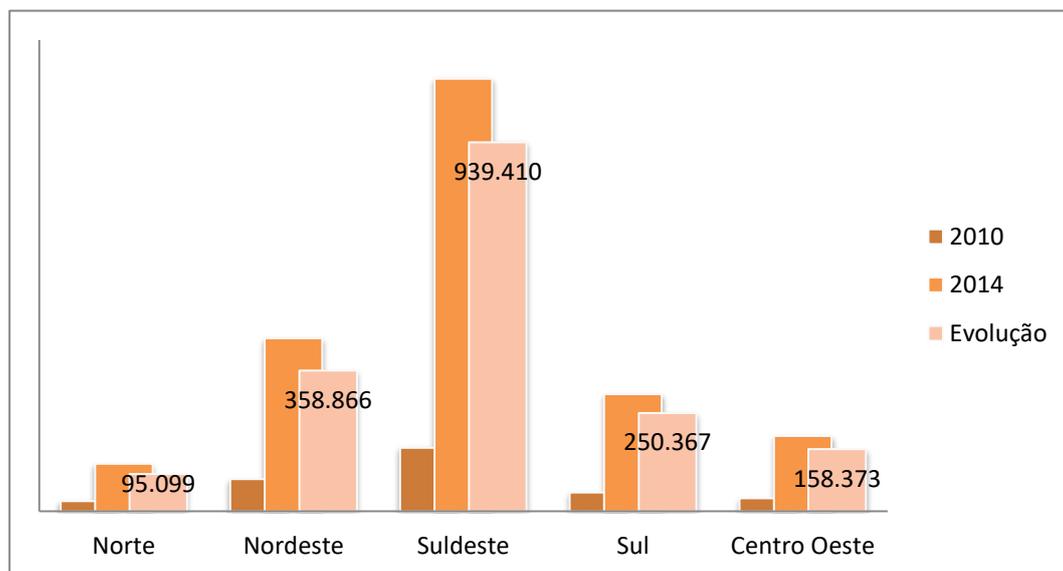


Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados SEBRAE (2014/2015).

A força de trabalho das mulheres possui grande representatividade para a sociedade, para o mercado de trabalho, o país e a economia. No ano de 2010, período inicial da análise, constata-se que o empreendedorismo feminino no Brasil apresentava números baixos, quando comparados a 2014, em que o total de mulheres que começavam o seu próprio negócio foi de 2.154.580, um aumento de aproximadamente 600%.

A crescente participação das mulheres no empreendedorismo no Brasil mostra um grande impulso para a economia e para o desenvolvimento do país, podendo assumir diferentes papéis, assim como o de criar e gerenciar seu próprio negócio. Segundo Jonathan (2005), as empreendedoras inovam buscando, muitas vezes, alguns desafios. Criam ideias de negócios e assumem lideranças nas mais diferentes áreas.

Gráfico 2- A evolução de empreendedoras individuais nas Grandes Regiões, 2010 a 2014.



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados SEBRAE (2014/2015).

A maior parte da concentração do aumento de empreendedoras individuais encontra-se na região Sudeste do Brasil, com crescimento de 939.410 mulheres empreendedoras. A segunda grande região com o maior índice de crescimento foi o Nordeste, com um aumento de 358.866 mulheres empreendedoras. Com o menor crescimento, nesse período, aparece o Norte, com apenas 95.099.

Quando se considera o setor de atividade econômica, o maior foco de empreendedoras individuais entre 2003 a 2013 está direcionado para a área de comércio com 42,8%, competindo com a prestação de serviços com 38,7%. Outras áreas também analisadas foram indústria com 12,4%, área agrícola 5,7%, e construção com 2%. Vale ressaltar que a área de comércio e prestação de serviços possui o maior índice não somente para as mulheres, como também para os homens empreendedores. Neste caso, observa-se atuação dos homens no comércio com 33,9% e prestação de serviços com 24,9%. Já na área agrícola e construção, os homens possuem um índice maior, comparativamente, ao da atuação das mulheres, sendo na área agrícola com 19,2% e indústria com 13,4%. No setor de construção, o índice foi de 8,5%.

Foram analisadas também as principais atividades exercidas por homens e mulheres em 2013. Nota-se que as mulheres atuaram com maior

representatividade, 12,8%, na área de serviços de alimentação. Em segundo lugar, aparece o comércio de artigos de vestuário e calçados, com 12,5%, e em terceiro lugar, cabeleireiros e outros tratamentos de beleza com 7,4%. Os homens atuaram com maior representatividade na área de construção civil, 12,3%. Em segundo lugar, aparece o comércio de produtos alimentícios, bebidas e fumo com 8,1%, e por fim, em terceiro lugar, com 7,6%, nota-se a área de serviços de reparação e manutenção de veículos automotores.

Na análise feita do período entre 2003 e 2013, no quesito escolaridade, pode-se notar destaque para as mulheres. Dentro de 10 anos, as mesmas apresentam um nível de escolaridade superior ao nível dos homens. Entre os empregadores, o nível de educação superior é maior também para as mulheres: 41,7% para os homens e 53,8% para as mulheres.

Em relação às empregadoras, pode-se notar que apenas 2,6% são analfabetas. Isso afirma que as mulheres, mesmo com certas dificuldades de inserção no mercado de trabalho, vivenciadas há anos, revelam um cenário diferente atualmente, buscando agregar cada vez mais conhecimento, aumentando o nível de escolaridade e capacitação.

Tabela 1- Distribuição do nível de escolaridade por sexo, 2013 (em %).

	Mulheres	Homens
Sem declaração ou não determinado	11,1	7,8
Superior completo	53,8	41,7
Médio completo ou Superior incompleto	4,6	5,5
Fundamental completo ou Médio incompleto	12,2	12
Fundamental incompleto	15,7	28,4
Sem instrução	2,6	4,5

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados SEBRAE (2014/2015).

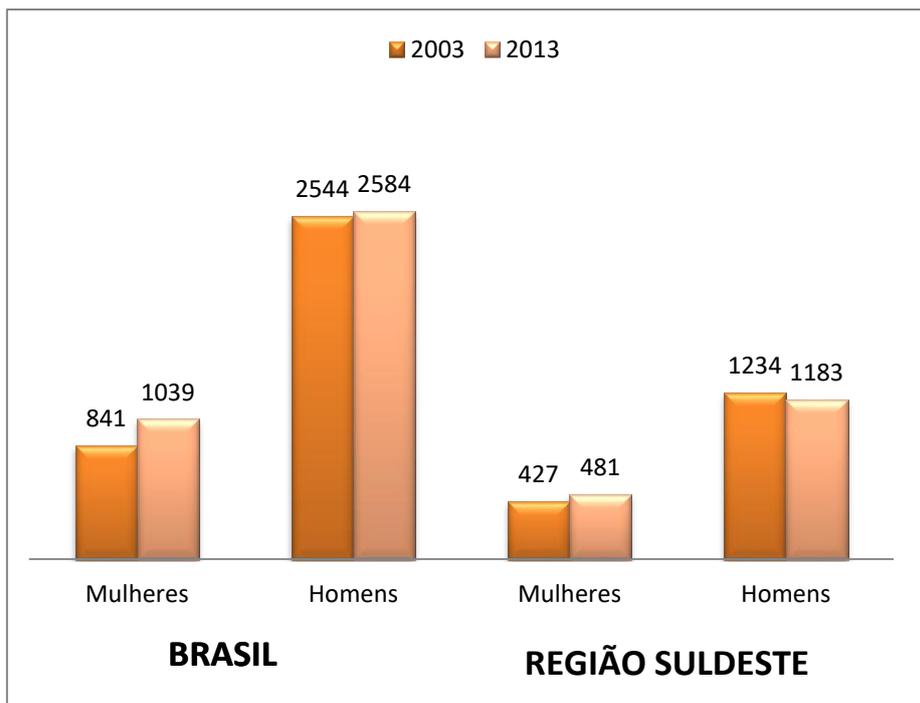
Sobre a idade, observa-se que a maioria das mulheres empreendedoras, de acordo com pesquisa realizada pelo Sebrae, possui uma idade média entre 30 e 39 anos, sendo 30,6% pertencentes a essa faixa etária. Supõe-se que mulheres mais experientes com o mercado de trabalho têm maior propensão a empreender, talvez pelas situações já enfrentadas em empregos anteriores e por possuir maior bagagem de conhecimento sobre a atuação profissional.

Muitas dessas empreendedoras são casadas, mães. Talvez a responsabilidade de assumir despesas do lar, a demissão de um emprego repentinamente, ou até mesmo a vontade de colocar em prática ideias de negócios, contribuam para a criação de empresas no país, especialmente com iniciativa de mulheres. Foi possível observar, por meio dos dados, em quais categorias, segundo o estado civil, as mulheres empreendedoras se enquadram. Casadas predominam as análises com índice de 47%, em segundo lugar aparecem as mulheres solteiras com 26%, em terceiro lugar com 11% as divorciadas, e logo após, com um índice um pouco menor, viúvas com 5%, união estável com 4%, e 7% outros.

Algumas mulheres buscam realização pessoal por meio de funções que gostem de realizar no ambiente de trabalho. Empreendedoras podem expor a maneira como pensam e definir regras, relativamente com maior liberdade do que em alguns empregos, em que funcionários não têm funções satisfatórias ou motivação e entendimento das regras já estabelecidas.

No período de 2003 a 2013, o número de empregadores homens, comparativamente ao número de mulheres é maior, contudo, a participação feminina cresceu no Brasil. O número de empregadoras elevou-se para 1.039.000, um aumento de 198.000 empregadoras. Em relação aos homens, o aumento foi menor, de 2.544.000 empregadores para 2.584.000, um crescimento de 40.000 pessoas. Com foco para a região Sudeste, a qual já apresentou destaque em relação ao empreendedorismo, percebe-se que a quantidade de homens empregadores diminuiu 4,13% e das mulheres teve um aumento de 12,65%, o que afeta com intensidade o mercado de trabalho.

Gráfico 3- Evolução da estimativa de empregadores por sexo, Brasil e Região Sudeste, 2003 a 2013 (em 1.000 pessoas).



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados SEBRAE (2014/2015).

O empreendedorismo apresenta algumas dificuldades, como falta de apoio familiar e do cônjuge, cobranças profissionais e pessoais, diversificação do mercado de trabalho, dentre outras, que podem acabar acarretando no surgimento de barreiras para os empreendedores, homens ou mulheres. Contudo, além dessas barreiras já impostas a qualquer empreendedor, existem as que afetam com maior intensidade o empreendedorismo feminino.

Os inúmeros papéis incorporados pela mulher podem ser considerados como barreiras, pois a mesma pode acumular muitas funções ao mesmo tempo. Este acúmulo de tarefas, tanto pessoais quanto profissionais, caracteriza a dupla jornada. Com isso podem ficar mais vulneráveis ao surgimento de conflitos e cansaço.

A vontade de exercer todas as tarefas com a mesma excelência pode levar à exaustão. Além disso, existem outras dificuldades, conforme Alperstedt, Ferreira e Serafim (2014), como a inserção da mulher em determinados setores, no mercado de trabalho.

Mas, acredita-se que, mesmo com essas dificuldades mencionadas e outras vivenciadas no cotidiano das mulheres, com realidades completamente diferentes, elas continuam investindo em ideias e empreendimentos, conforme confirmado pelo crescimento da atuação feminina neste setor. Atualmente,

homens e mulheres empreendem em áreas diversas, que antes eram associadas a homens ou a mulheres especificamente. Como exemplo, os setores de comércio e de prestação de serviços possuem um maior percentual em ambos os gêneros, o que mostra que as áreas de atuação estão abertas para homens e mulheres.

Outra dificuldade existente é a possibilidade de críticas por necessitar de ajuda de terceiros, ou delegar as tarefas de casa para outras pessoas, o que gera um sentimento de culpa por, muitas vezes, não acompanhar o crescimento dos filhos, ou desfrutar dos momentos em família. A relação com o cônjuge pode ser um apoio, força, equilíbrio emocional, ou pode ser tornar um meio de conflito e obstáculo. Essa dupla jornada feminina pode não ser bem aceita por alguns.

Segundo Alperstedt, Ferreira e Serafim (2014), um fator que pode contribuir para o aumento da pressão vivenciada por essas mulheres é a falta de colaboração por parte dos filhos ou do cônjuge. Na busca pelo equilíbrio entre trabalho e família, as empreendedoras buscam o controle de emoções, assim como dos horários de trabalho, buscando não potencializar esses atritos.

Frente a tais dificuldades encontradas para empreender, existem alguns programas governamentais voltados para o empreendedorismo. No período entre 2010 a 2014, microempreendedores foram atendidos pelo Programa Nacional de Microcrédito Produtivo Orientado. Nota-se que as mulheres, tanto em 2010 como em 2014, possuem um índice elevado em comparação aos homens. Em 2010, obtiveram-se 1.349.974 (65,2%) de mulheres atendidas, e 721.633 (34,8%) homens atendidos. Percebe-se que o percentual de mulheres atendidas é quase o dobro de homens.

Em 2014 não é diferente, a maior parte de pessoas atendidas é de mulheres: 3.530.186 (63,9%) mulheres atendidas e 1.997.369 (36,1%) homens atendidos pelo programa. O Programa Nacional de Microcrédito Produtivo Orientado tem por objetivo a inserção de empreendedores no mercado de trabalho, sendo assim, disponibilizam as pessoas físicas e jurídicas, empreendedoras de atividades produtivas de pequeno porte, com renda bruta mensal de até R\$ 120 mil, um crédito para que consigam colocar em prática seus negócios.

Tabela 2- Distribuição dos microempreendedores atendidos pelo Programa Nacional de Microcrédito Produtivo Orientado, segundo sexo – Brasil, 2010-2014.

	2010	2010	2014	2014
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Em n. absolutos	721.633	1.349.974	1.997.369	3.530.186
Em %	34,8	65,2	36,1	63,9

Fonte: Elaborado pelo autor, segundo dados disponibilizados pelo SEBRAE – 2014-2015.

Vale destacar também a importância do Plano Nacional de Políticas Públicas para Mulheres, segundo Natividade (2009) esses programas visam à autonomia e igualdade no mundo do trabalho e cidadania. Eles buscam promover a autonomia econômica e financeira das mulheres por meio de apoio ao empreendedorismo, educação inclusiva e não sexista, influenciam no encorajamento dessas mulheres a conquistarem seu espaço.

A Secretaria de Políticas para Mulheres – SPM , a Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais do Brasil (BPW Brasil) e o Banco da Mulher (BM), em parceria com o Sebrae, concretizaram o “Prêmio Mulher de Negócios”, que visa à valorização e ao estímulo ao empreendedorismo feminino. Esse prêmio é o reconhecimento nacional às mulheres que transformaram seus sonhos em realidade.

É preciso criar mais oportunidades para que as mulheres atuem como empreendedoras, não somente por necessidade, mas por se capacitarem e se planejarem para isso. Neste caso, políticas públicas podem facilitar o processo de criação de empreendimentos.

Segundo Jonathan (2013), propiciar mudança econômica e social, com projeções e ações voltadas para as mulheres pode ser o objetivo de algumas políticas. Tal mudança não é somente pelo empoderamento feminino, mas sim pela contribuição dada por essas empreendedoras à economia do país. O empreendedorismo feminino demonstra, assim, seu potencial para promover uma progressiva transformação no sistema social e econômico.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo analisar o empreendedorismo feminino no Brasil. Especificamente buscou-se descrever o perfil das mulheres empreendedoras, apontar os possíveis fatores que dificultam o empreendedorismo feminino, e discutir ações públicas que incentivam o empreendedorismo feminino.

Observou-se uma idade mais recorrente entre mulheres empreendedoras, que varia entre 30 e 39 anos, 30,6% pertencem a essa faixa etária. Comparativamente às demais idades, essa classificação obteve uma relevância maior. Supõe-se que mulheres mais experientes com o mercado de trabalho têm maior propensão a empreender, talvez pelas situações já enfrentadas em empregos anteriores e pela bagagem de conhecimento sobre a atuação profissional.

A evolução das mulheres, enquanto empreendedoras, foi verificada, mas ainda assim existem dificuldades que criam barreiras para empreender. Algumas variáveis interferem nesse processo, tais como: discriminação pelo sexo, dificuldade de conciliação entre família e empresa, falta de apoio familiar, entre outros.

Em relação às ações disponibilizadas pelo governo de apoio à mulher empreendedora, notou-se que existem ações que oferecem linhas de crédito que estimulam a inserção no empreendedorismo. Todavia, ainda há déficit, pois mesmo com tal oferta existem mulheres que não têm acesso a esses programas, e as que têm acesso, muitas vezes, não conseguem a aprovação de crédito.

As análises mostraram a evolução por regiões do país e notou-se uma diferença significativa na região Sudeste entre os anos de 2003 a 2013, sendo a região com maior destaque de mulheres empreendedoras.

Desta forma, percebeu-se que há dificuldades para a inserção das mulheres no mercado empreendedor, porém tais barreiras não impedem o crescimento do empreendedorismo feminino no país, o qual foi crescente entre 2003 e 2013. As mulheres apresentam aumento de participação neste ramo e exercem grande influência na economia do país, o que pode incentivar outras mulheres na atuação profissional como empreendedoras.

ENTREPRENEURIAL WOMEN: the evolution of female entrepreneurship in Brazil

ABSTRACT

The aim of this study is to analyze female entrepreneurship in Brazil. Specifically, it is intended to describe the profile of women entrepreneurs, to point out possible factors that hinder female entrepreneurship, and to discuss public actions that encourage female entrepreneurship. The study will be done through an analysis of secondary data for the period from 2003 to 2013, coming from the Brazilian Service of Support to Micro and Small Enterprises (SEBRAE), will be discussed the performance of women in this sector. This study will allow to have a broader view of the scenario of the performance of women entrepreneurs, which allows to discuss factors such as the level of education, the average age in which they undertake, the difficulties faced, the increase in employers and the actions that the government provides support to enterprises. There was a positive growth in female entrepreneurship in Brazil in the analyzed period. In relation to the country's regions, the Southeast showed a significant evolution compared to the other regions. There are government actions that offer credit lines that encourage the insertion of women in this branch, however, there is still a deficit. It was noticed that there are difficulties for the insertion of women in the entrepreneurial market, however such barriers do not hinder the growth of female entrepreneurship in the country. Women have a great influence on the country's economy, which can encourage other women to work as entrepreneurs.

Keywords: Enterprise. Labor market. Entrepreneurial profile.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALPERSTEDT, G. D.; FERREIRA, J. B.; SERAFIM, M. C. Empreendedorismo Feminino: Dificuldades Vivenciadas em Histórias de Vida. In. **Encontro de estudos em empreendedorismo e gestão de pequenas empresas (EGEPE)**, VIII, 2014, Goiânia. Disponível em: <<http://www.egepe.org.br/anais/tema07/266.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2019.

DAMASCENO, L. D. J. **Empreendedorismo feminino: um estudo das mulheres empreendedoras com modelo proposto por Dornelas**. Fortaleza: Faculdade 7 de Setembro, 2010. 54 f. Monografia (graduação) – Curso de Graduação em Administração de Empresas, Faculdade 7 de Setembro, Fortaleza, 2010.

DORNELAS, J. **Empreendedorismo na prática: mitos e verdades do empreendedor de sucesso**. 3. Ed. LTC: São Paulo. 2007.

JONATHAN, E. G. Mulheres empreendedoras: medos, conquistas e qualidade de vida. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 14 n. 5, São Paulo, Set./Out. 2013.

JONATHAN, E. G. Mulheres empreendedoras: o desafio da escolha do empreendedorismo e o exercício do poder. **Psicologia Clínica**. V. 23, n.1, Rio de Janeiro, 2011.

LOIOLA, C. C. **Mulher empreendedora**: Dificuldades e preconceitos. Rio de Janeiro: pontifícia universidade católica do rio de janeiro, 2016. P.1. Rio de Janeiro. 2016. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/29910/29910.PDF>. Acesso em: 27 jul. 2019.

MACHADO, H. P. V.; GAZOLA, S. ANEZ, M. E. M. Criação de empresas por mulheres: um estudo com empreendedoras em Natal-Rio Grande do Norte. **Revista de Administração Mackenzie**, v.14, n. 5, São Paulo, Set./Out. 2013.

NATIVIDADE, D. Empreendedorismo no Brasil: políticas públicas sob análise. **Revista de Administração Pública**, v. 43, n.1, Rio de Janeiro. Jan./Fev. 2009.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Anuário das mulheres empreendedoras e trabalhadoras em micro e pequenas empresas**. 2014. 2. ed. Brasília, DF: DIEESE, 2014. Disponível em:<www.sebrae.com.br>. Acesso em 30 mar. 2019.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Anuário das mulheres empreendedoras e trabalhadoras em micro e pequenas empresas**. 2015. 3. ed. Brasília, DF: DIEESE, 2015. Disponível em:<www.sebrae.com.br>. Acesso em 30 mar. 2019.

STROBINO, R. M.; TEIXEIRA, M. R. C.. Empreendedorismo feminino e os desafios enfrentados pelas empreendedoras para conciliar os conflitos trabalho e família: estudo de casos múltiplos em agências de viagens. **Revista Administração**, São Paulo, v.49, n.1, p.59-76, jan./fev./mar. 2014.

BIOMEDICINA

FREQUÊNCIA DE PARASIToses INTESTINAIS, NA POPULAÇÃO ATENDIDA, NO LABORATÓRIO MUNICIPAL DE ANÁLISES CLÍNICAS DE TUPÃ-SP

Amanda Daniela dos Santos Kanashiro¹; Ana Beatriz Ratto Gorzoni²

1. Graduada em biomedicina pela Faculdade da Alta Paulista (FADAP FAP) Tupã/SP.

2. Biomédica - CRBM: 25685.

Doutoranda em "Fisiopatologia e saúde animal", na Unoeste Presidente Prudente/SP; Mestre em "Saúde e Envelhecimento" pela Famema Marília/SP; Especialista em Docência no Ensino Superior.

RESUMO

Parasitoses intestinais são doenças causadas por parasitas que acometem o intestino. Eles podem chegar ao organismo de seus hospedeiros por meio da penetração em orifícios, ingestão de água e alimentos, por exemplo, carnes e vegetais. Como todos os outros seres vivos, os protozoários necessitam de um ambiente adequado e propício para a sua instalação, para assim, se desenvolverem e se reproduzirem, em seus hospedeiros. Ainda é muito comum a ocorrência de parasitoses intestinais, principalmente, por protozoários, sendo adquiridas por água ou alimentos contaminados. **Objetivos:** No presente estudo foram avaliados os resultados dos exames parasitológicos de fezes de apenas uma amostra, a fim de avaliar a frequência dos resultados positivos dos pacientes que deram entrada no Laboratório Municipal de Análises Clínicas de Tupã – São Paulo. **Materiais e Métodos:** Os dados foram coletados, usando sistema eletrônico de informação, por dados estatísticos. **Resultado e Discussão:** Dos 312 exames analisados, houve uma relevância considerável na frequência de *Giardia lamblia* seguido de *Entamoeba coli*. Outro achado importante foi a faixa etária de crianças entre 4 a 10 anos e os pré-adolescentes de 10 a 15 anos, que foram os mais acometidos. Por esse motivo, é relevante citar a cartilha personalizada como um método de informação às crianças sobre higiene e cuidados básicos de saúde, e a campanha de conscientização que é uma forma de prevenção para transmissões de doenças desse tipo.

Palavras-chave: Parasitoses intestinais. protozoários. *Giardia lamblia*.

1. Introdução

Parasitoses intestinais são doenças causadas por parasitas que acometem o intestino. Eles podem chegar ao organismo de seus hospedeiros por meio da penetração em orifícios, ingestão de água e alimentos, por exemplo, carnes e vegetais. Sendo assim, hospedeiro e ambiente interferem na vida de um parasita, trazendo a ele condições adequadas ou não para a reprodução e sua manutenção (Rocha, 2013).

Há uma grande influência das condições de saneamento básico sobre as prevalências de doenças parasitárias, levando em conta que elas podem ocorrer por meio de ingestão e consumo de alimentos e água contaminados. Devido a isso, as parasitoses intestinais são um grande problema, que se torna cada vez mais comum, na saúde pública e em países subdesenvolvidos (Schanck *et al*, 2003).

São inúmeros os fatores que se referem ao esgotamento sanitário, podendo ser citados a carência de instrumentos de regulamentação, política pública e a insuficiência da aplicação dos recursos (Galvão, 2009). Há uma grande diversidade geográfica no Brasil, seja ela social, ou relacionada ao clima, ou à economia, que pode refletir na extensa variedade de enteropatógenos, que causam diarreia (Schanck *et al*, 2003).

Os helmintos e protozoários são os causadores das parasitoses intestinais, desde que ao menos uma das fases do seu ciclo evolutivo ocorra de forma a parasitar os seres humanos, especialmente, no sistema digestivo (Ferreira *et al.*, 2004). Estão entre as patologias classificadas como as mais comuns do globo terrestre. Ocorrem na grande maioria dos casos, de forma regional, em países do terceiro mundo, o que se torna um grande problema de Saúde Pública (Monteiro *et al*, 1986; WHO, 1987; Monteiro, 1995).

Há vários termos usados para indicar as fases de um parasita, por exemplo, trofozoíta, cisto, ovos e larvas. A explicação para trofozoíta é que essa fase indica que o protozoário está em vida ativa, na qual ele se reproduz, se alimenta e se locomove. Os cistos se diferem dos trofozoítas, pois eles se encontram em uma fase de vida mais restrita à movimentação e reprodução; a sua vantagem é que eles são mais resistentes em ambientes adversos (Rocha, 2013).

Como todos os outros seres vivos, os protozoários necessitam de um ambiente adequado e propício para a sua instalação, para assim, se

desenvolverem e se reproduzirem. Nos dias atuais, ainda é muito comum que a população seja acometida por protozoários encontrados na água e em alimentos, sendo mais comuns os mesmos, do que os helmintos. Mesmo com tanta frequência, ainda assim se torna difícil localizar regiões afetadas por protozoários, que, quando não diagnosticados e tratados, podem causar prejuízos e doenças.

Por isso, há uma grande relevância em estudos sobre a prevalência das parasitoses intestinais o que também revela a importância de conhecer as principais informações e cuidados, em relação à contaminação e proliferação dos protozoários.

1.1 Amebas

As amebas constituem um grupo de protozoários disperso, em praticamente todo o ambiente, como água, solo e ar. Esporadicamente parasitam o homem e são encontrados, muitas vezes, em água para consumo humano (Page, 1970; Rivera *et al.*, 1991).

Existe uma variedade de espécies de amebas de vida livre que, normalmente, não confere processos patológicos ao homem, entretanto uma patologia, denominada amebíase, pode ser associada por uma espécie das amebas (Ferreira, 2012; Rocha, 2013).

1.1.1. Amebíase

A amebíase é uma típica doença de transmissão orofecal, cuja profilaxia depende de condições sanitárias e também de uma educação sanitária. O termo amebíase se refere ao parasitismo humano por meio da *Entamoeba histolytica* (*E. histolytica*) e/ou *Entamoeba dispar*. Pode vir ou não acompanhado de manifestações clínicas (Ferreira, 2012).

Infecção por *Entamoeba histolytica* pode causar uma disenteria e até complicações mais sérias. Entre todas as amebas diferentes existentes, ela é a única considerada patogênica. É transmitida principalmente por via fecal-oral. A manifestação da doença parece ser mais comum em crianças do que em adultos. No Brasil, a prevalência de *E. histolytica* é baixa nas regiões Centro-

Oeste, Nordeste, Sudeste e Sul. Na região Norte, a prevalência é alta no estado do Pará (Rocha, 2013).

As síndromes diarreicas e disentéricas correspondem a 90% dos casos de amebíase intestinal invasiva. Cerca de 3 a 10% dos portadores assintomáticos da amebíase, se não forem tratados, desenvolvem sintomas de doença invasiva ao final de 1 ano de seguimento (Ferreira, 2012).

Os indivíduos que ingerem cistos de *E. histolytica* podem infectar-se ou não. Os cistos são as únicas formas com condições para sobreviver em ambiente externo, responsáveis pela transmissão ao próximo hospedeiro (Ferreira, 2012).

Cistos dessa espécie podem ser encontrados em alimentos e água infectados por fezes, por meio da manipulação de alimentos. Na forma cística, seu diâmetro é de 10-20 μm , com quatro núcleos em cistos maduros, e os imaturos com até dois núcleos. Contêm cromatina periférica fina, com grânulos uniformes. Na forma trofozoíta, ela apresenta tamanho de 10-16 μm , com apenas um núcleo e com cromatina periférica com finos grânulos de tamanho uniforme (Rocha, 2013).

A transmissão pode ocorrer de forma direta e indireta. Na direta, pode ser por meio de mãos não higienizadas, considerando que os cistos podem permanecer viáveis por 45 minutos, nas unhas. Na forma indireta, seria por meio de manipulação de alimentos e objetos, contaminação de alimentos, na água, pois os cistos podem manter-se viáveis por até 10 dias em temperatura ambiente (Rocha, 2013).

O diagnóstico laboratorial de amebíase intestinal pode ser realizado, rotineiramente, por meio de exames parasitológicos de fezes, onde é possível a visualização do parasita (Ferreira, 2012).

O tratamento irá depender da forma clínica que se encontra o paciente. Pode-se utilizar uma dicloroacetamida, na forma intestinal assintomática, ou uma benzilamina (Ferreira, 2012).

1.1.2. Entamoeba coli

A *Entamoeba coli* (*E. coli*) é um parasita de cavidade intestinal, que se nutre de bactérias e detritos alimentares, seus trofozoítas e cistos são

eliminados nas fezes, respectivamente, em processo diarreico e fezes formadas (Rey, 2009). Os indivíduos com *Entamoeba coli* podem sentir cólicas e apresentar desconforto abdominal (Neves, 2009).

Os parasitas vivem na luz do intestino grosso, se alimentam de bactérias da flora local normal, e de restos fecais da ingestão do hospedeiro. Não exerce nenhuma influência sobre a saúde ou sobre a fisiologia de seus hospedeiros (Rey, 2009).

O trofozoíta mede em torno de 20 a 50 micrômetros, e o cisto apresenta-se pequeno, medindo de 15 a 20 micrômetros (Neves, 2002).

O diagnóstico é realizado por meio de exame de fezes, o parasitológico de fezes, usando as técnicas de Hoffman e Faust. Com pelo menos três amostras de fezes recentes para análise, pesquisa-se cistos e/ou trofozoítas, dependendo da condição física da amostra (Chieffi *et al.*, 2011).

O tratamento é realizado com amebicidas, que atuarão diretamente na luz do intestino. Estimular a população a fazer exames preventivos, a fim de identificar casos assintomáticos, seria uma forma de tratar e evitar uma possível transmissão (Huggins *et al.*, 2000).

1.1.3. Endolimax nana

Endolimax nana é um parasita não-patogênico do intestino humano (Rey, 2009). É uma pequena ameba, que mede de 6 a 15 μm , que vive nos segmentos cólicos do intestino humano, sem causar nenhuma patologia. Emite lentamente seus pseudópodes grossos e hialinos como meio de locomoção (Ferreira, 2012).

Seus cistos são elípticos ou ovoides que medem de 8 a 12 μm . Em seu interior, é possível encontrar quatro núcleos pequenos pobres de cromatina (Ferreira, 2012).

Apesar de não ser responsável por nenhuma patologia ao hospedeiro humano, a *Endolimax nana* está entre as espécies de amebas mais encontradas no tubo digestivo dos hospedeiros humanos, em níveis consideráveis como a *Entamoeba coli*. Destaca-se a ocorrência em hospedeiros, no período infantil e também em fase idosa, como principal ameba logo após a *E.coli* (Santos *et al.*, 2017; Huggins *et al.*, 2000).

Giardíase

Giardia duodenalis ou *Giardia lamblia* é um dos principais protozoários intestinais causadores de diarreia. Crianças, particularmente, as que vivem em países em desenvolvimento e em ambientes comunitários desfavorecidos, onde a condição de higiene é precária, apresentam maior risco de sofrer consequências clínicas de giardíase (Rocha, 2013).

O habitat deste flagelado é o intestino delgado, principalmente, o duodeno e as primeiras porções do jejuno (Ferreira, 2012).

Na forma trofozoíta, mede em torno de 12 a 15 micrômetros de comprimento, apresenta formato de pera, com a parte posterior mais afilada. Possui ainda dois corpos parabasais, onde originam os quatro pares de flagelos. Na forma de cisto, forma infectante e resistente do protozoário, mede de 8 a 12 micrômetros de comprimento por 7 a 10 de largura. Apresenta formato oval e possui em seu interior, dois ou quatro núcleos e um número variado de flagelos (Rocha, 2013).

A infecção no hospedeiro é iniciada, quando o cisto é transmitido pela via fecal-oral, sendo pela forma direta onde há o contato com as fezes contaminadas, ou de forma indireta, por meio de alimentos ou água contaminados com os cistos do parasita (Rocha, 2013).

O quadro clínico da giardíase varia, de acordo com o número de cistos ingeridos, a idade do hospedeiro e o estado nutricional e imunológico em que o mesmo se encontra. Em alguns casos, pode haver o aparecimento de um quadro diarreico, com cólicas abdominais, desidratação e também perda de peso. Mas na maioria dos casos, há uma infecção assintomática, com ausência de qualquer sinal clínico da doença (Rocha, 2013).

Não se conhece em detalhes a fisiopatologia das alterações intestinais na giardíase. A sua preferência pelo duodeno e jejuno é devido a esse ambiente ser hostil, e poucos microrganismos são capazes de sobreviver (Ferreira, 2012).

A diarreia pode ocorrer de forma aguda com cura espontânea, ou crônica e persistente. Devido à má absorção de gordura, pode haver uma esteatorreia, onde ocorre a presença de fezes com aparência gordurosa e volumosas (Rocha, 2013).

O diagnóstico clínico de giardíase se torna difícil, devido à ausência de sinais característicos da doença, pois o indivíduo pode ou não apresentar sintomas. O diagnóstico laboratorial é realizado, principalmente, pela identificação dos parasitas nas fezes do hospedeiro, através do exame parasitológico de fezes de uma ou mais amostras. É necessário que as fezes estejam frescas para a identificação adequada do parasita, no exame laboratorial (Rocha, 2013).

2 Objetivos

2.1 Objetivo geral

Foram avaliados os resultados dos exames parasitológicos de fezes de apenas uma amostra, a fim de determinar a frequência dos resultados positivos dos pacientes que deram entrada no Laboratório Municipal de Análises Clínicas de Tupã – São Paulo.

2.2 Objetivos específicos

Foram avaliados os resultados dos exames parasitológicos de fezes de apenas uma amostra do laboratório Municipal de Análises Clínicas de Tupã-SP, a fim de obter os resultados positivos e dados do paciente, dos quais foram recolhidos o sexo, faixa etária e unidade de saúde do atendimento inicial ao paciente.

A partir dos resultados dos exames parasitológicos de fezes de apenas uma amostra e dos dados do paciente como sexo, faixa etária e unidade de saúde em que ocorreu o atendimento do Laboratório Municipal de Análises Clínicas de Tupã-SP, obteve-se a frequência dos seguintes acontecimentos:

- Pacientes que apresentaram resultados positivos;
- Sexo dos pacientes com resultados positivos;
- Faixa etária dos pacientes com resultados positivos;
- Unidade de saúde que apresentaram maiores resultados positivos; e
- Paciente com presença de mais de um parasita.

Analisaram-se as frequências obtidas pelos dados do exame parasitológico de fezes de uma amostra positivos, dados do paciente, tais quais, sexo, faixa etária e unidades de saúde mais atingidas, recolhidos no Laboratório Municipal de Análises Clínicas de Tupã-SP, a fim de sugerir formas de prevenção à população mais atingida na região.

3 Métodos

Para o estudo foi feito um levantamento de informações do período de abril de 2017 a abril de 2018, no Laboratório Municipal de Análises Clínicas de Tupã. Foram coletados os dados de 312 resultados de exames que deram entrada, no período selecionado, onde obtivemos as informações dos pacientes, como idade, sexo e unidade de saúde onde inicialmente ocorreu o atendimento, além do resultado do exame parasitológico de fezes de apenas uma amostra.

Para critério de inclusão, era necessário ter feito a coleta de apenas uma amostra de fezes para realização do exame parasitológico de fezes, corretamente, com conclusão adequada do exame. Os critérios usados para exclusão foram amostras em estado inadequado para análise, presença de contaminação com outro tipo de resíduo ou sem identificação do paciente (dados completo).

Os dados foram coletados com autorização do coordenador do laboratório, usando sistema eletrônico de informação, por dados estatísticos. Com isso, estimamos a frequência da presença de parasitas e protozoários nos exames de fezes realizados, a frequência do sexo, idade mais acometida com a positividade de parasitas intestinais, as unidades de saúde em que mais se obtiveram resultados positivos e a presença de mais de um parasita em um único paciente, o que se denomina biparasitismo (presença de 2 parasitas) ou poliparasitismo (presença de mais de 3 parasitas).

4. Resultados

Foram observados os resultados dos exames parasitológicos de fezes de apenas uma amostra de 312 pacientes, dos quais 16 exames foram confirmados como positivo para presença de protozoário, no total de 5,12%

(Gráfico 1). Dos 16 exames positivos, encontramos 13 (72,22%) positivos para *Giardia lamblia*. No caso da *E. coli* foram encontrados 3 exames positivos, indicando 16,66%; Ambos *Endolimax nana* e *E. histolytica* resultaram em apenas 1 exame positivo cada, o que representa 5,56% (Gráfico 2; Tabela 1). Encontramos dois exames com presença de dois parasitas: *E. nana* e *E. coli*, *E. coli* e *Giardia lamblia*, indicando 12,5% dos pacientes com biparasitismo. Não foi observado o poliparasitismo, nas amostras analisadas.

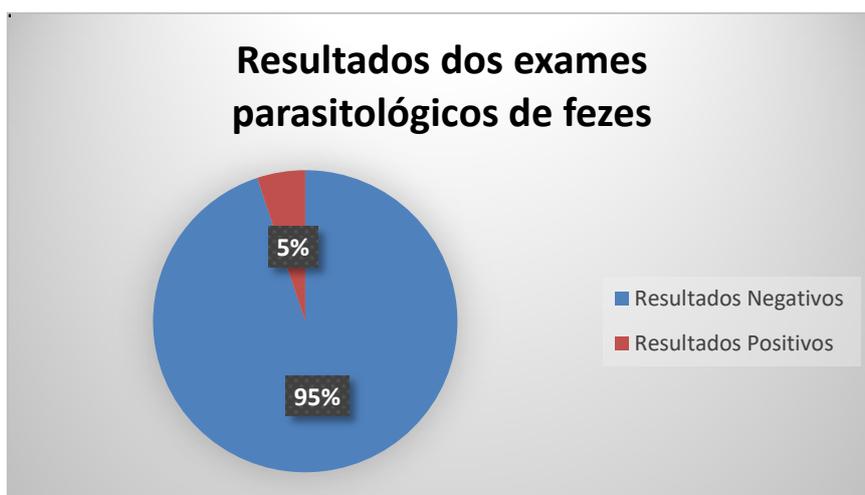


Gráfico 1. Resultados dos exames de parasitológico de fezes de apenas uma amostra, analisados no Laboratório Municipal de Análises Clínicas de Tupã-SP

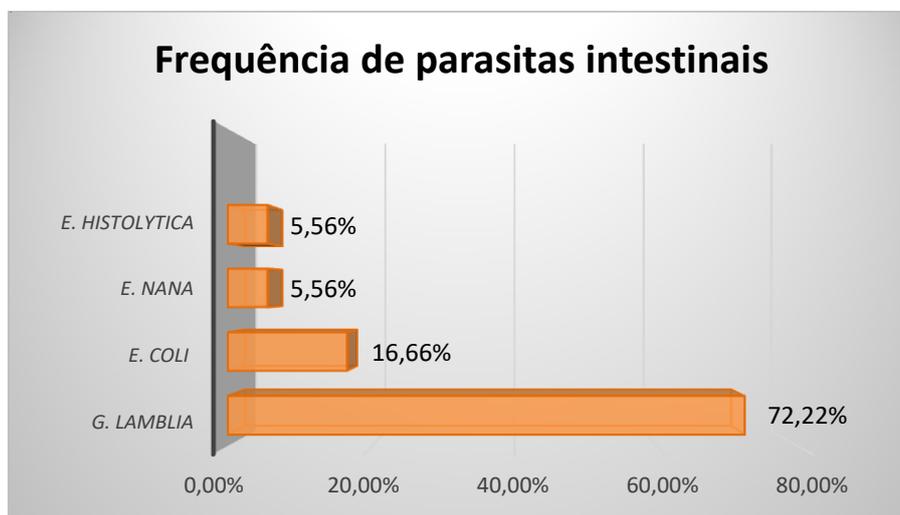


Gráfico 2. Frequência dos parasitas encontrados nos exames parasitológicos de fezes positivos do Laboratório Municipal de Análises Clínicas de Tupã-SP

Podemos observar que dos 16 resultados positivos para parasitas intestinais, 12 eram do sexo masculino (75 %) e apenas 4 eram do sexo feminino (25 %) (Gráfico 3). As unidades de saúde com positividade foram:

USF B Zona leste (12,5%), USF Santa Adélia com 18,75%, o município de Iacri com 6,25%, a cidade de Arco Íris (18,75%), Ambulatório de Saúde Mental representando 6,25%, a cidade de Queiroz com 12,5%, PAS Vila Formosa (6,25%), UBS Vila Abarca (12,5%) e por fim USF S Zona Sul indicando 6,25% dos resultados (Gráfico 4; Tabela 2).

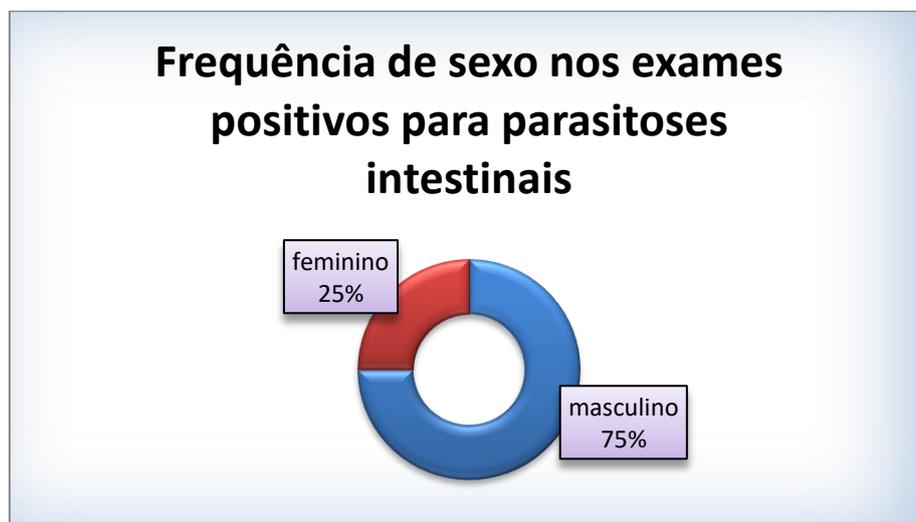


Gráfico 3. Frequência de sexo nos exames parasitológicos de fezes, positivos do Laboratório Municipal de Análises Clínicas de Tupã-SP

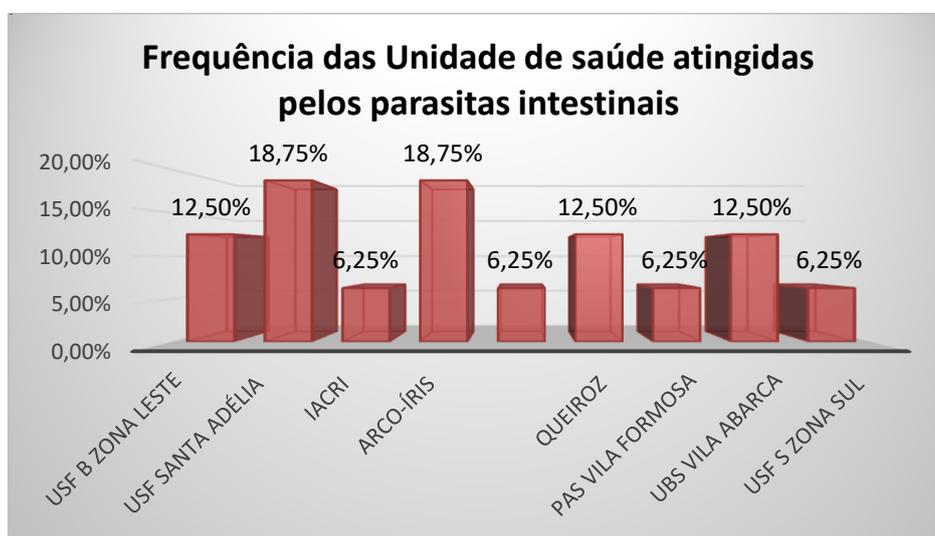


Gráfico 4. Frequência de positividade, nas regiões atendidas pelo Laboratório Municipal de Análises Clínicas de Tupã – SP.

Em se tratando da faixa etária, podemos encontrar 1 exame positivo entre 2 a 4 anos, indicando 6,25%; na faixa de 4 a 10 anos, encontram-se 6 exames (37,5%); na faixa da pré-adolescência (10 a 15 anos), é possível encontrar 6

exames (37,5%); na faixa de 20 a 26 anos, encontra-se 1 exame representando 6,25% e por último, 2 exames na faixa de 40 a 65 anos (12,5%) (Gráfico 5; Tabela 3).

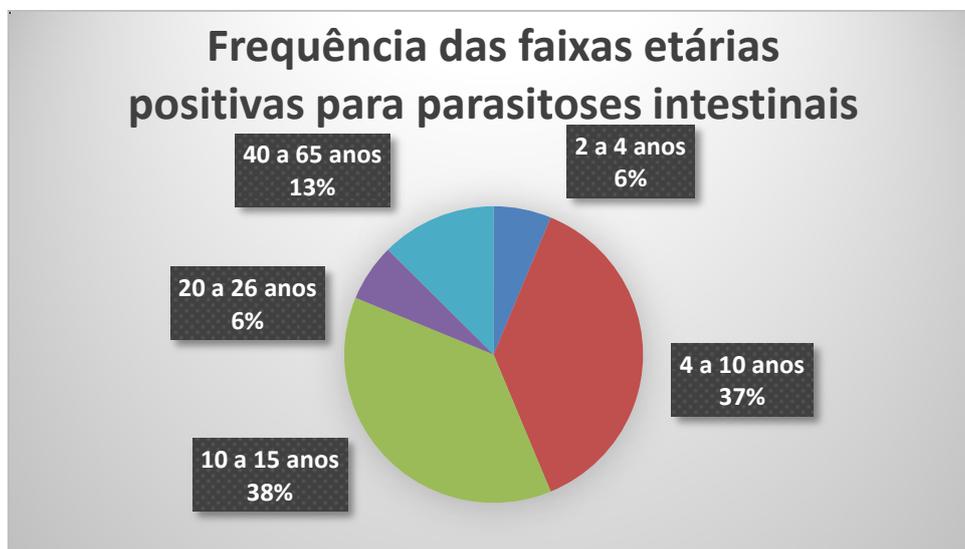


Gráfico 5. Frequência das faixas etárias dos pacientes com resultados de parasitológico positivos do Laboratório Municipal de Análises Clínicas de Tupã-SP

4.1 Distribuição de frequências

As variáveis referentes aos parasitas, unidades de atendimento à saúde e faixa etária acometida pelo resultado positivo, em exame de parasitológico de uma amostra, foram descritas pela distribuição de frequência absoluta, relativa (%) e acumulada, como tabelas a seguir:

Tabela 1. Distribuição de frequência dos parasitas presentes nos resultados positivos do exame de parasitológico de fezes de uma amostra.

Parasita	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)	Frequência acumulada	Frequência relativa acumulada (%)
<i>Giardia lamblia</i>	13	72,22	13	72,22
<i>Entameba coli</i>	3	16,66	16	88,88
<i>Endolimax nana</i>	1	5,56	17	94,44
<i>Entamoeba</i>	1	5,56	18	100

histolytica

Tabela 2. Distribuição de frequência das unidades de atendimento à saúde que apresentaram resultados positivos do exame de parasitológico de fezes de uma amostra

Unidade de atendimento à saúde	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)	Frequência acumulada	Frequência acumulada (%)
USF Zona Leste	2	12,5	2	12,5
USF Santa Adelia	3	18,75	5	31,25
Município Iacri	1	6,25	6	37,5
Município de Arco Íris	3	18,75	9	56,25
Município Queiroz	2	12,5	11	68,75
PSA Vila Formosa	1	6,25	12	75
UBS Vila Abarca	2	12,5	14	87,5
USF Zona Sul	1	6,25	15	93,75
Ambulatório de saúde mental	1	6,25	16	100

Tabela 3. Distribuição de frequência das faixas etárias que apresentaram resultados positivos do exame de parasitológico de fezes de uma amostra.

Faixa etária	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)	Frequência acumulada	Frequência acumulada (%)
2 a 4 anos	1	6,25	1	6,25
4 a 10 anos	6	37,5	7	43,75
10 a 15 anos	6	37,5	13	81,25
20 a 26 anos	1	6,25	14	87,5
40 a 65 anos	2	12,5	16	100

5. Discussão

Mais conhecidos como vermes, os helmintos não foram vistos nos exames, e, predominantemente, foram encontrados parasitas intestinais no estudo.

Pode-se concluir que, a *Giardia lamblia* representa a maior parte dos resultados positivos no presente estudo, diferenciando-se de uma maneira muito clara dos outros parasitas também encontrados.

No estudo realizado por Beinner *et al* (2006) no município de Diamantina, em 265 crianças com idade pré-escolares, foi encontrado 50 exames positivos para *Giardia lamblia* e 50 exames com biparasitismo, confirmando presença de *Giardia lamblia* e *E. histolytica*. Ambos representam 18,9% de prevalência, onde apenas 94 exames de fezes apresentaram resultados negativos.

A frequência elevada de *Giardia lamblia*, leva-nos a repensar sobre os métodos de cuidado com a água e manuseio de alimentos e a importância de implementar um sistema adequado e correto de tratamento de esgoto.

Vimos também, maior acometimento de parasitas no sexo masculino, onde somente 25% dos casos eram mulheres. Beinner *et al* (2006) não obteve uma diferença significativa em relação aos sexos das crianças examinadas, segundo a ocorrência de infecção por parasitoses. O sexo feminino representou 32,8% contra 31,7% no sexo masculino.

Já no estudo realizado em escolares de 12 a 15 anos, em uma escola estadual, todos os casos positivos ocorreram em escolares do sexo feminino, nenhum resultado positivo para o sexo masculino (Orlandini e Matsumoto, 2008).

Os estudos mostram que pode haver uma grande diferença entre os sexos ou não, concluindo-se que, sexo não é uma variante determinante para parasitoses intestinais, podendo acometer tanto o sexo masculino, quanto o feminino em proporções iguais ou não.

As unidades de saúde e municípios encontrados no estudo variaram, indicando que não apenas um determinado bairro da cidade de Tupã ou cidade circunvizinha pode apresentar um descuido na higiene de crianças, ou condições precárias de saneamento básico e a falta de informação ao manusear alimentos e água.

As crianças em idade escolar são os principais focos desses tipos de parasitas, e conseqüentemente, são as mais atingidas. Acreditamos que o

principal fator são os seus hábitos de higiene que, na maioria das vezes, são inadequados, ou até mesmo a falta deles, o que acarreta a uma transmissão desse tipo.

Em relação à frequência que atinge a população infantil, alguns estudos podem ser citados, onde a prevalência de parasitoses intestinais foi, consideravelmente, alta, avaliou escolares da rede pública da cidade de Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo e apresentou 83 amostras com resultados positivos de 421 alunos analisados. Em 34,9 % (29 amostras) foram encontrados cistos de *Giardia lamblia* e em 19 amostras (22,9 %) foram vistos cistos de *Entamoeba coli* (Castro *et al.*, 2004). No estudo de Prado *et al* (2001) encontraram em escolares de Salvador – Bahia 66,1% de positividade para parasitos intestinais.

Sendo assim, a comparação de estudos é extremamente ampla, considerando a localidade e região estudada, as características das populações escolhidas e a forma de conservação das amostras e dados confirmam a maior frequência em positividade da população infantil.

No presente estudo, as faixas etárias mais acometidas foram de 4 a 10 anos e de 10 a 15 anos. Levando em consideração que essa idade é a escolar, podem-se citar, como possíveis causas, as brincadeiras em locais sujos, manipulação de alimentos sem a lavagem corretas das mãos, má higiene, após usar o banheiro, e a falta de informação em escolas sobre esses cuidados, o que seria essencial para essa etapa, já que a imunidade de crianças não se encontra completamente eficiente para a eliminação desses parasitas.

No estudo de Cardoso *et al* (1995), em duas creches de níveis socioeconômicos diferentes, no município de Aracaju, foram selecionadas 30 crianças, em cada na faixa etária de 2 a 5 anos. No total, apenas 10 resultados foram negativos.

O grande número de usuários de dormitórios coletivos e banheiros contribuem para o alto grau de enteroparasitismo, e a confirmação de giardíase não sofreu influência do nível socioeconômico, já que obtiveram 50% na creche de nível elevado (renda igual ou superior a 5 salários mínimos) e 63.3% com renda familiar de até 2 salários mínimos (Cardoso *et al.*, 1995).

Essa variação traz ao estudo um ponto importante a ser discutido de que ainda é possível encontrar uma grande frequência de presença de parasitas,

em diversos locais, bairros e cidades e que ainda faltam informações à população e escolas.

Um método muito eficaz para informar as crianças dos riscos e benefícios de uma boa higiene e cuidados com a manipulação de alimentos seria uma campanha entre as escolas através de cartilhas personalizadas, atraindo a atenção das crianças, trazendo pontos importantes através de uma linguagem simples e sucinta, com métodos práticos para o dia a dia.

6. Considerações finais

Conclui-se, no presente estudo, que não houve presença de helmintos, porém, protozoários ainda acometem a região estudada. Consideram-se ainda as parasitoses intestinais um problema na saúde pública dependentes de diversos fatores, dos quais cidades e países ainda se deparam, devido ao principal ponto, que é o saneamento básico. Crianças são as mais prejudicadas e propensas a esse tipo de contaminação, devido a hábitos de higiene incorretos e irregulares.

Para que dados, como os apresentados nesse estudo, diminuam, seria necessário que autoridades governamentais trouxessem à população campanha de conscientização para hábitos corretos de higiene, que fossem oferecidas às crianças nas escolas atividades que trabalhassem com manipulação de alimentos e conscientização de simples atos de higiene, no dia a dia, e o principal, saneamento básico para as comunidades e pessoas necessitadas.

FREQUENCY OF INTESTINAL PARASITOSEs, IN THE SERVED POPULATION, IN THE MUNICIPAL LABORATORY OF CLINICAL ANALYSIS IN TUPÃ-SP

ABSTRACT

Intestinal parasites are diseases caused by parasites that affect the intestine. They can reach their hosts' organisms through penetration into holes, water and food intake, such as meat and vegetables. Like all other living beings, protozoa

need an adequate and conducive environment for their installation, in order to develop and reproduce, which they find in their hosts. Intestinal parasitic infections are still very common, mainly due to protozoa, being acquired by contaminated water or food. Objectives: In the present study, the results of parasitological examinations of feces from only one sample were evaluated, in order to assess the frequency of positive results of patients who were admitted to the Tupã Municipal Laboratory of Clinical Analysis - São Paulo. Materials and Methods: Data were collected using an electronic information system, using statistical data. Result and Discussion: Of the 312 exams analyzed, there was considerable considerable relevance in the frequency of *Giardia lamblia* followed by *Entamoeba coli*. Another important finding was the age group, where children aged 4 to 10 years and pre-adolescents aged 10 to 15 years were the most affected. For this reason, it is relevant to mention the personalized booklet as a method of informing children about hygiene and basic health care, where an awareness campaign is a form of prevention for transmissions of diseases of this type.

Keywords: Intestinal parasites. protozoa. *Giardia lamblia*

7. Referências Bibliográficas

BEINNER, M. A.; NORTON, R. D. C.; LAMOUNIER, J. A. **Prevalência da infecção por parasitas intestinais em crianças pré-escolares de distritos rurais do município de Diamantina, Minas Gerais.** Rev Med Minas Gerais. 16: 4 p. 2006.

CARDOSO, G. D. S.; SANTANA, A. D. C.; AGUIAR, C. P. **Prevalência e aspectos epidemiológicos da giardíase em creches no município de Aracaju, SE, Brasil.** REV. Sociedade Brasileira de Medicina Tropical. 28: 7 p. 1995.

CASTRO, A. Z. et al. **Levantamento das parasitoses intestinais em escolares da rede pública na cidade de Cachoeiro de Ipamemirim - ES.** NewsLab: 4 p. 2004.

CHIEFF, P. P.; GRYSCHK, R. C. B.; NETO, V. A **Diagnóstico e tratamento de parasitoses intestinais.** Revista Brasileira de Medicina. Disponível em: http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id_materia=1021 acesso em 18/08/2018.

FERREIRA, J. R. et al. **Diagnóstico e prevenção de parasitoses no reassentamento São Francisco, em Cascavel – Paraná.** Revista Brasileira de Análises Clínicas, 36 (3), 145-146, 2004.

FERREIRA, M. U. **Parasitologia Contemporânea.** Guanabara Koogan, 08/2012.

GALVÃO, J. A. C. **Desafios para a universalização dos serviços de água e esgoto no Brasil.** Ver Panam Salud Publica. V.25, n. 6, p. 548-556, 2009.

HUGGINS, D. et al. **Parasitoses intestinais no período infantil.** Ver. Brasileira de Medicina: 17 p. 2000.

MONTEIRO, C. A. et al. **Estudo de saúde das crianças do município de São Paulo (Brasil), 1984/1985. Aspectos epidemiológicos, características socioeconômicas e ambiente físico.** Revista de Saúde Pública, 20 (6), 435-445, 1986.

NEVES, D. P. **Parasitologia Humana.** 10 ed. São Paulo. Ed. Atheneu, 2002.

NEVES, D. P. **Parasitologia Humana.** 10 ed. São Paulo. Ed Atheneu, 114 – 127p. 2009.

ORLANDINI, M. R.; MATSUMOTO, L. S. **Prevalência de parasitoses intestinais em escolares.** 1: 22 p. 2008.

PAGE, F. C. **Taxonomic and ecological distribution of potentially pathogenic free-living amoebas.** *J Parasitol.* 56: 257. 1970.

PRADO, M. S. et al. **Prevalência e intensidade de infecção por parasitas intestinais em crianças na idade escolar na cidade de Salvador (Bahia Brasil).** *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical* . 34: 99-101. 2001.

REY, L. **Bases da Parasitologia Médica, 3ª edição.** Guanabara Koogan, 10/2009.

ROCHA, A. **Parasitologia.** 1°. São Paulo: 2013. 320 ISBN 978853392146-7

SANTOS, P. H. S. et al. **Prevalência de parasitoses intestinais e fatores associados em idosos.** *Ver. Bras Geriatr. Gerontol.:* Rio de Janeiro. 20: 11 p. 2017.

SCHNACK, F. J. et al. **Enteropatógenos associados com 44iarreia infantil (< 5 anos de idade) em amostra da população da área metropolitana de Criciúma, Santa Catarina, Brasil.** *Cad. Saúde Pública,* Rio de Janeiro, n. 19(4), p. 1205-1208, jul./ago. 2003.

MICROORGANISMOS E ANTIBIÓTICOS: OS PRINCIPAIS MICROORGANISMOS E A EFICÁCIA DOS ANTIBIÓTICOS EM UROCULTURAS E ANTIBIOGRAMA NA CIDADE DE TUPÃ.

Tainara da Silva Gonçalves¹; Ana Beatriz Ratto Gorzoni²

1. Graduada em biomedicina pela Faculdade da Alta Paulista
(FADAP FAP) Tupã/SP.

2. Biomédica - CRBM: 25685. Doutoranda em "Fisiopatologia e saúde animal" na
Unoeste Presidente Prudente/SP; Mestre em "Saúde e Envelhecimento" pela
Famema Marília/SP; Especialista em Docência no Ensino Superior.

Resumo

Introdução: A presença e multiplicação de microrganismos na urina são conhecidas como infecção do trato urinário (ITU). Os dados necessários para o conhecimento dos diferentes agentes uropatógenos são adquiridos por meio de solicitações de urocultura e antibiograma de amostras de urina.^{1,2} **Objetivos:** Identificar o principal microrganismo causador de ITU na população atendida, no São Paulo Análises Clínica de Tupã e avaliar a eficácia dos antibióticos. **Materiais e Métodos:** Trata-se de um estudo observacional transversal. Os dados foram coletados no laboratório através do sistema de informação, Unilab. **Resultado e Discussão:** Foram coletados dados de 122 pacientes, onde 105 (86,10%) eram do sexo feminino e 17 (13,90%) do masculino. O número elevado de mulheres acometidas por ITU é resultado das localizações anatômicas das genitálias femininas, gestação e higiene deficiente.³ Foram encontrados três microrganismos causadores de ITU, sendo eles: *Escherichia coli* (92,60%), *Proteus sp.* (6,60%) e *Pseudomonas sp.* (0,80%). As infecções por *Escherichia coli* são mais frequentes, pois esta faz parte da microbiota fecal que coloniza as regiões perineal, vaginal e periuretral, atingindo o trato urinário por ascendência.⁴ O antibiótico que demonstrou mais eficácia contra as bactérias foi a gentamicina e o de menos eficácia, a ampicilina.⁴ **Conclusão:** Por meio deste trabalho, conclui-se que a ITU ocorre, frequentemente, em mulheres, e a maioria é por *Escherichia coli*, evidenciando também que esta possui alto índice de resistência à Ampicilina, possivelmente, relacionado ao

uso indiscriminado do fármaco e por ser utilizada como linha de frente para tratamentos de ITU.

Palavras-chave: Antibióticos. Bactérias. Infecção.

Introdução

A presença e multiplicação de microrganismo na urina são consideradas infecção do trato urinário (ITU), com possível invasão e reação das estruturas tubulares ou parenquimatosas do aparelho urinário ou órgãos anexos. Clinicamente essa infecção pode ser dividida em dois grupos: ITU inferior, limitando-se à bexiga (cistite) com presença de bactérias, e do trato superior (pielonefrite), que afeta a pélvis e o parênquima renal¹.

O predomínio de ITU em meninas ocorre durante a infância e, principalmente, na fase pré-escolar, acometendo de 10 a 20 vezes mais do que os meninos. Na mulher, devido à uretra mais curta e à maior proximidade do ânus com o vestíbulo vaginal e uretra aumenta a susceptibilidade de ITU. O maior fluxo urinário, comprimento uretral e o fator antibacteriano prostático são fatores que diminuem a susceptibilidade de ITU nos homens.

A infecção do trato urinário também pode ser classificada como não complicada e complicada. A não complicada abrange infecções adquiridas fora de um ambiente hospitalar e em pacientes com estrutura e função do trato urinário normal; as complicadas, no entanto, ocorrem através de fatores como causa obstrutiva (hipertrofia benigna de próstata, tumores, urolitíase), anátomofuncionais (bexiga neurogênica, cistos renais), metabólicas (insuficiência renal, diabetes mellitus, transplante renal); uso de cateter de demora ou qualquer tipo de instrumentação.

De acordo com o local onde se adquire a infecção, sendo intra ou extra-hospitalar, pode variar a frequência dos germes causadores de ITU. Entre os microrganismos causadores de ITU, a *Escherichia coli*, germe gram-negativo entérico, responsável pela maioria das infecções do trato urinário, seguida pelos demais gram-negativos como *Klebsiella*, *Enterobacter*, *Acinetobacter*, *Proteus*, *Pseudomonas*, etc².

Os dados necessários para o conhecimento dos diferentes agentes uropatogênicos, em pacientes com suspeitas de ITU de uma determinada região, são adquiridos por meio de solicitações de urocultura e antibiograma de amostras de urina. Para minimizar o aparecimento de resistências bacterianas e dar início ao tratamento adequado é necessário dispor de informações sobre os padrões de resistência dos microrganismos presentes.

Para complementar o diagnóstico de infecção urinária, causada por bactérias, é utilizado o exame laboratorial de urocultura, também chamado de urinocultura ou cultura de urina, já que os rins e a bexiga são órgãos estéreis. A presença de bactérias nem sempre indica infecção ativa, podendo colonizar a uretra e a bexiga sem provocar alguma doença³.

Para o exame de urocultura, o meio de cultura mais utilizado é o Ágar Cled – MacConkey. O ágar Cled tem por finalidade isolar e quantificar os microrganismos gram-positivos, gram-negativos e leveduras na urina, sendo considerado não seletivo, este possui uma deficiência de eletrólitos que impede o crescimento do véu de cepas de *Proteus*.

Diferente do Cled, o ágar MacConkey possui substâncias como cristal violeta em sua composição que inibe o crescimento de microrganismos gram-positivos, em especial enterococos e estafilococos, garantindo a ele a característica de seletividade. Utiliza-se esse meio para isolar bacilos gram-negativos (enterobactérias) e para verificar a fermentação ou não de lactose⁴.

O exame de urocultura consiste em se colocar uma pequena quantidade de urina em um meio que favorece o crescimento de eventuais germes presentes e, assim, facilitar a detecção e a identificação deles.

Em caso positivo, os germes encontrados são submetidos ao antibiograma, também conhecido por Teste de Sensibilidade a Antimicrobianos (TSA), onde são expostos a diferentes antibióticos, a fim de indicar a qual deles, eles são sensíveis ou resistentes. A placa ou meio de cultura utilizado para esse exame é o Ágar Müller Hinton, rico em proteínas e carboidratos que

fornece o substrato ideal para o desenvolvimento e crescimento de cepas bacterianas de interesse clínico. O teste é feito utilizando-se discos de difusão antibióticos, depositados sobre a superfície do meio onde se inoculou, por espalhamento, uma amostra de cultura bacteriana previamente crescida em meio líquido. As drogas utilizadas comumente são: Ciprofloxacina, Gentamicina, Nitrofurantoína, Norfloxacin, Sulfazotrim, Ácido nalídico, Ampicilina, Cefalotina, Cloranfenicol, Levofloxacina e Tetraciclina.

Esse estudo foi realizado a fim de identificar quais as bactérias são predominantes nas infecções do trato urinário (ITU) e estabelecer relação entre os sexos masculino e feminino, bem como os antibióticos mais eficazes contra os microrganismos presentes no meio.

1. OBJETIVOS

1.1 GERAL

Identificar qual o microrganismo causador de ITU que mais acomete a população atendida no São Paulo Análises Clínica de Tupã – São Paulo e qual o antibiótico apresenta-se mais resistente, no teste de sensibilidade aos antimicrobianos.

1.2 ESPECÍFICOS

Para o presente projeto de iniciação científica, espera-se identificar nos pacientes atendidos no São Paulo Análises Clínicas:

- Sexo do paciente;
- Microrganismo isolado em exame de urocultura; e
- Antibióticos resistentes no antibiograma.

Através da identificação dos dados será avaliada a frequência do sexo mais acometido pelos microrganismos, o microrganismo mais rotineiro e as drogas antimicrobianas, cujas bactérias demonstram maior resistência.

2. MÉTODOS

2.1 COLETA DE DADOS

A iniciação científica trata-se de um estudo observacional transversal. Os dados foram coletados no São Paulo Análises Clínicas, localizado na cidade de Tupã - São Paulo, no período de 17/07/2017 a 01/02 do ano de 2018.

Através do sistema de informação do laboratório em questão, denominado Unilab, foi possível recolher as seguintes informações dos pacientes atendidos no período da pesquisa:

- sexo (feminino ou masculino) dos pacientes;
- os resultados dos exames de urocultura positivos, identificando o microrganismo isolado e;
- os antibiogramas, avaliando a eficácia dos antibióticos.

2.2 ANÁLISE DOS DADOS

Foram realizadas análises estatísticas para evidenciar o sexo que foi mais acometido entre os resultados positivo de urocultura, entre feminino e masculino.

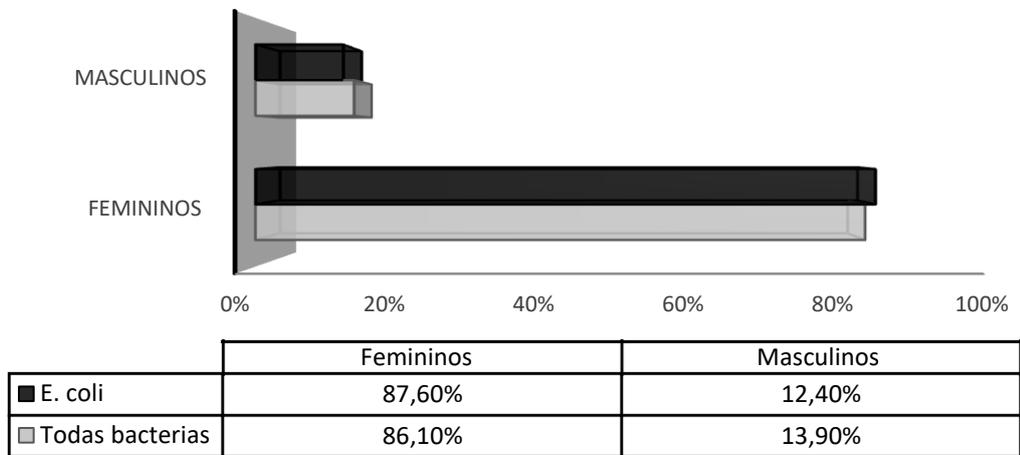
Também foram realizadas análises estatísticas, a fim de determinar o mais frequente microrganismo nas uroculturas positivas, obtendo o principal microrganismo causador de ITU.

Para os antibiogramas a análise estatística foi realizada com o propósito de definir qual o antibiótico apresenta mais ou menos eficácia frente à população estudada. Os antibióticos avaliados foram: Ciprofloxacina, Gentamicina, Nitrofurantoína, Norfloxacin, Sulfazotrim, Ácido nalídico, Ampicilina, Cefalotina, Cloranfenicol, Levofloxacina e Tetraciclina.

3. RESULTADO E DISCUSSÃO

Foram coletados dados de 122 pacientes, deles 105 (86,10%) eram do sexo feminino e 17 (13,90%) do masculino.

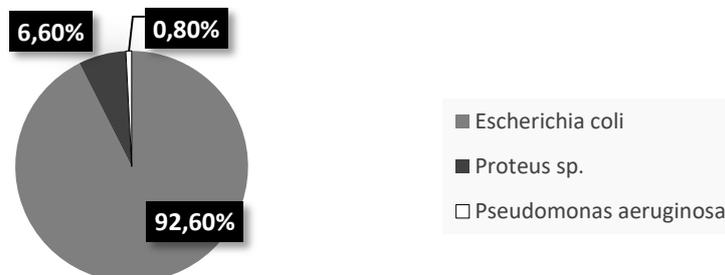
Frequência por sexo



O número elevado de mulheres acometidas por ITU é resultado da localização anatômica da genitália feminina, na qual há uma proximidade da uretra em relação ao ânus e à vagina, gestação, logo que nesse período tanto fatores mecânicos, quanto hormonais corroboram com mudanças no trato urinário das gestantes, tornando-as um alvo potencial de infecções urinárias sintomáticas, e higiene deficiente, em mulheres que, devido à idade avançada ou por deficiência física ou motora, tornam a higiene íntima precária^{3,7}.

Foram encontrados três microrganismos causadores de ITU, sendo eles: *Escherichia coli* (92,60%), *Proteus sp.* (6,60%) e *Pseudomonas sp.* (0,80%).

Frequência das bactérias nas uroculturas positivas

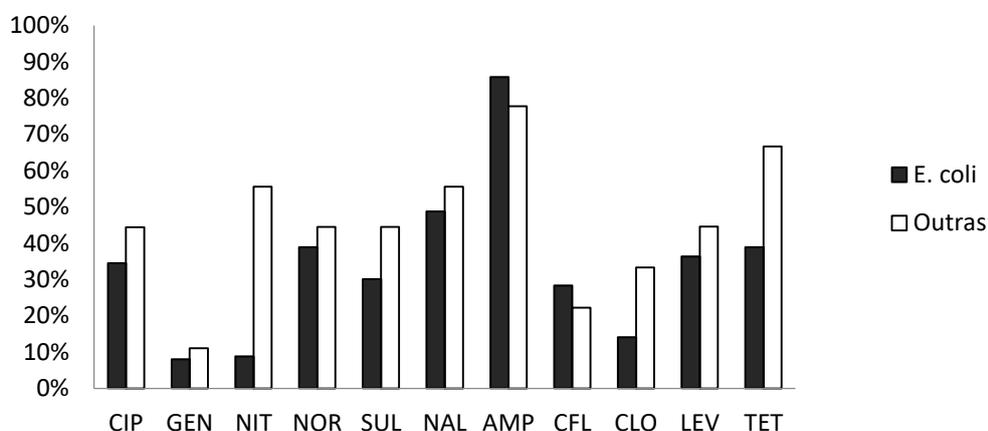


As infecções por *Escherichia coli* são mais frequentes, pois esta faz parte da microbiota fecal que coloniza as regiões perineal, vaginal e periuretral, atingindo o trato urinário por ascendência⁴.

O antibiótico que demonstrou mais eficácia contra as bactérias foi a gentamicina, sendo que apenas 8% das *E. coli* são resistentes ao fármaco e apenas 11,1% das outras bactérias e o de menos eficácia, a ampicilina, sendo que 85,8% das *E. coli* e 77,8% das outras bactérias são resistentes ao fármaco⁴.

O elevado número de *Escherichia coli* resistente à ampicilina se deve ao uso indiscriminado e abusivo do fármaco tanto para humanos, quanto para animais, já que trabalhos evidenciam que produtos e derivados de animais tratados, indiscriminadamente, com antibióticos promovem resistência à raça humana⁵.

Resistência aos antibióticos



Outro fator que corrobora com esse índice é a produção de uma enzima pela *Escherichia coli* e outras bactérias, a *B-lactamases*, que por sua vez causa lise nos anéis *B-lactamicos* presentes na ampicilina, inativando-a⁶.

Por meio deste trabalho conclui-se que a ITU ocorre frequentemente em mulheres devido às localizações anatômicas e mudanças mecânicas e hormonais, no período de gestação, e a maioria é por *Escherichia coli*, já que esta faz parte da microbiota fecal que coloniza as regiões perineal, vaginal e periuretral, atingindo o trato urinário por ascendência.

Evidenciou-se também, que a *Escherichia coli* é resistente à ampicilina, fato que possivelmente é decorrente do uso indiscriminado e abusivo do fármaco.

MICRO-ORGANISMS AND ANTIBIOTICS: THE MAIN MICROORGANISMS AND THE EFFECTIVENESS OF ANTIBIOTICS IN UROCULTURES AND ANTIBIOGRAM IN CITY OF TUPÃ.

Abstract

Introduction: The presence and multiplication of microorganisms in the urine is known as urinary tract infection (UTI). The necessary data for the knowledge of the different uropathogenic agents are acquired through urine culture requests and urine samples antibiogram. 1.2 **Objectives:** To identify the main microorganism that causes UTI in the population served in São Paulo Clinical Analysis of Tupã and to evaluate the effectiveness of antibiotics. **Materials and Methods:** This is a cross-sectional observational study. Data were collected in the laboratory using the information system, Unilab. **Result and Discussion:** Data were collected from 122 patients, where 105 (86.10%) were female and 17 (13.90%) were male. The high number of women affected by UTI is a result of the anatomical locations of the female genitalia, pregnancy and poor hygiene. 3 Three UTI-causing microorganisms were found, namely: *Escherichia coli* (92.60%), *Proteus* sp. (6.60%) and *Pseudomonas* sp. (0.80%). *Escherichia coli* infections are more frequent, as this is part of the fecal microbiota that colonizes the perineal, vaginal and periurethral regions reaching the urinary tract by descent. 4 The antibiotic that was most effective against bacteria was gentamicin and the least effective, ampicillin.4 **Conclusion:** Through this work it is concluded that UTI occurs frequently in women, and the majority is for *Escherichia coli*, also showing that it has a high resistance level to Ampicillin possibly related to the indiscriminate use of the drug and because it is used as a front line for UTI treatments.

Keywords: Antibiotics. Bacteria. Infection.

Referências Bibliográficas

1. CORREIA, C.; et. al. Etiologia das infecções do trato urinário e sua susceptibilidade aos antimicrobianos. Acta Med Port, Bragança/São Paulo, v.20, p.543-549, 2011.
2. HEILBERG, I. P.; SCHOR, N. Abordagem diagnóstica e terapêutica na infecção do trato urinário: ITU. Rev. Assoc. Med. Bras, v.49, n.1, p.109-116, 2003.
3. LOPES, P. M.; et. al. Escherichia coli como agente etiológico de infecções do trato urinário em pacientes do município de Viçosa-MG. Ver. Bras. Farm., v.93, n.1, p. 43-47, 2012.
4. CORB, A.; et. al. Perfil de Resistencia da bactéria Escherichia coli em infecções do trato urinário em pacientes ambulatoriais. Rev. Biol. Cienc. da terra, v.13, n.1, p.72-79, 2013.
5. MOTA, A. R. et al. **Utilização indiscriminada de antimicrobianos e sua contribuição a multirresistência bacteriana.**2005. Disponível em:<[http://file:///C:/Users/Windows%208.1/Downloads/26406-Article%20Text-30677-1-10-20120619%20\(1\).pdf](http://file:///C:/Users/Windows%208.1/Downloads/26406-Article%20Text-30677-1-10-20120619%20(1).pdf)>. Acesso em: 12 agt 2020.
6. DIAS, T. M. et al. **Avaliação da sensibilidade de cepas de Escherichia coli isoladas de mexilhões (*Perna perna linnaeus*, 1758) à antimicrobianos.**2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-20612010000200005&script=sci_arttext>. Acesso em: 12 agt 2020.
7. DUARTE, G. et al. **Infecção urinária na gravidez.**2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbgo/v30n2/08.pdf>>. Acesso em: 15 agt 2020.

FISIOTERAPIA

INFLUÊNCIA DA ATIVIDADE FÍSICA NO EQUILÍBRIO DE IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS

Aline Ferreira da Silva¹, Andréia Fresneda da Silva², Rafaela de Fátima Ferreira Baptista³

¹Discente do curso de Fisioterapia da Faculdade da Alta Paulista (FAP), Tupã.

² Doutora em Patologia (Unesp/Botucatu), docente da Faculdade da Alta Paulista (FAP), Tupã.

³Doutora em Farmacologia (Unesp/Botucatu), docente da Faculdade da Alta Paulista (FAP), Tupã. E-mail: rafaelaffbaptista@hotmail.com

RESUMO: Nos últimos anos, a faixa etária de vida de idosos tem se prolongado e o autocuidado com sua saúde é de suma importância, pois o aumento da idade, aliado à perda do equilíbrio fisiológico, leva a um aumento de risco de quedas, gerando complicações críticas e limitações funcionais. O objetivo do presente estudo foi avaliar a influência da atividade física sobre o equilíbrio e pressão arterial e possíveis repercussões na qualidade de vida de idosos institucionalizados. Trata-se de um estudo transversal, exploratório, quantitativo de base populacional, onde foram utilizados 14 idosos para pesquisa de ambos os sexos, com idade maior ou igual a 60 anos, residentes na Instituição Casa dos Velhos, Tupã, São Paulo. O treino funcional, aplicado em idosos ocorreu durante 12 semanas, 2x/semana, com duração de 50 minutos. O desempenho do equilíbrio funcional, avaliado pela Escala de Equilíbrio de Berg, antes da intervenção de exercícios, foi em média de 39,36 e, após 12 semanas de exercícios, foi de 49,00, constatando-se uma melhora significativa no desempenho do equilíbrio funcional. Os dados médios de pressão arterial não apresentaram diferenças significativas. Conclui-se que a atividade física não promoveu alteração na pressão arterial, entretanto promoveu melhora significativa no equilíbrio, sugerindo melhora na qualidade de vida, na prevenção de quedas e maior independência nas atividades de vida diárias de idosos institucionalizados.

PALAVRAS-CHAVE: Idosos. Exercício. Equilíbrio. Sedentarismo. Qualidade de vida.

1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento é considerado um processo não patológico, com diminuição progressiva da reserva funcional. Compreende uma fase natural da vida que se submetida a uma sobrecarga, como doenças, estresse emocional, ou até mesmo as condições, em que o idoso se encontra, poderá ocasionar uma condição patológica que necessita de uma assistência, seja ela no âmbito privado ou público (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006).

No envelhecimento, surgem alterações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas que, conseqüentemente, reduzem as reservas funcionais dos órgãos e sistemas (ALFIERI et al., 2009).

O fenótipo do envelhecimento é demonstrado por características comuns, como redução do peso, massa corpórea magra, cabelos grisalhos, pele enrugada, dentre outros e este conjunto de alterações somáticas estão presentes na maioria dos idosos, podendo aparecer mais cedo ou mais tarde. No entanto, essas manifestações, mesmo sendo bem claras e fáceis de serem observadas, não têm atualmente esclarecimento sobre o mecanismo que envolve a sua gênese, apesar de o envelhecimento ser um fenômeno universal comum que ocorre em todos os seres vivos (FILHO; NETTO, 2005).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de idosos vem crescendo no país, no ano de 2012, eram cerca de 25,4 milhões, em 2017, o número passou a ser de 30,2 milhões (PARADELLA, 2018).

A crescente população idosa no Brasil gera inúmeros desafios para os serviços e profissionais da área da saúde, conforme o indivíduo envelhece, surgem doenças crônicas como: hipertensão arterial sistêmica, diabetes, doenças cardiovasculares, osteoarticulares, gerando assim uma dependência medicamentosa que se prolonga, é o grupo na sociedade mais medicalizado (CASCAES; FALCHETTI; GALATO, 2008).

Nos últimos anos, a faixa etária de vida de idosos tem se prolongado e o autocuidado com sua saúde é de suma importância, pois com o aumento da idade agrava-se a perda de equilíbrio fisiológico, isso leva a um crescente de

risco de quedas e alterações na marcha, gerando complicações mais críticas e de difícil tratamento, acarretando limitações funcionais (DIAS et al., 2010).

A capacidade funcional e a dependência merecem grande relevância, quando o assunto se trata de envelhecimento, isto porque, sua falta está diretamente relacionada com as restrições, perda de habilidade ou dificuldade e incapacidade de executar as atividades do cotidiano ou atividades da vida diária (FREITAS et al., 2006).

A marcha, no envelhecimento, perde sua eficiência, devido a mudanças que ocorrem, tais como diminuição do passo, alargamento da base, retardo da velocidade da marcha, essas alterações podem ser atribuídas a um conjunto de fatores como: ganho de peso corporal, força e resistência reduzidas dos músculos dos membros inferiores, aumento da rigidez articular, perda do equilíbrio e diminuição da flexibilidade (BASSEY, 1997).

O ato de deambular é um dos fatores importantes da qualidade de vida do idoso, entretanto, muitas vezes o idoso perde essa capacidade, assim tornando-se dependente. As quedas são consequência da falta do equilíbrio e diminuição da estabilidade corporal, relacionada à alteração de receber informações dos componentes sensoriais, cognitivos e musculoesqueléticos (BIRGE, 1999).

A decorrência de alterações relacionadas ao avanço da idade predispõe diversos fatores de risco intrínsecos, como: diminuição da visão, distúrbios vestibulares e proprioceptivos, diminuição de força e massa muscular, sedentarismo e efeito colateral dos medicamentos, que provocam sedação como, os antipsicóticos, analgésicos, opioides, anti-histamínicos, podendo ocasionar no idoso maior risco de quedas (COOPER et al., 2007).

Em contrapartida, os fatores extrínsecos estão relacionados a aspectos ambientais como falta de iluminação, tapetes soltos, pisos escorregadios, degraus altos, calçadas irregulares, excesso de móveis no ambiente domiciliar (MOURA et al., 1999). Diante dos fatos, acredita-se ser importante observar os fatores extrínsecos de quedas com o intuito de identificar precocemente os riscos e eliminá-los instantaneamente.

Segundo Mccollum; Shupert e Nashner (1996) para manutenção do equilíbrio, o sistema sensorial deve enviar informações específicas da posição

corporal no espaço, para que o sistema nervoso central capte as informações e, assim, exerça função na postura corporal, estática e dinâmica. Com o passar dos anos, ocorrem mudanças significativas no organismo, e a capacidade motora como força, tempo de reação, equilíbrio e coordenação, tornam-se comprometidas (SPIRDUSO; FRANCIS; MACRAE,1995).

O déficit do equilíbrio corporal gera grande impacto para os idosos, sendo capaz de levar à diminuição da sua autonomia social, uma vez que limitam suas atividades de vida diária, aumenta predisposição à queda e fraturas, causando sofrimento, imobilidade corporal, medo de quedas e custo elevado com tratamentos de saúde (RUWER; ROSSI; SIMON, 2005).

A atuação do fisioterapeuta em instituições de longa permanência para idosos tem como intuito a independência para realização de tarefas básicas e atividade de vida diária, no interesse de reduzir as consequências das mudanças fisiológicas e patológicas do envelhecimento, assegurando melhora da mobilidade.

1.1 EXERCÍCIO FÍSICO

Em decorrência da idade, surge perda da musculatura funcional que varia por diversos fatores como alimentação, genética e a disposição de atividade física, entretanto o processo de atrofia muscular ocorre de diferentes formas nos indivíduos, sendo mais comum a atrofia muscular, ou seja, quando o músculo é pouco utilizado (FILHO; NETTO, 2005).

Veras (1999, p. 149) relata que o crescimento do sedentarismo é “estimulado pelo desenvolvimento tecnológico, já que este cria comodidades cada vez maiores, reduzindo a necessidade de atividade física do homem”.

Para a independência funcional é necessário um conjunto que engloba a força muscular, equilíbrio e resistência cardiovascular, porém no envelhecimento ocorre um déficit dessas capacidades, sendo o sedentarismo um dos fatores atribuídos. Neste sentido, a realização de um treino funcional é capaz de minimizar ou manter a funcionalidade (BASSEY, 1997).

Segundo Alfieri (2004), exercícios com diferentes velocidades, mudanças de direção e ambientes variados, diminuem os fatores que os levam a ser dependentes, incluindo incapacidade funcional, dor e imobilidade.

Atualmente, a atividade física possui papel fundamental para promoção da saúde. Estudos comprovam que a pessoa que substitui seus hábitos sedentários por uma vida saudável e ativa diminui em 40% os riscos de morte por doenças cardiovasculares, reduzindo ainda em 58% o risco de progresso de diabetes tipo 2 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006).

Está comprovado, através da American College of Sports Medicine Position Stand (1998), que quanto mais ativa é uma pessoa, menos limitações físicas ela tem. É ainda evidente que a prática de exercícios físicos promove inúmeros benefícios, dentre eles, a proteção da capacidade funcional em todas as idades, inclusive e, principalmente, nos idosos (ANDREOTTI, 1999).

Com o envelhecimento, os componentes da aptidão física sofrem um declínio que podem comprometer a saúde do idoso (HALLAL et al; 2005). A prática de atividade física pode promover melhora da composição corporal, diminuição de dores articulares, aumento da densidade mineral óssea, melhora da utilização de glicose, melhora do perfil lipídico, aumento da capacidade aeróbia, melhora de força e de flexibilidade, diminuição da resistência vascular, e como benefícios psicossociais encontram-se o alívio da depressão, o aumento da autoconfiança e a melhora da autoestima (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2001).

Segundo o Ministério de Saúde (2006) os principais benefícios biológicos, psicológicos e sociais, proporcionados pelo desempenho de atividade física são melhorar o funcionamento corporal, controle da pressão arterial, controle de peso, diminuição da ansiedade, estresse, postura e equilíbrio.

Muitos profissionais de saúde, em especial o profissional fisioterapeuta, reconhecem a importância da atividade física, como um fator determinante no sucesso do processo do envelhecimento. Sendo assim, o tema justifica-se devido ao número significativo de idosos institucionalizados que não possuem estratégias de prevenção para reabilitação do equilíbrio e capacidade funcional, em seu meio. Ainda, desconhecem a importância do exercício físico na

manutenção da capacidade funcional e na qualidade de vida durante o processo de envelhecimento.

2. OBJETIVO

Avaliar a influência da atividade física sobre o equilíbrio e possíveis repercussões na qualidade de vida, na prevenção de quedas, bem como na promoção de saúde para melhor independência nas atividades de vida diárias. Paralelamente, aguarda-se compreender melhor a influência da atividade física sobre a pressão arterial de idosos institucionalizados.

3. MATERIAIS E MÉTODO

3.1 MÉTODO

Trata-se de um estudo clínico de origem primária, qualitativo, realizado na Instituição de longa permanência Casa dos Velhos, na cidade de Tupã, Estado de São Paulo, Brasil. A pesquisa foi realizada entre os meses de setembro a dezembro de 2017.

3.2 PARTICIPANTES

A amostra foi composta por 14 idosos (65% sexo feminino e 35% masculino), com a idade entre 64 e 91 anos.

O grupo para estudo foi recrutado por meio de critérios inclusão que se baseou nas seguintes condições: idosos de ambos os sexos acima de 60 anos, com residência fixa por no mínimo por 12 meses na instituição, independentes funcionalmente, mesmo com auxílio de dispositivo para marcha. Os critérios de exclusão foram participantes que apresentavam doenças musculoesquelética, neurológica e déficits visuais.

3.3 MATERIAL

Utilizaram-se os seguintes materiais para o desenvolvimento da pesquisa:

- Halter de 0,5 a 2kg com distribuição proporcional à força do paciente,
- Obstáculos de cone para percorrer o circuito,
- Bola grande para dissociação de cintura escapular,
- Bolas pequenas para arremesso,
- Cestas de alvo;
- Esfignomanômetro e estetoscópio.

3.4 PROTOCOLO DE EXERCÍCIOS

O treino funcional aplicado em idosos ocorreu durante 12 semanas, sendo 2x/semana, com duração de 50 minutos.

Os exercícios aplicados consistiram em 3 etapas, sendo elas:

1ª Etapa: alongamentos (10 minutos).

2ª Etapa: I – Exercícios executados sentados (10 minutos)

II – Exercícios com halter (10 minutos)

III – Exercícios executados em pé (10 minutos)

3ª Etapa: circuito de equilíbrio, propriocepção e coordenação motora (10 minutos) (ANEXO 1).

3.5 COLETA DE DADOS

No primeiro dia da avaliação com os pacientes, ela foi realizada no horário agendado, de acordo com a rotina dos idosos e a disponibilidade dos pesquisadores, com a supervisão da fisioterapeuta da instituição. A avaliação foi realizada dentro da instituição, na área externa.

Foi aplicado nos participantes o instrumento de avaliação do equilíbrio corporal, Escala de Equilíbrio de Berg, antes do início do protocolo de exercício e após 12 semanas. Ainda, foi realizada aferição de pressão arterial sistêmica, 1 vez na semana, durante 12 semanas de exercícios.

A realização do teste de equilíbrio foi feita pelos pesquisadores e também com a colaboração da fisioterapeuta da instituição, a fim de assegurar

a realização das diferentes manobras, segundo o protocolo aplicado (Berg et al; 1995).

O estudo teve início com 17 idosos, tendo sido excluídos 2, pois faltaram em mais de duas sessões consecutivas e 1 que desistiu logo no início, devido à queixa de dor na região dos pés, impossibilitando a realização dos exercícios.

3.5.1 Teste de Equilíbrio

Para quantificação dos resultados foi utilizado o escore da escala de equilíbrio de BERG, que avalia o desempenho do equilíbrio funcional. O teste é composto por 14 testes e cada teste possui 5 alternativas que vão de 0 a 4 pontos, a pontuação máxima a ser alcançada é de até 56 pontos e a mínima é de 0 pontos. Esses testes são voltados para as habilidades do dia a dia do indivíduo, tais como: sentar, levantar, transferir-se, alcançar, girar, olhar por cima do ombro, ficar em apoio unipodal (Berg et al; 1995). Ao final do teste, foi dada, de acordo com os resultados obtidos, uma criticidade que predeterminou qual o déficit de equilíbrio do paciente (ANEXO 2).

3.6 ASPECTOS ÉTICOS

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, Envolvendo Seres Humanos (Plataforma Brasil), CAAE: 01561418.3.0000.5413. Os participantes deste estudo receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

3.7 ANÁLISE ESTATÍSTICA

Para avaliar se os pacientes apresentaram em média uma melhora significativa, no desempenho do equilíbrio funcional, bem como da pressão arterial, ou não apresentaram diferenças significativas antes e depois da intervenção (ou realização dos exercícios), aplicou-se o teste *t* de *Student* para observações pareadas. Foi considerado significativo o valor de *p* menor que 0,05 para todos os testes realizados. Utilizou-se o software *BioEstat 5.0* para realizar as análises estatísticas.

4. RESULTADOS

O desempenho do equilíbrio funcional antes da intervenção (ou realização dos exercícios) foi em média de 39,36 e após foi de 49,00, constatando-se uma melhora significativa no desempenho do equilíbrio funcional ($p < 0,0001$). No intervalo de pontuação inferior a 36 pontos, o risco de queda é de 100% e no intervalo situado entre 36 e 45 pontos, o risco de queda é alto, sendo necessário fazer intervenção fisioterapêutica (PEREIRA, et al., 2007).

Tabela 2. Comparação do equilíbrio avaliada pela Escala de Berg, antes e depois do protocolo de 12 semanas de exercícios.

PACIENTES	ANTES DO EXERCÍCIO	DEPOIS DO EXERCÍCIO
1	38	48
2	33	43
3	41	53
4	29	44
5	43	48
6	45	54
7	38	51
8	43	49
9	45	51
10	31	51
11	33	45
12	50	56
13	39	45
14	43	48

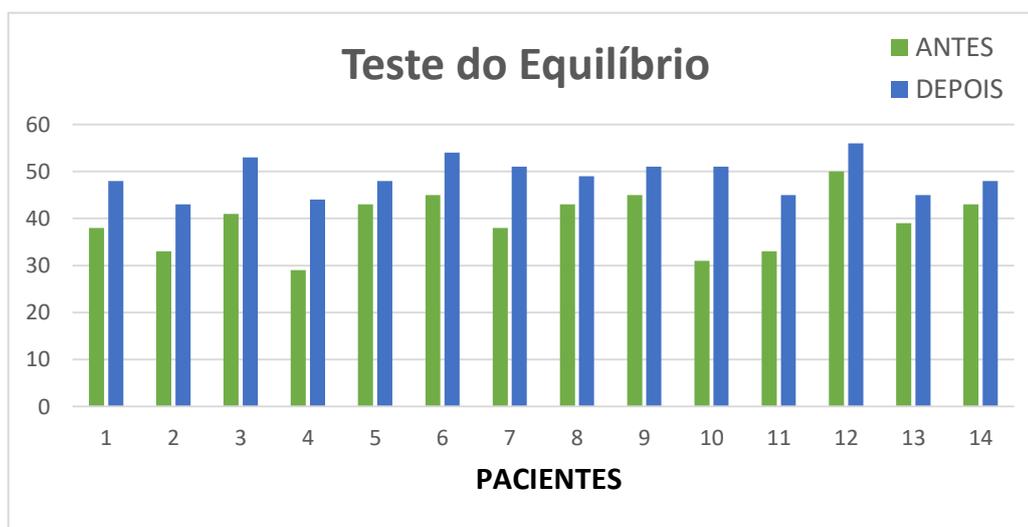


Figura 1: Comparação do equilíbrio avaliada por Escore da Escala de Berg, antes e depois do protocolo de exercícios de 12 semanas.

Os dados médios de pressão arterial sistólica (116,78 mmHg) e diastólica (72,61 mmHg) avaliados, semanalmente, não apresentaram diferenças significativas.

Tabela 4. Comparação da pressão arterial sistólica e diastólica avaliada, semanalmente, antes do início, antes do protocolo de exercícios.

PRESSÃO ARTERIAL SISTÓLICA														
SEMANA S	PACIENTES													
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
1	10 0	10 0	11 0	12 0	10 0	14 0	10 0	13 0	80 0	12 0	12 0	12 0	14 0	12 0
2	10 0	10 0	16 0	10 0	10 0	14 0	12 0	14 0	90 0	12 0	90 0	12 0	14 0	14 0
3	10 0	11 0	12 0	12 0	11 0	13 0	12 0	14 0	12 0	10 0	80 0	12 0	16 0	10 0
4	12 0	10 0	12 0	12 0	10 0	13 0	10 0	12 0	12 0	14 0	10 0	12 0	14 0	11 0
5	10 0	70 0	14 0	10 0	10 0	13 0	11 0	14 0	10 0	12 0	10 0	10 0	15 0	10 0
6	12 0	90 0	13 0	10 0	11 0	12 0	90 0	12 0	90 0	13 0	10 0	10 0	14 0	11 0
7	12 0	80 0	13 0	11 0	10 0	14 0	10 0	11 0	10 0	13 0	10 0	11 0	14 0	11 0
8	90 0	10 0	13 0	14 0	12 0	12 0	11 0	13 0	10 0	14 0	10 0	12 0	14 0	14 0
9	11 0	90 0	14 0	11 0	12 0	12 0	10 0	13 0	10 0	13 0	12 0	11 0	15 0	10 0
10	12 0	10 0	14 0	14 0	12 0	15 0	12 0	13 0	10 0	12 0	10 0	12 0	16 0	16 0
11	10 0	10 0	12 0	14 0	12 0	13 0	11 0	13 0	10 0	12 0	10 0	12 0	14 0	13 0
12	11 0	80 0	14 0	12 0	12 0	14 0	10 0	13 0	90 0	12 0	10 0	12 0	16 0	12 0

PRESSÃO ARTERIAL DIASTÓLICA

1	60	60	80	70	80	80	80	70	50	80	60	80	80	100
2	60	60	100	60	80	80	80	80	60	80	60	100	80	80
3	80	60	80	70	80	80	60	60	80	60	60	80	90	80
4	60	80	60	60	60	80	60	80	60	80	50	80	60	80
5	60	40	70	60	80	80	70	80	70	80	60	70	80	60
6	60	50	70	50	70	90	50	70	50	90	50	60	80	80
7	70	50	70	80	80	100	70	70	70	70	60	80	100	80
8	60	60	80	100	80	80	80	80	60	70	70	80	80	90
9	70	50	80	60	80	70	70	70	60	90	60	80	90	80
10	70	60	80	80	90	90	80	70	70	80	70	70	100	100
11	60	60	80	80	90	80	60	70	60	60	60	80	60	80
12	70	50	80	70	80	100	60	80	60	70	80	80	90	70

5. DISCUSSÃO

A partir dos resultados da pesquisa, observou-se que 12 semanas de protocolo de exercício físico promoveu efeito positivo sobre o equilíbrio. Ainda, observou-se resultado efetivo na redução do déficit funcional, relacionado ao envelhecimento em idosos institucionalizados. Esses dados corroboram com relatos na literatura que indicam o exercício físico, como meio significativo para melhora do equilíbrio postural (MANN et al; 2008).

Os resultados da pesquisa foram similares a estudo realizado por Nascimento et al. (2012), que avaliou o efeito do treinamento sobre o equilíbrio postural e concluíram que houve um aumento significativo no escore total da Escala de Equilíbrio Berg pós-intervenção.

Segundo Brochado et al. (2009), houve melhora no equilíbrio e mobilidade funcional, em grupo de idosos institucionalizados, que praticaram

exercício físico, comparado ao grupo de controle que não realizaram. O mesmo foi relatado por Borges e Moreira (2009) que além da melhora no equilíbrio postural em idosos que praticaram atividade física, também observaram benefícios na autonomia.

Resultados similares foram encontrados por Carter et al. (2002) que analisaram o equilíbrio, após um programa de fortalecimento, alongamento, coordenação, que demonstrou melhoras no equilíbrio e diminuição no risco de quedas. O mesmo ocorreu no estudo de Park et al. (2008), com a realização de um programa de fortalecimento, musculação, caminhada e equilíbrio.

Borsatto et al. (2013) descreveram o sedentarismo de idosos institucionalizados e sua relação com a possibilidade do aumento das doenças, ocasionado muitas vezes pela falta de atividades físicas, consequência de um condicionamento físico reduzido. Todavia, vale ressaltar que exercício com ênfase em propriocepção gera melhoras significativas para o equilíbrio postural, comparado a exercícios somente de caminhada e corrida (GAUCHARD et al., 2003).

Quanto ao tempo de protocolo e a frequência das atividades, Lopes, Passerini e Travensolo (2010) realizaram atividade física, durante oito semanas com duas sessões semanais, totalizando 16 sessões terapêuticas, tendo melhora significativa no equilíbrio de idosos.

Cordeiro et al. (2014) constataram que o grupo de idosos ativos obteve maior nível de independência das atividades de vida diária, quando comparado ao grupo de idosos inativos, sugerindo maior dependência.

No estudo de Aguiar et al. (2008), foram realizadas duas sessões semanais de 1 hora e 30 minutos, durante 4 meses, totalizando 30 sessões, tendo como resultado a redução na possibilidade de quedas.

Encontram-se evidências de programas de exercício físico que englobam o fortalecimento muscular dos membros inferiores, bem como treino de equilíbrio, ambos melhoram a função física, o equilíbrio, a mobilidade funcional e reduzem o risco de quedas (RIBEIRO et al.; 2009).

Fisher (2001) relata que resultados achados na literatura podem ser evidenciados pelos ajustes cardiovasculares ao treino, como diminuição de pressão arterial para uma mesma intensidade de atividade física. Essa redução de pressão arterial está ligada a um recrutamento de fibras musculares,

proporcionando a diminuição sanguínea para o músculo ativo, durante a prática de exercícios espelhando na resposta da pressão arterial.

É possível relatar que o exercício físico é uma ferramenta eficiente no tratamento de idosos hipertensos. Segundo Magalhães et al. (2012), a prática de exercícios físicos aeróbicos com duração de 12 semanas, beneficiou o desempenho físico em idosos, diminuindo assim, consideravelmente, a pressão arterial ao esforço, pressão arterial sistólica e a pressão arterial diastólica. No entanto, de acordo com o presente estudo, não foi observado redução na pressão arterial frente ao protocolo de exercício estabelecido.

Os indícios mostraram que a atividade física frequente e o estilo ativo de vida têm função importante na prevenção de doenças crônicas, mas, além de tudo, a atividade física está relacionada com uma melhora na mobilidade, capacidade funcional e qualidade de vida, no decorrer do envelhecimento (MATSUDO et al; 2001).

Finalmente, o ato de realizar atividade física proporciona, além de prevenção de quedas, a reabilitação da saúde do idoso, acrescentam melhoras na aptidão física, na manutenção de independência para a realização de atividades de vida diária (SIMÃO, 2004).

6. CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo permitiram concluir que a atividade física não promoveu alteração na pressão arterial de idosos institucionalizados, entretanto promoveu melhora significativa no equilíbrio, e isso provavelmente refletirá em redução do risco de quedas, melhora na mobilidade funcional e nas atividades de vida diária.

INFLUENCE OF PHYSICAL ACTIVITY ON THE BALANCE OF INSTITUTIONALIZED ELDERLY

ABSTRACT

In the last few years, the age range of the elderly has been prolonged and self-care for their health is of paramount importance, as increasing age, combined with loss of physiological balance, leads to an increased risk of falls, generating critical complications and functional limitations. The aim of the present study was to evaluate the influence of physical activity on balance and blood pressure and possible repercussions on the quality of life of institutionalized elderly. This

is a cross-sectional, exploratory, quantitative, population-based study, in which 14 elderly people were used for research of both sexes, aged over 60 years, residing at the Casa dos Velhos Institution, Tupã, São Paulo. Functional training applied to the elderly occurred for 12 weeks, twice a week, lasting 50 minutes. The performance of the functional balance, assessed by the Berg Balance Scale, before the exercise intervention, was an average of 39.36 and, after 12 weeks of exercise, it was 49.00, showing a significant improvement in the performance of the functional balance. The mean blood pressure data showed no significant differences. It is concluded that physical activity did not promote changes in blood pressure, however it did promote a significant improvement in balance, suggesting an improvement in quality of life, in the prevention of falls and greater independence in the daily life activities of institutionalized elderly.

KEYWORDS: Elderly. Exercise. Balance. Sedentary lifestyle. Quality of life.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, et al., Análise do equilíbrio e redução do risco de quedas em idosos institucionalizados após programa de exercícios fisioterapêuticos. **Revista Digital - Buenos Aires**, v.13, n.119, 2008.

ALFIERI F.M.; TEODORI R.M.; MONTEBELO M.I.L. Mobilidade funcional de idosos submetidos à intervenção fisioterapêutica. **Brazilian Journal of Biomotricity**, v.6, n.14, p.45- 50, 2004.

AMERICAN COLLEGE OF SPORTS MEDICINE POSITION STAND. Exercise and physical activity for older adults. **Med Sci Sports Exerc.** v.30, n 6, p.992-1008, 1998.

ANDREOTTI, R.A. Efeitos de um programa de educação física sobre as atividades da vida diária de idosos. São Paulo; 1999. [Dissertação de Mestrado - Escola de Educação Física e Esporte da USP].

BASSEY E.J. Physical capabilities, exercise and aging. **Rev Clin Gerontol**; v.7, p.289-97,1997.

BIRGE, S. T. Can falls and hip fracture be prevented in frail older adults J. Am. Geriatr. Soc., v. 47, p.1265-1266, 1999.

BORGES, M. R. D.; MOREIRA, A. K. Influências da prática de atividades físicas na terceira idade: estudo comparativo dos níveis de autonomia para o desempenho nas AVDs e AIVDs entre idosos ativos fisicamente e idosos sedentários. **Motriz**, v.15 n.3 p.562-573, 2009.

BORSATTO, A. C., LANGONI, C. S., RESENDE, T. L.; VALMORBIDA, L. A. Teste de caminhada de seis minutos em idosos de uma instituição de

longa permanência: valores, aplicabilidade e correlações. **Rev. Bras. de Ciência do Esporte**, v.10, n.3, 285-295, 2013.

BROCHADO, G.; GOMES, S.; OLIVEIRA, J.; RIBEIRO, F.; TEIXEIRA, F. Impacto da prática regular de exercício físico no equilíbrio, mobilidade funcional e risco de queda em idosos institucionalizados. **Rev. Port. Cien. Desp.**, v.9, n.1, p.36–42, 2009.

CASCAES E.; FALCHETTI M. L.; GALATO D.; Perfil da automedicação em idosos participantes de grupos da terceira idade de uma cidade do Sul do Brasil, **Arquivos Catarinenses de Medicina**, v. 37, n. 1, p. 63-69, 2008.

CIOLAC, E. G.; GUIMARÃES, G. V. Exercício físico e a síndrome metabólica. **Revista Brasileira de Medicina e Esporte**, v. 10, n. 04, p. 319-324, 2004.

COOPER J.W. et al., Assessment of psychotropic and psychoactive drug loads and falls in nursing facility residents. **Consult Pharm**, v.22, p. 483–489, 2007.

CORDEIRO, J.; DEL CASTILLO, B. L.; FREITAS, C. S.; GONÇALVES, M. P. Efeitos da atividade física na memória declarativa, capacidade funcional e qualidade de vida em idosos. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, v.17, n3, p.541-552, 2014.

DIAS, B.; MOTA, R.; GÊNOVA, T.; TAMBORELLI, V.; PEREIRA, V.; PUCCINI, P. Aplicação da Escala de Equilíbrio de Berg para verificação do equilíbrio de idosos em diferentes fases do envelhecimento. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 6, n. 2, 2010.

FILHO, C. T. E; NETTO, P. M. Geriatria fundamentos, clínica e terapêutica. 2º ed. São Paulo: Atheneu, 2005.

FISHER, M.M. The effect of resistance exercise on recovery blood pressure in normotensive and borderline hypertensive women. **J. Strength. Cond. Res.**, v.15: p.210-216, 2001.

FREITAS, E.V.; PY, L.; CANÇADO, F.A.X.; DOLL, J.; GORZONI, M.L. Tratado de geriatria e gerontologia. 2ª ed. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan; 2006.

GAUCHARD, G. C.; GANGLOFF, P.; JEAN- DEL, C.; PERRIN, P. P. Influence of regular proprioceptive and bioenergetic physical activities on balance control in elderly women. **J. Gerontol.**, v. 58, n. 9, p. 846-850, 2003.

HALLAL, P.C.; MATSUDO S.M.; MATSUDO, V.K.; ARAUJO, T.L.; ANDRADE, D.R.; BERTOLDI, A.D. Physical activity in adults from two Brazilian areas: similarities and differences. **Cad Saúde Publica**. 2005.

LOPES, M. N. S. S.; PASSERINI, C. G.; TRAVENSOLO, C. F. Eficácia de um protocolo fisioterapêutico para equilíbrio em idosos institucionalizados. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**, v. 31, n. 2 2010.

MAGALHÃES, C. B. A.; MARTINS, A. B. T.; MONT´ALVERNE, D. G. B.; NOGUEIRA, I. C.; SANTOS, Z. M. S. A. Efeitos do exercício físico no controle da hipertensão arterial em idosos: uma revisão sistemática. **Rev. Bras. Geriatr. GeRontol.**, Rio de Janeiro, 2012; 15(3):587-601.

MANN, L.; KLEINPAUL, J. F.; TEIXEIRA, C. S.; ROSSI, A. G.; LOPES, L. F. D.; MOTA, C. B. Investigação do equilíbrio corporal em idosos. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 11, n. 2, p. 155-165, 2008.

MATSUDO, S. M.; MATSUDO, V. K.; NETO, T. L. B. Atividade física e envelhecimento: aspectos epidemiológicos. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 7, n. 1, p. 2-13, 2001.

MCCOLLUM G.; SHUPERT C.L.; NASHNER L.M. Organizing sensory information for postural control in altered sensory environments. **J Theoretical Biol**, 1996.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Envelhecimento e saúde da pessoa idosa. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. (Cadernos de Atenção Básica, n. 19)

MINISTÉRIO DA SAÚDE BRAIL. Projeto Promoção da Saúde: Carta de Ottawa. Brasília: Ministério da Saúde; 2001.

MOURA, R. N. et al. Quedas em idosos: Fatores de Risco Associados. **Gerontologia**. v. 7, n. 2, p. 15-21, 1999.

NASCIMENTO, L. C. G.; PATRIZZI, L. J.; OLIVEIRA, C. C. E. S. Efeito de quatro semanas de treinamento proprioceptivo no equilíbrio postural de idosos. **Fisioter. Mov.**, v. 25, n. 2, p. 325-331, abr./jun. 2012.

PARADELLA, R. Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017, p. 01, 2018, Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017.html>. Acesso em 27/10/18.

PARK, H.; KIM, K. J.; KOMATSU, T.; PARK, S. K.; MUTOH, Y. Effect of combined exercise training on bone, body balance, and gait ability: a randomized controlled study in community- dwelling elderly women. **Journal of Bone and Mineral Metabolism**, v. 26, p. 254- 259, 2008.

PASSOS V.M.; BARRETO S.M.; DINIZ L.M.; LIMA-COSTA M.F. Type 2 diabetes: prevalence and associated factors in a Brazilian community: the Bambuí health and aging study. **Med J**; v.123, n.2,p.66-71, 2005.

PEREIRA, H.N., A., Atividade Física na Promoção da Qualidade de Vida em Indivíduos da Terceira Idade, Estudo de caso no núcleo do Projeto Saúde, Bombeiros e Sociedade, que atua no Núcleo de Busca e Salvamento do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará.

RIBEIRO F.; TEIXEIRA F.; BROCHADO G.; OLIVEIRA J. Impact of low cost strength training of dorsi- and plantar flexors on balance and functional mobility in institutionalized elderly people . **Geriatr Gerontol Int.** v.9, p.75-80, 2009.

RUWER, S. L.; ROSSI, A. G.; SIMON, L. F. Equilíbrio no idoso. Revista Brasileira de Otorrinolaringologia, São Paulo, v. 71, n. 3, p. 298-303, maio/jun. 2005.

SIMÃO, R. Treinamento de força na saúde e na qualidade de vida. São Paulo: Phorte, 2004.

SPIRDUSO, W. W.; FRANCIS, K. L.; MACRAE, P. G. Motor control, coordinations and skill. In: SPIRDUSO, W. W.; FRANCIS, K. L.; MACRAE, P. G. Physical Dimensions of Aging. **Human Kinectics.** p. 152-183, 1995.

VERAS, P. Renato. Terceira Idade: alternativas para uma sociedade em transição. Editora: Relume-Dumará: UnATI/UERJ, 1999.

BENEFÍCIOS DA FISIOTERAPIA AQUÁTICA EM PACIENTE COM ENCEFALOPATIA CRÔNICA NÃO-PROGRESSIVA DA INFÂNCIA: Um estudo de caso

Estela Maris Monteiro Bortoletti¹; Graduada em Fisioterapia na Faculdade da Alta Paulista de Tupã - FAP, estelamaris.monteiro@hotmail.com

Juliana Edwiges Martinez Spada², Docente da Faculdade da Alta Paulista de Tupã - FAP. Doutora em Avaliação e Intervenção em Fisioterapia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) Presidente Prudente/SP, docente do curso de Fisioterapia na Faculdade da Alta Paulista - FAP, Tupã/SP, julianaedwmartinez@hotmail.com

RESUMO: A fisioterapia aquática (FA) utiliza a imersão do corpo em piscina aquecida, para melhora no desenvolvimento neuropsicomotor e, é utilizada tanto na forma terapêutica, quanto recreacional. Pacientes com Encefalopatia Crônica Não Progressiva da Infância (ECNPI) podem se beneficiar com os efeitos da FA. Estudos já demonstraram a ocorrência de aumento dos níveis de dopamina no sistema nervoso central, diminuição da tensão muscular, contribuição na independência funcional, respostas positivas na regulação do tônus muscular, consciência corporal no espaço, coordenação motora e equilíbrio e também a promoção de sensações agradáveis e relaxantes, melhorando a socialização. **OBJETIVO:** Avaliar o comportamento neuropsicomotor de uma paciente com encefalopatia crônica não progressiva da infância. **MATERIAIS E MÉTODOS:** Esta pesquisa se trata de um estudo experimental qualitativo. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Acompanhou-se o tratamento de FA de uma voluntária do sexo feminino, idade de 24 anos, e diagnóstico de ECNPI, uma vez na semana, totalizando 9 sessões de 50 minutos cada. A paciente apresentou resposta significativa ao tratamento proposto, desenvolvendo habilidades que, aparentemente, eram desconhecidas da família e da própria paciente. **CONCLUSÃO:** Os resultados deste estudo evidenciaram os benefícios das sensações hidrodinâmicas pelos quais a participante passou, e o quanto foram importantes para seu progresso em todas as áreas propostas desde o controle emocional até a sua percepção corporal.

PALAVRAS-CHAVE: Benefícios. Fisioterapia Aquática. Encefalopatia.

1. INTRODUÇÃO

O recurso fisioterapêutico que utiliza a imersão do corpo em piscina aquecida e oferece mudanças cinesiológicas, fisiológicas e físicas para os indivíduos que a utilizam é denominada Fisioterapia Aquática (FA) (SILVA et al. 2013). Desde a década de 1970, a fisioterapia aquática vem sendo utilizada em crianças desde o nascimento até a idade adulta, com uma boa aceitação e, de forma terapêutica ou recreacional, ou juntas, para uma melhor eficácia no tratamento (CASTRO et al. 2003).

A piscina aquecida é utilizada na FA como recurso auxiliar de reabilitação ou prevenção de alterações funcionais, proporcionando efeitos como: aumento dos níveis de dopamina no sistema nervoso central, aumento do metabolismo, diminuição da tensão muscular e uma sensação agradável e relaxante (SILVA et al. 2013). De acordo com Meneghetti et al. 2009, a água promove benefícios físicos e termodinâmicos, que auxiliam o paciente na sua independência funcional, cujos princípios são:

[...] o empuxo, força oposta à gravidade atuando sobre o objeto imerso, que propicia a flutuação, a pressão hidrostática, pressão que a água exerce sobre o corpo em todas as direções; viscosidade, atração entre as moléculas de água que cria uma resistência ao movimento (p. 270).

O estresse negativo ou diestresse desencadeia uma série de eventos fisiológicos, gerando uma desordem em cadeia no organismo (CANTOS et al. 2008). Segundo Cunha; Caromano (2003), em ambiente aquático, os pacientes submetidos à imersão experimentam situações de relaxamento e tranquilidade obtendo, assim, modificações benéficas do seu estado psicofisiológico. O aproveitamento dos recursos hídricos juntamente com a fisioterapia promovem ajustes necessários para a reabilitação de pacientes neurológicos, garantindo uma resposta positiva, quanto à regulação do tônus muscular, consciência corporal no espaço, coordenação motora e equilíbrio, melhora das habilidades sensitivas, ajustes nos reflexos de endireitamento e proteção (TOBLE et al., 2013).

Vários termos são empregados para o conceito do uso da água para a reabilitação, mas os mais comumente usados são fisioterapia aquática e hidroterapia (BIASOLI; MACHADO, 2006). As bases científicas da teoria hidrodinâmica fundamentam a Fisioterapia Aquática. O fisioterapeuta deve entender e interpretar as técnicas a serem utilizadas e as propriedades físicas da água, sendo que esta deve estar entre 31 e 34°C (GABILAN et al., 2005). O corpo, imerso a uma temperatura termo neutra de 35°, passa a absorver esse calor e essa temperatura ultrapassa a da pele (35°), causando uma sensação de relaxamento e bem estar, melhorando a circulação sanguínea e promovendo uma facilitação dos movimentos articulares (CUNHA; CAROMANO, 2003).

A palavra hidroterapia vem do grego “hydor/hydatos”, que significa água e “therapeia”, tratamento (BIASOLI; MACHADO, 2006). Biasoli afirma que, na hidroterapia, a utilização da água como elemento terapêutico pode ser diversificada, lançando mão de diversas técnicas, de acordo com a patologia a ser trabalhada; são elas: saunas, duchas quentes, balneoterapia, compressas úmidas, crioterapia, talassoterapia, turbilhão, hidromassagem. Não existem evidências de concordância, quanto aos termos que definem a prática da fisioterapia em ambiente aquático, contudo “Fisioterapia Aquática” é o melhor termo que se enquadra neste trabalho (GIMENES et al., 2005).

A FA nasceu na Grécia, onde se usava a imersão quente e fria de forma recreacional e terapêutica para uma série de doenças como: paralisia, icterícia, reumatismo e espasmos musculares, na tentativa de diminuir os agentes agressores (CUNHA, CAROMANO, 2003). Na tentativa de diminuir esses agentes, a FA integra técnicas diversificadas ao tratamento, a fim de individualizar os pacientes para que os exercícios sejam usados e combinados com fácil adaptabilidade para o paciente (FARIAS, 2009).

Segundo Cunha; Caromano (2003), para restauração do equilíbrio corporal e melhora do funcionamento do sistema imunológico, algumas intervenções, no que diz respeito à mente e ao corpo são necessárias para diminuir a atividade do sistema simpático e aumentar a resposta do parassimpático. De acordo com Toble et al. (2013), para aprimorar a percepção espacial e corporal de pacientes neurológicos, utilizam-se técnicas

hidrocinesioterapêuticas, com vistas a uma melhora na integração social na resposta motora e nas habilidades no solo.

Os procedimentos utilizados para promover relaxamento, alívio da dor e diminuição do estresse em meio aquático são: alongamentos, mobilizações passivas, controle postural e movimentos rítmicos (CUNHA; CAROMANO, 2003). Durante a terapia, o paciente absorve a percepção térmica (interação corpo e água) da troca de calor exercida pela colisão entre as moléculas que se dá através dos mecanismos de condução (CARREGARO; TOLEDO, 2008). Candeloro; Caromano (2007) dizem que as propriedades físicas da água desempenham papel fundamental para a manutenção do tônus muscular, promoção de relaxamento e ganho de amplitude de movimento.

A FA tem por objetivo a reabilitação de estruturas, com o intuito de devolver a melhora global nas realizações das AVD's, aprimorar o equilíbrio e a coordenação, melhorar a amplitude de movimento, a marcha e a posição ortostática, reeducação do padrão respiratório e redução da espasticidade (BIASOLI; MACHADO 2006).

1.1 ENCEFALOPATIA CRÔNICA NÃO PROGRESSIVA DA INFÂNCIA

Ribeiro et al. (2008) relatam que a Paralisia Cerebral (PC) ou Encefalopatia Crônica Não Progressiva da Infância (ECNPI) é o estado neurológico provindo de consequência lesional, ocorrida em períodos peri, pré ou pós-natal, que acarretam alterações no sistema nervoso central tanto no que se diz respeito à estrutura, quanto a sua funcionalidade. Jacques et al. (2010, p.55), definem como de grande dificuldade o diagnóstico da ECNPI, que é baseado no histórico clínico materno e na avaliação médica neurológica, sendo assim, diversos são os fatores que desencadeiam a doença; dentre eles estão:

[...] infecções, hipoxemia cerebral e distúrbios do metabolismo, hemorragias cerebrais por trauma do parto, hipóxia e fatores obstétricos, icterícia grave não tratada no momento certo, meningoencefalites bacterianas, encefalopatias desmielinizantes pós-

infecciosas e pós-vacinais, traumatismos cranioencefálicos e convulsões neonatais.

A ECNPI compromete áreas diferentes no corpo do paciente, que podem ser definidas topograficamente como: hemiplégico/hemiparético, diplégico/diparético ou tetraplégico/tetraparético. O paciente pode, ainda, apresentar distúrbios nos movimentos, a saber: atáxicos, discinéticos, hipotônicos, atetóides ou mistos (JACQUES et al., 2010). De acordo com Assumpção et al. (2011), na PC o indivíduo desenvolve diversas dificuldades de equilíbrio, coordenação, diminuição de força e a anormalidade mais comum é o seu tônus espástico. Em lesões congênitas ou adquiridas do Sistema Nervoso Central (SNC), esse distúrbio ocorre frequentemente e, se não for tratado, pode causar rigidez, contratura, algia e deformidade (LIANZA et al., 2001).

Cantos et al. (2008) afirmam que a sugestão de uma mudança geral psicossocial em pacientes com doenças crônicas, no que se diz respeito ao estresse, é desafiadora, contudo os conflitos internos na individualidade de cada um, sejam eles fatores intrínsecos ou extrínsecos, são agentes estressores que podem causar sentimentos de sofrimento e ameaça.

Torna-se importante, portanto, descrever não apenas o comportamento do paciente que apresente alguma forma de lesão encefálica, mas também as habilidades adquiridas por ele através do tratamento fisioterapêutico, utilizando o meio aquático (piscina terapêutica) como recurso hidrocinesioterapêutico.

2. OBJETIVO

Avaliar o comportamento neuropsicomotor e descrever os benefícios que a fisioterapia aquática pode propiciar à paciente com encefalopatia crônica.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma metodologia qualitativa do tipo relato de caso, que qualitativamente descreve a complexidade de um determinado problema, além de contribuir para o processo de mudança, possibilitando o entendimento das

mais variadas particularidades (DALFOVO et al., 2008). Segundo Aragão et al. (2009), a modalidade relato de caso, pode ser uma importante ferramenta de aprendizagem e de contato com a produção científica.

Os critérios primários estabelecidos para a seleção da participante foram: que ela fosse diagnosticada com encefalopatia crônica não progressiva da infância e que estivesse frequentando a APAE de Tupã/SP, e que sua mãe/responsável aceitasse a sua participação no estudo. A responsável pela participante deste estudo foi previamente informada sobre o objetivo e os procedimentos utilizados, sendo que, mediante a aceitação individual voluntária, assinou um termo de consentimento livre e formal.

Este estudo foi enviado para avaliação do comitê de ética em pesquisa envolvendo seres humanos via Plataforma Brasil, obtendo aprovação no parecer número: 1.298.757 e Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) número: 48751915.3.0000.5496, cumprindo com a resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

A APAE de Tupã, que atende a paciente com ECNPI, foi o local da coleta de dados relatados no diário de campo.



Foto 2: equipamentos aquáticos

Primeiramente, fez-se um levantamento de prontuários da APAE com o objetivo de identificar um indivíduo que correspondesse ao critério de elegibilidade deste estudo, necessitando de que este fosse diagnosticado com ECNPI. A avaliação inicial foi realizada a partir da observação da paciente, durante seu primeiro contato com: a piscina, o terapeuta e o ambiente. Esta avaliação foi registrada por meio da técnica de diário de campo. Após, foram realizadas sessões semanais (uma vez na semana com duração 40 minutos) de fisioterapia aquática, estas foram acompanhadas por equipe composta de um monitor auxiliar de banho, um fisioterapeuta responsável pela paciente e um estudante de fisioterapia (pesquisadora).

A piscina aquecida (32°C a 34°C) possui área de 2,24m², profundidade de 1,20 m e uma rampa (Foto 1). É feita de piso de alvenaria e azulejo e, foi utilizada como instrumento hidrocinesioterapêutico. Os equipamentos

utilizados, durante as sessões foram: espaguete, prancha, cama elástica. **Foto 2: equipamentos aquáticos** brinquedos flutuantes e halteres (Foto 2) e câmera fotográfica para auxiliar no registro de dados.



Foto 1: Piscina e rampa.

4. RESULTADOS

Foi selecionada uma pessoa que correspondeu a este critério, sendo do sexo feminino com idade de vinte e quatro anos de idade e diagnóstico de ECNPI. Foram realizadas sessões de FA uma vez na semana, totalizando 9 sessões de 50 minutos cada. Posteriormente à intervenção da FA, a paciente foi reavaliada, para análise da evolução do desenvolvimento neuropsicomotor. Abaixo seguem dados da avaliação inicial e final, assim como descrição resumida de uma das sessões.

Avaliação inicial:

A paciente apresentou-se responsiva, um pouco tensa e bastante agitada. Foram verificados os sinais vitais: frequência respiratória (FR) - 12 respirações por minuto (rpm), pressão arterial (PA) - 100x60 mmHg, frequência cardíaca (FC) - 80 batimentos por minuto (bpm), temperatura corporal - 36 graus e ausculta pulmonar sem alterações. Chegou no setor deambulando sem apoio com um pouco de dificuldade e compensações no hemitorço esquerdo, marcha arrastada e movimentos associados (balançava-se antero-posteriormente, passava a mão na cabeça com agressividade e ao mesmo tempo apresentava o flapping com as mãos) contudo, atendeu aos estímulos verbais e quando requisitado, agachou-se sem dificuldades, correu, rolou e

realizou todas as atividades propostas, porém mordida-se e gritava bastante durante a avaliação.

A responsável (mãe) relatou que a paciente estava em um momento de bastante dependência e que não realizava suas AVD's com independência, não se alimentava sozinha, aborrecia-se facilmente com situações rotineiras, e que a automutilação estava piorando.

Descrição de uma das sessões de Fisioterapia Aquática:

A paciente chegou à APAE, acompanhada de sua mãe e cumprimentou a todos que estavam presentes com um aperto de mão, acompanhou a pesquisadora até o banheiro, retirou as roupas sem nenhum auxílio, colocou a touca, retirou os chinelos e os guardou embaixo da mochila que trouxe, tomou a ducha de modo independente, desceu a rampa da piscina com apoio, porém apresentando segurança. Andou pela piscina acompanhada da terapeuta e subiu na cama elástica, pulou, realizou todos os exercícios propostos, atendeu a todos os comandos verbais, permaneceu em silêncio sem demonstrar agitação e aceitou deitar em decúbito dorsal na água, não se autoagrediu, cantarolou, brincou, e no final da sessão queria continuar na piscina, porém, com orientações, foi até o banheiro, tomou o banho de forma independente, colocou o vestuário, agradeceu e acenou para os presentes antes de ir embora.

Avaliação final

A paciente apresentou-se responsiva, tranquila e alegre, cumprimentou a todos que estavam no local. Foram verificados os sinais vitais: FR - rpm, PA - 110x80 mmHg, FC - 80 bpm, temperatura corporal - 36 graus e ausculta pulmonar sem alterações, chegou no setor deambulando sem apoio e ainda, com compensações no hemisfério esquerdo, marcha menos arrastada e mais próxima do funcional, os movimentos associados estavam praticamente abolidos, porém ainda apareciam, quando a paciente percebia a presença de alguns amigos que frequentam a APAE, na piscina (desta vez somente apresentava o flapping com as mãos) contudo, atendeu a todas as atividades

propostas como: pular com apoio unipodal, brincar de agachar e levantar atendendo ao comando verbal, correr, dançar e até cantar, fez tudo sem pestanejar e com um semblante feliz, não se irritou durante a avaliação parecia até se divertir.

A responsável (mãe) relatou que, no período da pesquisa, a paciente melhorou em relação à agressividade e que até se penteou sozinha alguns dias, esperando o horário da sessão, começou a se relacionar em casa e a ter mais contato visual durante os diálogos.

Assim, a partir da realização das sessões da FA, a paciente apresentou melhora gradual em seu estado psicossocial, melhora no entendimento dos comandos verbais, da tranquilidade e independência para realizar suas AVD's. A reavaliação demonstrou melhora no tônus muscular, na flexibilidade, controle motor e equilíbrio. Apresentou, durante o período da pesquisa, uma resposta significativa ao tratamento proposto, desenvolvendo habilidades que, aparentemente, eram desconhecidas da família e da própria paciente. Durante as sessões, foi observado que a paciente fez uso de habilidades de que necessitava e que, inicialmente, não dominava, tais como: exercitar o cognitivo para executar as funcionalidades sensório motoras, recepção aos estímulos visuais e verbais, superando a necessidade de fuga, abrindo-se para a socialização e possibilitando o feedback interpessoal.

5. DISCUSSÃO

Dentro do ambiente aquático, a paciente conseguiu controlar as emoções de irritabilidade e agressividade que apresentava no solo, o que confirma a concepção de que o ambiente pode ser determinante na mudança de comportamento e atitude, uma vez que ao primeiro contato com piscina terapêutica, ela apresentou uma mudança significativa em relação ao estresse negativo (CANTOS et al., 2008).

Conforme Salvador et al. (2005), a prática hidrocinesioterapêutica, viabiliza a execução daqueles movimentos que, para a paciente, eram inviáveis, e promovem o progresso da realização das suas AVD's com independência e autoconfiança, levando-a a aderir à terapia com considerável

assiduidade, demonstrando uma mudança de atitude, mostrando-se mais receptiva às atividades propostas e mais propensa aos estímulos emocionais.

Carregaro e Toledo afirmam que algumas pesquisas obtiveram respostas positivas em relação à melhora da amplitude de movimento articular e o grau de força de vários pacientes, demonstrando que a fisioterapia aquática é eficaz e contribui significativamente no programa de tratamento.

6. CONCLUSÃO

Este estudo foi determinante para que a paciente conseguisse captar e desenvolver todas as atividades por ela descobertas e ditas como novas, promovendo o seu progresso interpessoal e redescobrimo ainda habilidades por ela antes não utilizadas ou até mesmo esquecidas, nos seus momentos de fuga e agressão ao próprio corpo sem intenção consciente; portanto a FA mostrou conclusões satisfatórias para a paciente com ECNPI.

Os resultados deste estudo evidenciaram os benefícios das sensações hidrodinâmicas pelos quais a participante passou, e o quanto foram importantes para seu progresso, em todas as áreas propostas, desde o controle emocional até a sua percepção corporal.

BENEFITS OF AQUATIC PHYSIOTHERAPY IN A PATIENT WITH NON-PROGRESSIVE CHRONIC ENCEPHALOPATHY IN CHILDHOOD: A case study

ABSTRACT

The word comes from hydro grego hydros / hydatos, meaning water and therapeia treatment. The aquatic physiotherapy (AF) uses the body's immersion in heated pool for improvement in neurodevelopment and is used both therapeutically, as recreational. Patients with non-progressive chronic encephalopathy of childhood (CENPC), can benefit from the effects of AF. Studies have shown the occurrence of increased levels of dopamine in the central nervous system, decreased muscle tension, contribution to functional independence, positive responses in the regulation of muscle tone, body awareness in space, coordination and balance as well as the promotion of good feelings and relaxing improving socialization. To assess the psychomotor behavior of a patient with CENPC. MATERIALS AND METHODS: This study it is a qualitative experimental study. RESULTS AND DISCUSSION: He followed up the treatment of AF of a female person, aged twenty-four, with CENPC, once

a week, a total of nine 50-minute sessions. During this period, the patient missed two sessions. The patient presented during the survey period, a significant response to the proposed treatment, developing skills that apparently was unknown to the family and the patient. **CONCLUSION:** Results of this study showed the benefits of hydrodynamic sensations for which the participant has passed, and how were important for their progress in all areas proposed from the emotional control to their body perception.

KEYWORDS: Benefits. Aquatic Physiotherapy. Encephalopathy.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO J., TAVARES M. **Como preparar um relato de caso clínico.** Cadernos Unifoa edição n .9, abril, 2009.

ASSUMPÇÃO S. M., PIUCCO. C. E., CORRÊA. R. C.E., RIES. K.G.L., **Coativação, espasticidade, desempenho motor e funcional na paralisia cerebral.** Motriz, Rio Claro, v.17 n.4, p.650-659, out./dez. 2011.

BIASOLI M. C., MACHADO C. M. C. **Hidroterapia: técnicas e aplicabilidades nas disfunções reumatológicas.** Temas de Reumatologia Clínica; v.7, n. 3,2006.

CANDELORO M., CAROMANO, F. A. **Efeito de um programa de hidroterapia na flexibilidade e na força muscular de idosas.** Revista Brasileira de Fisioterapia, v. 11, n. 4, p. 303-309, 2007.

CANTOS G. A., SCHÜTZ. R., ROCHA M. E. **Associação das técnicas de watsu e halliwick com a biodanza ® aquática, como forma de melhorar o estresse psicológico de pacientes com doenças crônicas.** Revista Pensamento Biocêntrico, n.9, p. 70-83, jan/jun 2008.

CARREGARO R. L., TOLEDO. A. M., **Efeitos fisiológicos e evidências científicas da eficácia da fisioterapia aquática.** RevistaMovimenta, v.1, n.1, 2008.

CASTRO T. M., LEITE, J. M. R. S., VITORINO, D. F. M., PRADO, G. F. **Síndrome de Rett e Hidroterapia: Estudo de Caso.** Revista neurociências, v.12, n.2, - abr/jun, 2004.

CUNHA M. G., CAROMANO F.A., **Efeitos fisiológicos da imersão e sua relação com a privação sensorial e o relaxamento em hidroterapia.** Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 14, n. 2, p. 95-103, maio/ago, 2003.

DALFOVO M. S., LANA R. A., SILVEIRA A. **Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.2, n.4, p.01-13 Sem II, 2008.

FARIAS, A.M., **Contribuição educativa e terapêutica da hidroterapia na qualidade de vida de pacientes portadores de osteoporose: análise de um**

programa de educação para a saúde. Revista Eletrônica Ensino, Saúde e Ambiente, v.2, n.1, p. 30-43 abril, 2009.

GABILAN Y. P. L., PERRACINI M.R., MUNHOZ M.S.L, GANAÇA F.F, **Fisioterapia aquática para controle vestibular.** ACTA ORL, p.25-30, 2006.

GIMENES R.O., FONTES S. V., FUKUJIMA. M. M., MATAS S. L. A., PRADO G. F. **Análise crítica de ensaios clínicos aleatórios sobre fisioterapia aquática para pacientes neurológicos.** Revista Neurociências, v.13, n.1,jan/mar, 2005

JACQUES K. C., DRUMOND N. R., ANDRADE S. A. F., JÚNIOR I. P. C., TOFFOL W. C. **Eficácia da hidroterapia em crianças com encefalopatia crônica não progressiva da infância: revisão sistemática.** Fisioter. Mov., Curitiba, v. 23, n. 1, p. 53-61, jan./mar. 2010.

LIANZA S., PAVAN K., LOURENÇO A. F., FONSECA A. P., LEITÃO A. V., MUSSE C. A. I, SANTOS C.A., MASIERO D., QUAGLIATO E., FONSECAF.G.A, GRANERO L. H. M., GIANNI M. A. C., GAL P. L. M., ROSETTO R., BELLIZZI D., GREVE J. M. D, SPOSITO M. M. M., **Diagnóstico e tratamento da espasticidade.** Sociedade brasileira de medicina física e reabilitação, 2001.

MENEGHETTI Z. H. C., BASQUEIRA. C., FIORAMONTE.C., JUNIOR F. C. L. **Influência da fisioterapia aquática no controle de tronco na síndrome de pusher: estudo de caso.** Fisioterapia e Pesquisa, São Paulo, v.16, n.3, p.270, jul./set. 2009.

RIBEIRO J., CAON G., BELTRAME T. S. **Perfil motor de criança com encefalopatia crônica não progressiva – implicações para a intervenção profissional.** Dynamis revista tecno-científica, v.3, n.14, p. 42-45, abril/junho 2008.

SALVADOR J. P., SILVA F. Q., ZIRBES, M. G. C. M. **Hidrocinesioterapia no tratamento de mulheres com fibromialgia: estudo de caso.** Fisioterapia e Pesquisa, v.2, n.1, p.28, 2005.

SILVA D. M., NUNES M. C. O., OLIVEIRA P. J. A. L., CORIOLANO M. G. W. S., BERENQUER F. A., LINS. O. G., XIMENES D. K. G., **Efeitos da fisioterapia aquática na qualidade de vida de sujeitos com doença de Parkinson,** Fisioter e Pesq, v.20, p. 18, 2013.

TOBLE A. M., BASSO R. P., LACERDA A. C., PEREIRA K., REGUEIRO A. M. G., **Hidrocinesioterapia no tratamento fisioterapêutico de um lactente com Síndrome de Down: estudo de caso.** Fisioter. Mov., Curitiba, v. 26, n. 1, p. 231-238, jan./mar. 2013.

AVALIAÇÃO DA COMPOSIÇÃO CORPORAL ENTRE UNIVERSITÁRIOS TRABALHADORES E NÃO TRABALHADORES DE 18 A 25 ANOS DO CURSO DE FISIOTERAPIA DA FACULDADE DA ALTA PAULISTA - FAP DE TUPÃ/SP

PAOLA AGUIAR RIBEIRO¹; JULIANA EDWIGES MARTINEZ SPADA

¹Discente do curso de Fisioterapia da FADAP-FAP.
paoula.aguiar@hotmail.com

²Orientadora e Docente do curso de Fisioterapia da FADAP-FAP. Tupã/SP.
Brasil. 2020. julianaedwmartinez@hotmail.com

RESUMO: Técnicas de medida da composição corporal podem ser feitas em alunos universitários para que se possa ter uma estimativa de como está a saúde física e orgânica destes indivíduos. Assim, ao analisar a composição corporal destes indivíduos, pode-se determinar o grau de desequilíbrio em que o organismo se encontra. Um método para analisar a composição corporal é a bioimpedância elétrica. **OBJETIVO:** Comparar a composição corporal entre universitários trabalhadores e não trabalhadores do curso de Fisioterapia da Faculdade da Alta Paulista – FAP de Tupã/SP. **MÉTODO:** Trata-se de um estudo clínico quali-quantitativo, de caráter secundário descritivo, de seguimento transversal e prospectivo. Participarão deste estudo 18 universitários do curso superior de Fisioterapia da Faculdade da Alta Paulista - FAP de Tupã/SP, com idades entre 18 e 25 anos, submetidos ao exame de bioimpedância. **RESULTADOS:** Participaram deste estudo 22 jovens universitários aparentemente saudáveis, com idades entre 18 e 25 anos. Destes, apenas 5 voluntários estudam (todos do sexo feminino) e, 17 voluntários trabalham e estudam (16 do sexo feminino e 1 do sexo masculino). **CONCLUSÃO:** Universitários que trabalham e estudam concomitantemente possuem maior idade cronológica, entretanto, não houve diferenças significativas de peso, altura e bioimpedância entre universitários que não trabalham e universitários que trabalham e estudam.

Palavras-chave: Bioimpedância. Composição Corporal. Idade Corporal.

1. INTRODUÇÃO

A juventude é caracterizada como uma fase de descobertas, responsabilidades e maior autonomia, ainda, nesta fase, também ocorrem inseguranças comportamentais, definição de costumes e escolhas de vida, quando o indivíduo se encontra na situação de escolher um curso universitário (GUIMARÃES et al., 2017).

Conforme os mesmos autores, é também nessa fase da vida que podem ocorrer descobertas mediante ofertas de drogas lícitas, como o álcool e o cigarro, bem como a oferta de drogas ilícitas, ambas com consequências imediatas, no comportamento e hábitos, bem como consequências futuras incalculáveis.

Assim o abuso de álcool, tabagismo e o sedentarismo ocasiona o aumento da taxa de mortalidade por doenças cardiovasculares ou mesmo podem levar ao prejuízo, quanto ao desempenho acadêmico, além disso, a vida estudantil universitária é preocupante também pelo estresse que é um dos fatores prejudiciais aos estudantes e, conseqüentemente, afetará sua qualidade de vida (SILVEIRA et al., 2003).

O estresse é uma reação do organismo que ocorre, quando algumas pessoas exigem o máximo de esforço em suas vidas, além do que, o estresse pode dificultar a sensação de bem-estar e qualidade de vida dos indivíduos (LEWIS et al., 2013).

Importante frisar que a saúde e a segurança dos jovens universitários, que trabalham ou não, constituem uma das principais formas para a prevenção e preservação da força de trabalho e programas motivacionais, voltados à valorização humana, podem reduzir significativamente a ocorrência de acidentes ou percalços à saúde deste público em específico e refletirá em sua produtividade (FREITAS, 2014).

Deste modo, a composição corporal destes indivíduos pode estar alterada decorrente de situações estressantes vivenciadas, no contexto universitários ?

Técnicas de medida da composição corporal podem ser feitas em alunos universitários para que se possa ter uma estimativa de como está a saúde

física e orgânica destes indivíduos, assim, ao analisar a composição corporal destes indivíduos, pode-se determinar o grau de desequilíbrio em que o organismo se encontra.

Um método para analisar a composição corporal é a bioimpedância elétrica, exame muito utilizado, hoje em dia, e que se baseia, nos diferentes níveis de condução elétrica dos tecidos biológicos (SOUZA et al., 2018).

Este exame é simples de se fazer, observe: o indivíduo coloca o pé em cima de uma balança com duas placas de metal e segura outras placas de metal que possuem formato de cilindro, em suas mãos, para a passagem de uma corrente elétrica através de seu corpo (ZANNIN, 2017).

Segundo o mesmo autor, a velocidade que essa corrente passa através da água dos músculos e a resistência que a gordura do corpo faz, vai medir qual é a quantidade de gordura e de massa magra que o indivíduo possui.

Alguns indivíduos podem ser sedentários e terem uma elevada porcentagem de gordura corporal e, já outros são mais ativos e podem apresentar menor taxa lipídica e maior desenvolvimento muscular (FORTES et al., 2011).

Em continuidade aos aspectos citados, ainda que isso esteja relacionado ao percentual de gordura corporal, existem casos em que o indivíduo está com o peso considerado dentro da faixa de normalidade, mas o nível de gordura está elevado e, nestes casos, a idade corporal na bioimpedância é maior que a idade real.

Existem outros casos em que, no final do acompanhamento, a idade corporal é menor que a idade real, o peso fica estável, assim como o nível de gordura e a hidratação, fazendo com que o indivíduo pareça organicamente mais novo que a idade que tem (LEITE, 2004).

Acrescenta-se ao posto pelos autores que o estilo de vida de cada pessoa colabora ou é até mesmo determinante para a aferição da idade corporal, pois o envelhecimento é um processo natural e, a forma como o indivíduo se alimenta, qualitativamente ou quantitativamente, pratica exercícios físicos e promove cuidados com o seu corpo, irá refletir em avaliação sobre a sua idade corporal, no comparativo com a idade cronológica e, a bioimpedância evidenciará os resultados desta avaliação.

O desenvolvimento precoce de doenças crônicas não transmissíveis, como as cardiovasculares, hipertensão, diabetes entre outras podem estar associadas à gordura corporal e, é comum, quando se fala em gordura, entender que se trata de tecido adiposo acumulado em regiões como glúteos, coxas, abdômen e braços que depositado em excesso pode causar danos à saúde (MARIATH et al., 2007).

Conforme o mesmo autor, o corpo humano apresenta seis tipos de gorduras importantes: A gordura essencial, indispensável para o funcionamento do nosso corpo, que é encontrada em nossos órgãos e tecidos, entre eles nervos, cérebro, coração, pulmões e glândulas mamárias; temos também a gordura branca, que aparece em maior quantidade, quando abusamos na alimentação; a gordura marrom, chamada de gordura boa, é responsável pelo isolamento térmico do organismo, estimula a queima de calorias; já a gordura bege, transforma gordura ruim em gordura boa, a gordura subcutânea cobre os músculos abdominais, e por fim, a gordura visceral, que requer bastante atenção, pois ela se encontra atrás da parede abdominal, nos órgãos e no interior da cavidade peritoneal.

Além da análise do tecido adiposo, outro ponto importante a se avaliar são os músculos esqueléticos, compostos por fibras que se misturam em faixas claras e escuras e se agrupam ao longo dos ossos. Esses músculos estriados, anexados aos ossos, são os responsáveis por contrair e relaxar, quando o indivíduo executa os movimentos (GUIMARÃES et al., 2015).

Segundo o mesmo autor, os músculos esqueléticos apresentam diversos tamanhos e formas, podendo ser pequenos, grandes, largos ou estreitos, compostos de muitas fibras musculares, as quais são envolvidas e agrupadas e cobertas por tecido conjuntivo. É importante frisar que o músculo esquelético trabalha com tecido conjuntivo, tecido nervoso e tecido vascular.

A idade corporal baseia-se no metabolismo basal, no qual o cálculo é relacionado ao percentual de gordura, musculatura esquelética e peso. O resultado destes três índices norteia como o corpo do indivíduo reage em relação à idade cronológica (DALLEMOLE, 2006).

Explana o mesmo autor que a taxa de metabolismo basal é a quantidade mínima de energia necessária para manter as funções vitais do organismo em repouso. Essa taxa pode variar, de acordo com o sexo, peso, altura, idade e

nível de atividade física. Quanto mais intensa a atividade, maior sua necessidade energética.

Mas será que haverá variação na composição corporal entre estudantes trabalhadores e não trabalhadores?

Assim, a bioimpedância nada mais é do que o reflexo da forma pela qual o indivíduo vive, se está submetido a situações de estresse, a forma como promove os cuidados com a saúde, se realiza alimentação adequada, se pratica atividade física intensa, moderada ou baixa, ou até mesmo, se é sedentário e, se a análise corporal visual ou a balança poderá até apresentar forma ou números favoráveis, mas a bioimpedância apontará, de forma mais efetiva, a idade corporal (OMRON, 2014).

2. OBJETIVO

Comparar a composição corporal entre universitários trabalhadores e não trabalhadores do curso de Fisioterapia da Faculdade da Alta Paulista – FAP de Tupã/SP.

3. MATERIAS E MÉTODOS

3.1 TIPO DE ESTUDO

Trata-se de um estudo clínico quali-quantitativo, de caráter secundário descritivo, de seguimento transversal e prospectivo.

3.2 PARTICIPANTES

Participaram deste estudo 22 universitários do curso superior de Fisioterapia da Faculdade da Alta Paulista - FAP de Tupã/SP, com idades entre 18 e 25 anos, que aceitaram cooperar com o presente estudo.

3.3 ASPECTOS ÉTICOS

Os participantes deste estudo receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Este estudo foi enviado para avaliação do comitê de ética em pesquisa, envolvendo seres humanos via Plataforma Brasil obtendo aprovação no parecer número: 3.742.915 e Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) número: 26105019.7.0000.5496 cumprindo com a resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

3.4 LOCAL

A coleta de dados foi realizada pela pesquisadora em uma sala de aula da Faculdade Alta Paulista – FAP, situada à rua Mandaguaris, 1010, Centro, Tupã/SP.

3.5 MATERIAIS

Foi utilizada a Balança Digital Omron de controle Corporal e Bioimpedância HBF-514C. A balança calcula a composição corporal através do algoritmo Omron e, enfoca o método de impedância bioelétrica, bem como altura, peso, idade e sexo.

3.6 PROCEDIMENTO

Primeiramente foi realizado o contato inicial com a instituição onde o sujeito de pesquisa se encontra.

Mediante aceitação, por escrito, foi realizado o exame, em que o indivíduo coloca os pés descalços em cima de duas placas de metal na base da balança e, segura eletrodos incorporados em um bastão de manejo manual pelo participante, para segurá-lo em postura ortostática e membros superiores estendidos, horizontalmente, em ângulo de 90 graus com o tronco, para a passagem de corrente elétrica através de seu corpo.

A velocidade que essa corrente passa através da água dos músculos e a resistência que a gordura do corpo faz, vai medir qual é a quantidade de gordura e de massa magra que o indivíduo possui (VIEIRA et al., 2004).

Os participantes foram orientados para que façam jejum de 8 horas antes da coleta de dados. No dia do exame, o participante foi orientado, também, a não usar qualquer objeto metálico.

3.7 ANÁLISE ESTATÍSTICA

A coleta de dados foi inserida no programa Excel e as análises estatísticas foram realizadas, empregando-se o programa Prism (GraphPad Software Corporation). Diferenças nos valores de $P < 0,05$ são consideradas estatisticamente significativas. Os dados obtidos foram expressos pela média \pm desvio padrão da média (DP) e comparados através do teste "t" de Student e pós-teste de Bonferroni.

4. RESULTADOS

Participaram deste estudo 22 jovens universitários, aparentemente saudáveis, com idades entre 18 e 25 anos. Destes, apenas 5 voluntários estudam (todos do sexo feminino) e, 17 voluntários trabalham e estudam (16 do sexo feminino e 1 do sexo masculino).

De acordo com a Tabela 1, universitários que trabalham e estudam têm maior idade, estatisticamente significativa, do que universitários que não trabalham. Entretanto não houve diferenças significativas entre peso, altura e na bioimpedância.

Tabela 4: Estatística descritiva referente à avaliação inicial e bioimpedância de universitários que não trabalham (UNT) e universitários que trabalham e estudam (UTE) de 18 a 25 anos dos sexos feminino e masculino.

Variáveis	UNT	UTE	P
Idade (anos)	19.8 \pm 0.8 [18.7-20.8]	21.5 \pm 1.7 [20.6-22.4]	0.04*
Peso Atual (Kg)	68.6 \pm 22.8 [40.2-96.9]	65.0 \pm 14.0 [57.8-72.3]	0.3
Altura (cm)	165 \pm 7.3	164 \pm 7.8	0.3

	[156-174]	[160-168]	
% Gordura Corporal	36.8±10.0	33.8±9.3	0.2
	[24.3-49.2]	[29.0-38.7]	
Gordura Visceral	4.2±1.4	4.1±1.6	0.4
	[2.3-6.0]	[3.3-5.0]	
% Massa Muscular	25.2±3.4	26.9±4.7	0.2
	[20.8-29.5]	[24.5-29.3]	
Metabolismo Basal	1405.8±250.5	1303.3±365.8	0.2
	[1094.8-1716.8]	[1115.3-1491-5]	
Idade Corporal	30.8±12.7	30.4±13.7	0.4
	[14.9-46.6]	[23.3-37.5]	

Média ± Desvio Padrão [Intervalo de Confiança 95%].

Legenda: Kg: quilograma; m: metro; % porcentagem.

5. DISCUSSÃO

Determinar a idade com que o jovem ingressa no meio universitário não é uma simples cronologia, ou seja, determinar que este ingressará e irá permanecer no meio acadêmico tão logo conclua o ensino médio, por volta dos 18 anos. É certo que a maioria dos universitários segue o padrão de iniciar o curso superior, após a conclusão do ensino médio. No entanto, outros jovens universitários aguardam alguns anos, quer por indecisão ou mesmo diante da ausência de condições econômicas para ingressarem nesse meio.

Outro grupo que pode ser observado é do jovem que iniciou curso superior, mas não se identificou com o referido curso e, deixa de frequentá-lo e se reinsere em outro. A origem socioeconômica do jovem e a região brasileira em que vivem são variáveis a serem consideradas para o ingresso no meio universitário, pois a maioria destes é oriunda de escola particular, ingressa no meio universitário mais rapidamente, por outro lado, os jovens oriundos de escola pública e os provenientes da região nordeste, por exemplo, compõem um índice de ingresso no meio universitário menor (SAMPAIO, 2011).

A presença de mulheres no ensino superior, ao longo das últimas décadas é fato, o que já foi considerado um privilégio masculino em décadas

mais remotas. Atualmente, no Brasil, há indicadores que apontam o fato de as mulheres estarem em maior número nos diversos cursos universitários e, em alguns deles, atingem expressivos 80% dos alunos. Cursos universitários das áreas de exatas têm uma supremacia masculina. Já os cursos na área de saúde como nutrição, terapia ocupacional, fonoaudiologia, enfermagem, biomedicina, farmácia, odontologia e fisioterapia apresentam uma predominância das mulheres cursando-os.

O curso de fisioterapia é um exemplo da predominância feminina, pois indicadores e gráficos indicam a predominância feminina entre os alunos e, quando se diz predominância, é porque a proporção de mulheres, no referido curso, atinge 80% dos alunos (BARRETO, 2014).

É fato que um número considerável de universitários tem a rotina de trabalhar e estudar. A citada rotina dupla (trabalho e acadêmica) ocorre, invariavelmente, diante da necessidade destes jovens de custearem o próprio estudo com o dinheiro do trabalho e até mesmo colaborarem com as despesas domésticas. Muitas famílias, ou núcleos familiares, não se prepararam economicamente ou até mesmo não tiveram a oportunidade para realizar tal preparação e, na busca de um futuro diferente, o jovem se vê obrigado a buscar o estudo concomitantemente com o trabalho, conseqüentemente, a rotina de oito horas de trabalho e quase quatro de estudo com a possibilidade de deslocamento entre cidades e outras variáveis alteram a rotina de vida do jovem nesta condição (ABRANTES, 2012).

A rápida expansão do ensino superior no Brasil é explicada tanto pelas mudanças institucionais e regulatórias, quanto por uma série complexa de mudanças (não necessariamente convergentes) no mercado de trabalho, que ocorreram, nas últimas duas décadas. O aquecimento do mercado de trabalho e o aumento da renda dos mais pobres lhes infundiram otimismo e renda para suportar a árdua convivência de jornadas extensas de trabalho com o estudo noturno. Muitos destes universitários surgiram dessa oportunidade oriunda do aquecimento do mercado de trabalho, com necessidade de qualificação e busca por ascensão social, claramente tem o perfil de vir de escola pública e fora da faixa etária de conclusão do ensino médio, sendo, portanto, um pouco mais velhos que os universitários que não trabalham concomitantemente com os estudos. (COMIN et al., 2011).

6. CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, observou-se que universitários que trabalham e estudam, concomitantemente, possuem maior idade cronológica do que aqueles universitários que não exercem qualquer forma de trabalho laboral externo ao seu domicílio. Entretanto não houve diferenças significativas de peso, altura e bioimpedância entre universitários que não trabalham e universitários que trabalham e estudam.

Este trabalho pode ser considerado de grande relevância para o conhecimento científico acerca do perfil dos universitários trabalhadores e não trabalhadores de 18 a 25 anos, pois compreender parte da esfera que envolve o ser humano nos faz refletir sobre a realidade deste e, ao mesmo tempo, contribuir com a literatura vigente no desvelamento das características que envolvem os universitários que fazem parte de nossas instituições de ensino superior.

Ainda, sugerimos novos estudos neste âmbito, a fim de que possam identificar demais nuances sobre universitários trabalhadores e não trabalhadores conforme suas particularidades.

EVALUATION OF BODY COMPOSITION BETWEEN WORKERS AND NON-WORKING COLLEGE STUDENTS FROM 18 TO 25 YEARS FROM FACULDADE DA ALTA PAULISTA PHYSIOTHERAPY COURSE - FAP OF TUPÃ / SP

ABSTRACT

Techniques for measuring body composition can be done in college students so that they can have an estimate of how their physical and organic health is. Thus, by analyzing the body composition of these individuals, one can determine the degree of imbalance the body is in. One method for analyzing body composition is electrical bioimpedance. **OBJECTIVE:** To compare body composition between working and non-working college students of the Physiotherapy course at FACULDADE DA ALTA PAULISTA - FAP of Tupã / SP. **METHOD:** This is a quali-quantitative, descriptive, cross-sectional and prospective secondary clinical study. Eighteen physiotherapy students from FACULDADE DA ALTA PAULISTA - FAP of Tupã / SP, aged between 18 and 25 years old, submitted to the bioimpedance exam will participate in this study. **RESULTS:** Twenty-two apparently healthy university students participated in this study, aged between 18 and 25 years. Of these, only 5 volunteers study (all female) and 17 volunteers work and study (16 female and

1 male). **CONCLUSION:** University students who work and study concomitantly have a higher chronological age; however, there were no significant differences in weight, height and bioimpedance between university students who do not work and university students who work and study.

Keywords: Bioimpedance; Body composition; Body age

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abrantes. N. F. de. **Trabalho e Estudo: Uma conciliação desafiante. Fórum internacional de Pedagogia.** Parnaíba PI/ Brasil. Campina Grande, Realize Editora, 2012.

ADREWS, S. **Stress a seu favor: como gerenciar sua vida em tempos de crise.** São Paulo: Agora, 2003.

Barreto. A. **A mulher no ensino superior distribuição e representatividade.** Cadernos do GEA, 7 12 p. n 6, jul/dez. 2014.

Comin. A. A. Barbosa. R. J. **Trabalhar para estudar: sobre a pertinência da noção de transição escola trabalho no brasil.** Novos estud. Cebrap no 91 São Paulo novembro 2011.

Dallemole. C. **Avaliação da Composição Corporal e da taxa Metabólica de repouso de mulheres jovens residentes no interior do estado de São Paulo/Brasil.** Universidade Metodista de Piracicaba. Curso: de mestrado em Educação Física. 21 22 23 p. Piracicaba- SP 2006.

Fortes, L. de. S; Miranda. V. P. N; Aaral. A. C. S; Ferreira. M.E.C. **Insatisfação corporal de adolescentes atletas e não atletas. 2011 310 f. estudo de caso.** Curso. (Faculdade de Educação Física e Desportos) Universidade Federal de Juiz de Fora.

Freitas, Sabrina Fávero de. **Universitários Integrantes trabalhadores e não Trabalhadores: Um grupo Homogêneo ou Heterogêneo.** Campinas, 2014.

Guimarães. F. de. R; Cardoso. J. C; Saddi. T. M; Araújo. L. B. de. M; Araújo. E. G. de. **Aspectos anatômicos dos músculos estriados esqueléticos.** Faculdade de Agronomia, Medicina Veterinária e Zootcna, UFMT, Cuiabá, Brasil. 1 2 3 p. novembro 2015.

Guimarães, M. R; Batista, A. M. de. O; Santos. I. M. de. S; Vale. M. do. P. S. S; Mouras. I. H. de; Silva. A. R. V. da. **Estilo de vida e fatores associados entre estudantes universitários.** Rev enferm UFPE on line., Recife, 11(Supl. 8):3228-35, ago., 2017

Leite. M. J. C. I. C. **Métodos de Avaliação da composição Corporal.** Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação da Universidade do Porto. 2004. 3-5 f. Trabalho de Conclusão de Curso.

Mariath. A. B; Grillo. L. P; Silva. R. O. da; Schmitz. P; Campos. I. C. de; Medina. J. R. P; Kruger. R. M. **Obesidade e fatores de risco para o desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis e nutrição.** Cad. Saúde Pública. Rio de Janeiro, 1 2 p, abril 2007.

Omron. **Manual de Controle Corporal. (Balança de Bioimpedância.) modelo: HBF-514C.** setembro, 2014.

Sampaio. M. R. **Entre a escola pública e a universidade: longa travessia para jovens de origem.** 28 f. Salvador EDUFBA, 2011.

Silveira,C.et al. Política do Ministério da Saúde para atenção integral aos usuários de álcool e outras drogas. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria.** Rio de Janeiro. V.52, n 5, p. 349- 354. 2003.

Souza, E. B. de; Saron. M. L. G; Filho. A. de. A. B. **Métodos se avaliação da composição corporal em pediatria** edição.37.agosto de 2018.

Zannin. T. **revista tua saúde- todos os direitos reservados 2007-2019.**

OBSERVAÇÃO DA MOTRICIDADE DA CRIANÇA TETRAPLÉGICA NA BOLA TERAPÊUTICA: Um Estudo De Caso

Karoline Vicente Brandão¹, Graduada em Fisioterapia pela Faculdade da Alta Paulista Fadap/Fap, Tupã/SP, Karolzinhabrandaolf@gmail.com.

Giovana Xavier Pinto¹, Graduanda em Fisioterapia pela Faculdade da Alta Paulista Fadap/Fap, Tupã/SP, Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq, giovanax07@hotmail.com.

Juliana Edwiges Martinez Spada², Orientadora e Docente dos cursos de Fisioterapia e Estética/Cosmética na Faculdade da Alta Paulista Fadap/FAP, Tupã/SP, julianaedwmartinez@hotmail.com.

RESUMO

A criança com paralisia cerebral (PC) pode apresentar, em seu quadro clínico, dificuldades funcionais no comprometimento motor, muscular, postural e do controle dinâmico da motricidade, deformidades ósseas, dificuldade no desenvolvimento do sistema musculoesquelético, tais como déficits perceptuais. A avaliação fisioterapêutica pediátrica da motricidade, em crianças com PC, tem a finalidade de obter informações sobre o sistema motor e, poderia ser realizada, no perfil infantil, através de alternativas lúdicas, facilitando o atendimento fisioterapêutico. Entretanto se faz necessário a investigação do uso da bola terapêutica como um método para avaliação da motricidade em crianças com PC. Este estudo teve como objetivo observar e registrar o comportamento motor da criança com PC, na bola terapêutica. A metodologia utilizada foi baseada na pesquisa de metodologia intervencionista, de seguimento transversal e na abordagem qualitativa do tipo de estudo de caso e observador participante. A observação da criança sobre a bola foi realizada em 3 encontros com duração de 50 minutos cada, transcrita em forma de registro escrito por meio da observação de fotos e filmagens para melhor descrição do quadro motor nas posições, decúbito sentado, em decúbito ventral e lateralizado para direita e para esquerda. A observação sobre a bola terapêutica mostrou-se eficaz para verificação da motricidade voluntária da criança com Paralisia Cerebral Tetraplégica.

Palavras-chave: Paralisia cerebral. Criança. Bola.

1. INTRODUÇÃO

A paralisia cerebral (PC) caracteriza-se por um distúrbio que pode incidir-se em um cérebro ainda imaturo, causando disfunções de ordem sensório-motora, de modo não progressivo. A PC é decorrente da diminuição ou ausência da oxigenação encefálica, que conseqüentemente causa alterações do tônus e dos movimentos (LISSAUER; CLAYDEN, 2003; UMPHRED, 2004, SANTOS et al., 2011).

Quanto aos períodos em que o agente etiológico incide sobre encéfalo são: pré-natal, perinatal e pós-natal (ROTTA, 2002). No período pré-natal podem surgir infecções maternas, malformações congênitas do cérebro, anormalidades genéticas, deficiência nutricional e exposição à radiação ou transtornos tóxicos. Já no perinatal, pode haver o sofrimento fetal, causa mais frequente, a hipoxemia, complicações na placenta, sepse e hemorragias. Nas causas pós-natais referem-se a traumas físicos na infância, infecções bacterianas, etc (ROTTA, 2002; LISSAUER; CLAYDEN, 2003).

Indivíduos com PC podem apresentar dificuldades funcionais em decorrência da área, extensão, severidade da lesão encefálica tais como: comprometimento motor, muscular, postural e do controle dinâmico da motricidade, tal como déficits perceptuais (HADDERS-ALGRA, 2013). Os distúrbios na PC caracterizam-se pela deficiência do controle de movimentos, deformidades ósseas e pela adaptação dos músculos, conseqüentemente, apresentam deformidades ósseas e dificuldade no desenvolvimento do sistema musculoesquelético (SCHMITS; STIGGER, 2014).

Para Shepherd (1995) a distribuição corpórea e o comprometimento motor em uma criança com PC podem classificar-se em: espástica, atetóide, atáxica, mista, relacionando-se aos quadros clínicos de hemiplegia, diplegia e tetraplegia. Dessa forma, com base nas repercussões provocadas pela PC, no sistema sensório motor, a avaliação fisioterapêutica pediátrica da motricidade, em crianças com PC, tem por finalidade obter informações sobre o sistema motor e, poderia ser realizada através de alternativas lúdicas no perfil infantil, facilitando o atendimento fisioterapêutico.

A fisioterapia pediátrica dispõe de várias alternativas lúdicas para serem utilizadas na avaliação e tratamento, envolvendo o paciente e gerando prazer através de brinquedos, rolos, pranchas, espelhos, texturas, bola terapêutica entre outros. A bola terapêutica facilita os movimentos e promove facilidade ao terapeuta no momento do tratamento (FUJISAWA; MANZINI, 2006; COSTA, 2015).

À vista disso, a bola suíça, quando utilizada na avaliação poderia ser um modo de estímulo para a criança com PC conseguir expressar suas capacidades e limitações motoras de modo prazeroso. Embora haja diversos

estudos sobre a PC, faz-se necessário a investigação do uso da bola suíça, na avaliação da motricidade, em crianças com PC. Neste contexto, o presente estudo tem por objetivo observar e registrar o comportamento motor da criança com paralisia cerebral, na bola terapêutica.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

2.1 DESENHO DE PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa de metodologia intervencional, de seguimento transversal e abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso e observador participante.

2.2. ASPECTOS ÉTICOS E CRITÉRIOS DE ELEGIBILIDADE

Este estudo passou por avaliação do Comitê de Ética da Faculdade de Medicina de Marília – CEP/FAMEMA e foi considerado aprovado através do protocolo de estudo nº 469/07. Os responsáveis pelo participante do estudo foram previamente informados (as) dos procedimentos a serem utilizados e, após concordarem assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

Os critérios de inclusão estabelecidos foram: crianças de ambos os sexos, que tivessem como diagnóstico médico o quadro de PC do tipo tetraplegia hipertônica com idade cronológica inferior a 7 anos, que não apresentassem luxação ou subluxação de quadris e, que estivessem matriculados na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Tupã - APAE.

2.3 LOCAL DA REALIZAÇÃO DO ESTUDO

A pesquisa de campo foi realizada na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Tupã – APAE, localizada na Avenida Getúlio Vargas, nº 780 – Parque Bela Vista, Tupã / SP, na dependência da sala de Fisioterapia (Figura 1).



Figura 1: Sala de Fisioterapia da APAE.

Fonte: Arquivo próprio.

2.4 MATERIAIS E PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

Foram utilizados como materiais: 1 tablado, 1 espelho, 1 bola terapêutica do tipo “feijão” (bola suíça Max Øcm.55), 1 câmera digital MITSUCA DS 6073 BR[®] de 6.0 megapixels, 1 chapéu com aba, folhas sulfite A4 e canetas azul bic para anotações.

Organizou-se antecipadamente a sala de fisioterapia, posicionou-se a bola terapêutica sobre o tablado, em frente ao espelho para recepcionar a criança e iniciar a observação da motricidade (Figura 2).

Os dados foram coletados em 3 encontros com duração de 50 minutos cada, a partir da observação e registro do comportamento motor do participante sobre a bola terapêutica nas posições, decúbito sentado, decúbito ventral e lateralizado para direita e esquerda.



Figura 2: Bola terapêutica sobre o tablado em frente ao espelho.

Fonte: Arquivo próprio.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme critérios de elegibilidade, participou deste trabalho 1 criança com diagnóstico médico de PC, do tipo tetraplégico do sexo masculino com 6 anos e 5 meses. Na bola terapêutica, observou-se que o déficit de equilíbrio e controle de tronco e cervical eram presentes em todas as posturas da criança sobre a bola. Para Moura; Silva (2005), a PC caracteriza-se por uma desordem no desenvolvimento motor, e de manifestação não-progressiva, imutável que afeta o tônus e a postura, corroborando com os achados neste estudo.

A bola terapêutica no atendimento fisioterapêutico é utilizada para facilitar os movimentos e auxiliar o terapeuta para ter mais facilidade na hora do tratamento. O uso correto da bola ajuda a minimizar e solucionar vários problemas do tipo falta de motivação e atendimentos monótonos (FUJISAWA; MANZINI, 2006). A seguir (Quadro 1), segue-se a descrição da observação durante a 3ª sessão.

Quadro 1- Observação da criança sobre a bola durante a terceira sessão

3ª Sessão

Buscou-se o participante G.V.M. em sua sala de aula na APAE às 9 horas e, foi explicado que o mesmo seria levado até a sala de fisioterapia. Ao chegar na sala, G.V.M. direcionou seu olhar para a bola que estava sobre o tablado. Foi dito ao participante que, o mesmo seria colocado sobre a bola, para que se movimentasse na mesma da forma que gostasse. Em seguida, o participante G.V.M. foi transferido da cadeira de rodas para o tablado. Neste, a criança encontrava-se estaticamente na posição que foi colocada (decúbito dorsal). Desse modo, foi possível observar que a cabeça encontrava-se lateralizada para direita, com o tronco em posição simétrica apoiado sobre o tablado, com o MSE em semi-flexão de ombro e cotovelo e, o MSD com rotação externa de ombro e cotovelo. As mãos em postura fechada. Já os MMII se encontravam em abdução e rotação externa de quadris com pés em eversão. Solicitou-se que G. V. M. se movimentasse, ou que fizesse o que tinha vontade com relação a atos dinâmicos. O mesmo permaneceu de forma

estática, apenas sorriu. Em seguida, foi transferido para a bola que se encontrava frente ao espelho, e posicionou-se em decúbito sentado sobre a mesma. Nesta posição, G. V. M. encontrava-se fazendo movimentos voluntários assíncronicos de flexo-extensão e adução-abdução dos MMSS e MMII, cabeça e tronco anteriorizados. Após foi posicionado em decúbito ventral sobre a bola, o mesmo realizava extensão de cervical deficitária. Os MMSS ficavam em flexão de ombros e extensão de cotovelos com as mãos fechadas. Com relação aos MMII, os quadris posicionavam-se abduzidos em mais ou menos trinta graus. Finalizando, o mesmo foi colocado sobre a bola na posição lateralizado para a direita e após para a esquerda. Desse modo, sua cabeça encontrava-se rodada e lateralizada para ambos os lados. Os MMSS ficavam paralelos ao tronco e suas mãos permaneciam fechadas. Já os MMII encontravam-se semifletidos sobre o apoio de uma das pernas do examinador.

Fonte: Arquivo próprio

Identificaram-se padrões motores anormais da postura e do movimento, com movimentos voluntários assíncronicos de flexo-extensão e adução-abdução dos MMSS e MMII e, cabeça e tronco anteriorizados. De acordo com Oliveira (2010); Santos et al. (2011), na PC são evidenciadas disfunções da postura e desenvolvimento, acarretando, características singulares a cada paciente, de comprometimento motor e alteração do tônus e dos movimentos voluntários, dentre tais, podemos relatar o tipo tetraplegia.

Stokes (2000) relata que a criança tetraplégica é o caso mais grave, devido a sua incapacidade de se deitar, sentar-se e ficar em pé. Verificou-se que a bola terapêutica teve papel facilitador, no que se diz respeito à expressividade positiva do participante mediante o desenvolver das sessões. Segundo Levitt (2001), com relação ao quadro motor da criança tetraplégica, pode-se citar, como características marcantes, a perda das habilidades e funções motoras.

Na tetraplegia os membros superiores (MMSS) e membros inferiores (MMII) estão afetados embora os MMSS possam encontrar-se menos acometidos. O tronco também está envolvido, o paciente na maioria das vezes

apresenta uma postura extensora e o controle de cabeça deficitário (LISSAUER; CLAYDEN, 2003).

4. CONCLUSÃO

A PC é decorrência de insultos no sistema nervoso, acarretando disfunções na postura e controle dinâmico da motricidade. Consideramos que a criança possui controle de MMSS e MMII assíncronos, assim como déficit de equilíbrio de cervical e tronco. A observação sobre a bola terapêutica mostrou-se eficaz para verificação da motricidade voluntária da criança com PC Tetraplégica.

OBSERVATION OF THE MOTRICITY OF THE QUADRIPLEGIC CHILD IN THE THERAPEUTIC BALL: A Case Study

ABSTRACT

Children with cerebral palsy (CP) may present functional difficulties in motor impairment in their clinical picture, muscular, postural and dynamic control of motricity, bone deformities, difficulty in the development of the musculoskeletal system, such as perceptual deficits. The pediatric therapeutic evaluation of motricity in children with CP is to purpose to obtain information about the motor system and, could be carried out in the children's profile through playful alternatives facilitating the physiotherapeutic care. However, it is necessary to investigate the use of the therapeutic ball as a method for evaluation of motricity in children with CP. This study aimed to observe and record the motor behavior of children with CP in the therapeutic ball. The methodology used was based on the research of interventional methodology, cross-sectional follow-up and qualitative approach case study type and participant observer. The observation of the child on the ball was performed in 3 meetings lasting 50 minutes each, transcribed in the form of a record written by observing photos and footage for a better description of the motor frame in the positions, decubitus sitting, in ventral decubitus and lateralized to right and left. The observation on the therapeutic ball proved to be effective for verifying the voluntary motor skills of children with quadriplegic Cerebral Palsy.

Keywords: Cerebral palsy. Child. Ball.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Estevan Ferreira. et al. Recursos lúdicos aplicados na clínica pediátrica do Hospital Municipal de Foz do Iguaçu-PR. **ConScientiae Saúde**, [S.L], v. 14, n.1, p. 125-133, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.uninove.br/saude/article/view/5365/2918>>. Acesso em 09 out. 2020.

FUJISAWA, Dirce Shizuko.; MANZINI, Eduardo José. Formação Acadêmica do Fisioterapeuta: A Utilização das Atividades Lúdicas nos Atendimentos de Crianças. **Rev. Bras. Ed. Esp**, Marília, v.12, n.1, p. 65-84, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-65382006000100006>>. Acesso em 09 out. 2020.

HADDERS-ALGRA, Myna. Typical and atypical development of reaching and postural control in infancy. **Dev Med Child Neurol**, [S.L], 55, Suppl 4:5-8, 2013.

LEVITT, Sophie. **O tratamento da paralisia cerebral e do retardo motor**. 3. ed. São Paulo: Manole, 2001.

LISSAUER, Tom; CLAYDEN Graham. **Manuel Ilustrado de Pediatria**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

MOURA, Elcinete Wentez de.; SILVA, Priscila Amaral Campos e. **Fisioterapia: Aspectos clínicos e práticos da Reabilitação**. São Paulo: Artes Médicas, AACD. 2005.

OLIVEIRA, Luana dos Santos; GOLIN, Maria Ortega. Técnica para redução do tônus e alongamento muscular passivo: efeitos na amplitude de movimento de crianças com paralisia cerebral espástica. **Artigo (Graduação em Fisioterapia) - Faculdade de Medicina do ABC**, Santo André, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.7322/abcshs.v42i1.946>>. Acesso em: 09 out. 2020.

ROTTA, Newra Tellechea. Paralisia Cerebral, novas perspectivas terapêuticas. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v.78, Supl.1, p. S48-S54, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0021-75572002000700008>. Acesso em 09 out. 2020.

SANTOS, Lúcia Helena Coutinho dos. et al. Inclusão escolar de crianças e adolescentes com paralisia cerebral: esta é uma realidade possível para todas elas em nossos dias. **Revista Paulista de Pediatria**, Curitiba, v. 29, n. 3, p. 314-319, 2011. Disponível em:< <https://doi.org/10.1590/S0103-05822011000300002>>. Acesso em 08 out. 2020.

SCHMITZ, F. S.; STIGGER, F. Atividades aquáticas em pacientes com paralisia cerebral: um olhar na perspectiva da fisioterapia. **Revista de Atenção**, [S.I.], v. 12, n. 42, p. 78-89, jan. 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.13037/rbcs.vol12n42.2428>>. Acesso em 08 out. 2020.

SHEPHERD, Roberta. B. **Fisioterapia em pediatria**. 3. ed. São Paulo: Santos,1995.

STOKES, Maria. **Neurologia para Fisioterapeutas**. 1. ed. São Paulo: Premier, 2000.

UMPHRED, Darcy. A. **Reabilitação Neurológica**. 4. ed. São Paulo: Manole, 2004.

LÍNGUA PORTUGUESA

LEITURA: comunicação e aprendizagem

Edna Aparecida Cavalcante, professora da Faculdade da Alta Paulista – FAP.

RESUMO

Há autores que atribuem à leitura possibilidade de conhecer o mundo, desenvolver a criatividade e o senso crítico, refinar a percepção e o raciocínio, adquirir imunidade às manipulações produzidas pelas comunicações por imagens, facilitar a expressão oral e escrita, desenvolver a capacidade de monitorar a compreensão de aspectos gramaticais e de textualidade, de perceber as atitudes e intenções do escritor do texto. Pode-se acrescentar ainda que a leitura desonera a memória, promove o vislumbrar de novos horizontes do saber, estabelece a disciplina da mente, expande a consciência pelo contato com modos e perspectivas diferentes com que se pode considerar o mesmo problema, propicia a construção da própria consciência e o crescimento cultural. (Duarte, Pinheiro, Araújo, 2012, p. 103). A leitura constitui ainda um dos instrumentos mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade, uma vez que trabalhar sobre a linguagem é trabalhar sobre o homem. A humanização enfraquece, à medida que a capacidade humana de comunicação, de simpatia e de apreciação diminuem, entram em retrocesso. (Bamberger, 1975, p.6). Por outro lado, a compreensão do texto científico requer que o leitor elabore uma representação do conhecimento ou domínio contido no texto, para depois organizar ou reorganizar, coerentemente, um conjunto de conhecimentos, para integrar novas informações contidas no texto.

O ensino da leitura também precisa considerar as particularidades do texto, que podem interferir na compreensão de conceitos. Dentre essas particularidades, cabe destacar a linguagem, o vocabulário, conhecimentos, símbolos, recursos gráficos. O professor pode recorrer a estratégias de ensino antes, durante e depois, para o desenvolvimento da competência leitora. A leitura deve fazer o estudante ter domínio do texto científico e de sua linguagem; ampliar seu repertório de conhecimentos; provocar conflitos entre as ideias novas adquiridas e os conhecimentos prévios, modificando-os. Um olhar para as salas de aula do ensino superior pode identificar alunos adultos entre os jovens. Muitos deles apresentam defasagem de desenvolvimento. Eles demonstram dificuldade na compreensão e interpretação de textos e, conseqüentemente, não conseguem aprender os conteúdos disciplinares, acarretando atrasos, retenções, trancamentos, abandono. Mediante o exposto, guardadas as peculiaridades de cada estudante, a relevância da leitura é indiscutível, em qualquer etapa do desenvolvimento humano, para isso é preciso realizar estudos sobre leitura, acessíveis aos alunos, para que eles se tornem conscientes sobre o papel da leitura no desenvolvimento humano, cultural e profissional. Em decorrência disso, este trabalho pretende verificar o conceito de leitura e compreensão de texto, especificamente, do texto científico, utilizado em meio acadêmico; e se propõe a refletir sobre questões didáticas ligadas à leitura. Nesse propósito, o trabalho sobre leitura: comunicação e aprendizagem, na parte inicial procura verificar o conceito, a definição, caracterização de Leitura. Em seguida, procura apontar aspectos relacionados à leitura e compreensão do texto científico. Na seqüência, aborda questões de ensino e aprendizagem da leitura e, finalmente, faz um apanhado dos principais aspectos desses tópicos estudados. A metodologia, utilizada na produção desse trabalho, consistiu em leitura e análise descritiva de artigos científicos, teses e dissertações, livros que abordam o tema em estudo. Esse

recurso material forneceu fundamentação teórica sobre leitura, compreensão, ensino e aprendizagem. Também demonstrou as características do leitor que interferem na leitura.

Palavras-chave: Leitura. Comunicação. Compreensão do texto. Leitura de texto científico. Aspectos didáticos da leitura.

1. Introdução

A leitura realiza a percepção e a interpretação dos sinais gráficos, que, organizados no texto, estabelecem entre si relações de sentido. Essa concepção de leitura ultrapassa o nível de decifração do pensamento, para atingir sua associação lógica, a concatenação das ideias, as relações entre elas. Ademais a leitura possibilita que o leitor possa apreender os pensamentos e as intenções do autor. Ela também permite estabelecer relações entre os conhecimentos assimilados e os conhecimentos prévios sobre o assunto, para poder tomar posições, fundamentadas em análises críticas e aplicar os saberes aprendidos com a leitura em situações novas. (Aguar, 2004, p. 34, apud, Oliveira, 2008, p. 29)

A leitura pode ainda ser considerada uma prática que se aprende e se exercita ao longo da vida, no ambiente, em que se insere o leitor e no qual ele constrói relações sociais e culturais. O leitor, nesse percurso histórico, desenvolve habilidades, por exemplo, faz proposições, percebe lacunas de informação, diferencia observação de interferência, pensa por meio de hipóteses, exercita a capacidade metacognitiva, entre outras. (Pires, 2012, p. 367)

A compreensão do texto científico abrange desde a integração das informações sintáticas e semânticas extraídas do texto até o conhecimento de mundo do leitor, para que ele possa construir uma representação mental capaz de garantir a coerência referencial ou causal do enunciado. Nessa atividade, o estudante pode ter dificuldade de entender ou conhecer os numerosos termos científicos e técnicos. Outra dificuldade seria a preocupação de abreviar a expressão, de valer-se do recurso metonímico para dar maior carga de energia possível à expressão. Essa dificuldade, possivelmente, esteja relacionada a duas causas: ou o estudante pode não ter conhecimento prévio específico da área; ou ele pode não ter conhecimento suficiente do assunto contido no texto; e desconhecer o vocabulário, a terminologia. (Assia, p.25)

Na graduação, a leitura fundamenta a formação profissional, uma vez que é por meio dela que se desenvolvem competências e habilidades para o exercício da profissão. As atividades de ensino são realizadas pelo uso de textos científicos, específicos da área de conhecimento da disciplina ou

de áreas afins. Às vezes são oferecidos aos estudantes textos longos e recheados de conceitos abstratos, pouco conhecidos dos alunos. Isso pressupõe leitura e produção de texto, resolução de problemas. Assim, no ensino superior, o aluno está imerso o tempo todo em leitura e atividades de estudo, propostas pelo professor.

Por outro lado, a democratização do ensino superior tem intensificado o acesso de alunos de variadas faixas etárias e níveis socioculturais, nos últimos anos, pela facilidade de acesso, tanto no ensino presencial, quanto no ensino a distância. Isso tem gerado a presença em sala de aula de heterogeneidade de culturas com interesses diversos. Um olhar para as salas de aula do ensino superior, principalmente, noturno pode identificar alunos adultos entre os jovens. Muitos deles apresentam defasagem de desenvolvimento em matemática, língua portuguesa, física, química, entre outras. Eles demonstram dificuldade na compreensão e interpretação de textos e, conseqüentemente, não conseguem aprender os conteúdos disciplinares, acarretando atrasos, retenções, trancamentos, abandono. A escrita deles também é diferenciada e reveladora de um nível de letramento bem distanciado do esperado, no ensino superior e cerceado por questões emocionais, afetivas conflitantes.

É possível notar nesses alunos que o desenvolvimento da linguagem, em todos os seus aspectos, fica aquém do esperado. A oralidade apresenta traços reveladores de uso desviante da norma linguística até nos traços fonológicos. A escrita contém marcas de apagamentos, trocas ou inversões, incompletude de sentido, interferência da oralidade. Ocorrem ainda incoerência e desvio do tema. Quanto à leitura, vivenciam situações em que o acadêmico lida com questões relacionadas à falta de velocidade em leitura; ao uso apenas da leitura linear; à falta de domínio do vocabulário técnico científico; à falta de leitura compreensiva para extrair sentido do texto e executar as propostas de atividades. A síntese do texto, a análise, a percepção das ideias do autor, a organização do texto, as relações de sentido no interior do texto, com o contexto tornam-se imperceptíveis para esse aluno e ausentes das atividades de leitura e escrita.

Muitos estudantes do ensino superior destacam-se dos demais por apresentarem dificuldades de organizar conceitos espontâneos, relacionados aos conceitos concretos e assistemáticos; não realizam a transposição de conceitos espontâneos para os científicos, que são mais abstratos, menos genéricos, mais específicos. A variação linguística permeia a sala de aula pós-moderna em todos os seus aspectos: linguagem do adulto e do idoso, linguagem do adolescente, linguagem culta, variante caipira, tecnoletos, em todos os tons e nuances. Algumas dessas variações se aproximam menos, outras mais da linguagem acadêmica, necessária para que

os estudantes tenham sucesso em sua comunicação acadêmica e façam uso da linguagem científica com proficiência e de acordo com a situação discursiva.

Mediante o exposto, guardadas as peculiaridades de cada estudante, a relevância da leitura é indiscutível em qualquer etapa do desenvolvimento humano, para isso é preciso realizar estudos sobre leitura, acessíveis aos alunos, para que eles se tornem conscientes sobre o papel da leitura no desenvolvimento humano, cultural e profissional. Em decorrência disso, este trabalho pretende verificar o conceito de leitura e compreensão de texto, especificamente, do texto científico, utilizado em meio acadêmico; e se propõe a refletir sobre questões didáticas ligadas à leitura.

É Interessante ressaltar que a bibliografia sobre leitura é vasta e aborda seus diferentes aspectos, chegando a ser quase exaustiva, entretanto é bom revisita-la, no sentido de analisar e refletir sobre esse tema, ou pelo menos descrever, parafrasear, percorrer sentidos e informações sobre leitura, que são contribuições de importantes autores, para poder, pelo menos, despertar o interesse pelo assunto, promover, quando muito, uma conversa sobre caminhos já percorridos, relacionados à leitura e compreensão, sua função, o ensino e a aprendizagem. Nesse propósito, o trabalho sobre leitura: comunicação e aprendizagem, na parte inicial procura verificar o conceito, a definição, caracterização de Leitura e trata especificamente da leitura, entendida como forma de comunicação. Em seguida, procura apontar aspectos relacionados à leitura e compreensão do texto científico. Na sequência, aborda questões relacionadas ao ensino e aprendizagem da leitura e, finalmente, faz um apanhado dos principais aspectos desses tópicos estudados.

A metodologia, utilizada na produção desse trabalho, consistiu em leitura e análise descritiva de artigos científicos, teses e dissertações, livros que abordam o tema em estudo. Esse recurso material forneceu fundamentação teórica sobre leitura, compreensão, ensino e aprendizagem. Também demonstrou as características do leitor que interferem na leitura.

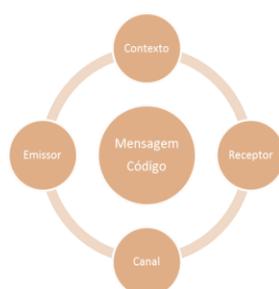
2. Leitura: comunicação e aprendizagem

A linguagem em sua modalidade escrita compõe um canal de comunicação entre as pessoas, que favorece, possibilita trocas de informações, conhecimentos, solicitações, etc. Essa linguagem escrita torna-se texto que vai demandar leitura, para extrair informações, sentido. Esse processo de recepção do texto escrito, denominado leitura, também produz aprendizagem a cada ato de ler e constitui uma forma de comunicação, contextualizada, ancorada no mundo real ou virtual. O ato de ler é complexo e envolve aspectos fisiológicos, psicológicos, culturais, sociais, filosóficos, que podem fazer fluir a leitura ou torná-la lenta e improdutiva, se considerarmos as características

textuais, o escritor, o contexto, as condições de tarefa e o leitor. Considerando os aspectos mencionados, a seguir serão feitas tentativas de caracterizar leitura, em diferentes perspectivas.

A leitura e a escrita são práticas decorrentes da necessidade sociocultural de registrar acontecimentos, histórias, conhecimentos, dados. A escrita pressupõe um destinatário real ou possível e constitui um campo de negociação entre escritor e leitor. Também a negociação ocorre com o escritor consigo mesmo, para estabelecer seu próprio repertório, o vocabulário, o que é dizível sobre o tema, os aspectos já conhecidos e conhecimentos novos, pois ao escrever são realizadas articulações de três dimensões: língua, linguagem e o dizível. A língua estabelece condições, regras, operações, protocolos, correspondências. A linguagem constitui um arranjo estratégico do discurso, a maneira de dizer, proferir, enunciar, narrar, interpelar, proclamar, persuadir, sugerir, induzir. O dizível configura o efeito da mescla entre a palavra e o olhar, o possível e o permitido. (Pereira, 2013, p. 214)

A leitura pode ser considerada um dos aspectos da comunicação entre interlocutores, que abrange a recepção de mensagem, por meio de textos escritos. Observe a estrutura da comunicação verbal.



Nesse contexto, a leitura é um meio de o receptor ter acesso à mensagem. Por exemplo, o estudante recebe um texto escrito sobre células. Para ele saber o conteúdo do texto, ou seja, a mensagem, as informações sobre células é preciso ler, receber a informação e processá-la, de acordo com sua competência leitora. Ler é considerado um ato de raciocínio, é um procedimento de orientação de um conjunto de raciocínios que desencadeia da mensagem, partindo da informação dada pelo texto e pelos conhecimentos do leitor.

Segundo Cafiero (2010: 85), leitura é um processo composto de diversos aspectos: cognitivo, histórico, cultural e social, que produz sentido. O leitor, para compreender o texto, estabelece relações entre o conteúdo do texto e seu conhecimento de mundo. O conhecimento de mundo do leitor está diretamente relacionado ao nível de letramento adquirido, ao longo de sua formação.

A leitura também pode assumir diversas formas, dependendo do contexto, das circunstâncias, dos objetivos, entre outros. Fisher (2005, p. 298, apud Santaella, 2013, p.73) destaca a existência

de várias estratégias, utilizadas no ato de ler. Dentre elas: as paradas do leitor iniciante; a leitura vagarosa e cuidadosa para extrair sentido; leitura rápida; leitura em voz alta; dinâmica; crítica, entre outras. Ler é um ato de busca, de investigação. No momento da leitura, as informações são processadas, é possível visualizar, sentir emoções, inferir, realizar referências cruzadas, etc. O ato de ler é, pois, complexo e envolve: a visão, percepção, julgamento, memória, reconhecimento, experiência e prática. (Santaella, 2013, p. 75)

Para Roland Barthes (1994, apud Gusmão, 2018, p.35) texto é um trabalho que requer tempo, enfrentamento do sujeito, debate, contexto social. Em contrapartida, Kristeva (2005: 68, apud Gusmão, 2018, p.35) define texto como um mosaico de citações, pois nele há um processo de absorção e de transformação de outro texto. Nesse sentido, texto pode ser considerado um lugar em que autor e leitor compartilham pontos de vista, assumem posições, debatem, entram em conflito e estabelecem acordos. O leitor, por outro lado, é espontâneo, dialoga com o texto, ultrapassa as palavras, após sentir o tom de cada uma delas e encontrar sentidos implícitos e explícitos.

É na interação com o texto que o leitor compreende o enunciado. As percepções vão depender de cada leitor, de sua carga ideológica e social, de sua memória discursiva de seu repertório de leituras.

Diante do exposto, seria possível afirmar que a leitura pode trazer benefícios ao leitor? Mesmo com tudo o que a tecnologia pós-moderna tem a oferecer ao cidadão para compreensão e interpretação de informações, extração de sentido de textos, o ato de ler ainda perdura, é fundamental?

Há vários autores que ressaltam a leitura como ferramenta que oferece condições para conhecer o mundo, desenvolver a criatividade e o senso crítico, refinar a percepção e o raciocínio, adquirir imunidade às manipulações produzidas pelas comunicações por imagens, facilitar a expressão oral e escrita, desenvolver a capacidade de monitorar a compreensão de aspectos gramaticais e de textualidade, de perceber as atitudes e intenções do escritor do texto.

Pode-se acrescentar ainda que a leitura desonera a memória, promove o vislumbrar de novos horizontes do saber, estabelece a disciplina da mente, expande a consciência pelo contato com modos e perspectivas diferentes com que se pode considerar o mesmo problema, propicia a construção da própria consciência e o crescimento cultural. (Duarte, Pinheiro, Araújo, 2012, p. 103)

Considera-se, pois, a leitura uma competência necessária a qualquer pessoa, porque favorece o desenvolvimento psicossocial, possibilita aprender e apreender o significado de tudo o que está à

nossa volta, isto é, perceber o valor social e afetivo da realidade e ser capaz de estabelecer vínculo dela com a realidade experienciada, vivida.

Do ponto de vista das necessidades da sociedade e, sobretudo, das necessidades do cidadão, o direito de ler implica no direito do cidadão de desenvolver suas capacidades intelectuais e espirituais, o direito de adquirir instrução e de progredir.

A leitura pode ser considerada um processo mental, constituído de vários níveis e contribui para o desenvolvimento intelectual. A combinação de unidades de pensamento em frases e em unidades maiores de linguagem é, ao mesmo tempo, um processo cognitivo e um processo de linguagem. A repetição contínua desse processo produz uma formação cognitiva particular. Estudos psicológicos têm demonstrado que a melhoria da habilidade de ler cria, desenvolve a capacidade de aprender de forma geral. A leitura eficaz estabelece um confronto entre os materiais e as idéias do autor. Em nível mais elevado e em textos mais longos, a compreensão das relações, da construção ou da estrutura e interpretação do contexto tornam-se mais significativas. Se forem estabelecidas relações de sentido entre os materiais novos e os conceitos antigos, a leitura crítica pode se transformar em leitura criativa, síntese que produz resultados totalmente novos.

A leitura constitui ainda um dos instrumentos mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade, pois trabalhar sobre a linguagem é trabalhar sobre o homem. A humanização enfraquece, à medida que a capacidade humana de comunicação, de simpatia e de apreciação diminuem, entram em retrocesso. (Bamberger, 1975, p.6)

3. Ler, Compreender e Interpretar

Kleiman (1984:13) ressalta que Goodman considera leitura um processo descontínuo, dinâmico que requer a interrelação de variados elementos para atingir o sentido. Além disso, a leitura é preditiva e cria hipóteses, para isso o leitor deve valer-se de seu conhecimento linguístico, conceitual e de sua experiência.

Para a autora, de acordo com a teoria interacionista, a compreensão pode ser bloqueada por limitações do texto ou por limitações do leitor. Nesses casos, outras instâncias de conhecimento serão utilizadas como alternativas para atingir o significado, por exemplo, estrutura do texto, coesão, léxico, saliência, perspectiva, inferência, retenção.

Esse processo descontínuo e dinâmico ainda continua sendo um meio de compreender o texto, tanto em papel, quanto virtual, além disso, a leitura desenvolve os aspectos cognitivos do leitor e

melhora sua competência linguística. Nesse sentido, o que seria compreensão do texto? Que habilidades são requeridas do leitor? A compreensão do texto seria outro tipo de leitura?

Compreender o texto requer cognição e motivação, porque a compreensão de leitura é um processo complexo de interação entre o texto, a situação de leitura, seu contexto e o leitor. Quando a compreensão envolve o contexto acadêmico, implica em fazer uso da capacidade de ler e compreender informações que demandam: ter acesso a informações; adequar as estratégias de leitura e abordagens aos objetivos da leitura; assimilar conteúdos; ativar o conhecimento prévio. (Cabral; Tavares, 2005, p.204)

Segundo Van Dijk e Kintch (1983), o significado do texto depende não só das informações contidas nele, mas também da capacidade cognitiva do leitor que o possibilitam combinar informações contidas no texto com um conjunto de conhecimentos, crenças e experiências ativadas na memória do leitor.

A análise cognitiva do texto permite a distinção de três níveis de representação do texto: a forma linguística de superfície; a base do texto e o modelo de situação. A base do texto é o conteúdo semântico do texto, ligado à representação semântica proposicional das unidades de informação explícitas que constituem o texto. O modelo de situação integra elementos ausentes do texto, que são inferidos pelo leitor, a partir dos elementos do texto, de seus conhecimentos e de suas representações anteriores da área. O conteúdo semântico do texto é constituído de uma sequência de proposições que culminam na construção de sistemas coerentes de representações de estado, de acontecimentos e de ações. (Denhière et Baudet, 1992 e Denhière e Legros, 1989, apud Marin et al. 2007, p. 120.)

Os textos científicos podem ser analisados, de acordo com o modelo geral proposto por Van Dijk. Também é possível verificar várias características que se referem aos três níveis propostos. Essas características tornam a compreensão mais difícil do que a do texto narrativo, no entanto a organização sintática e a estruturação dos enunciados, na superfície textual, facilita a compreensão. Por outro lado, a complexidade das frases, a distância entre os componentes sintáticos da frase, as transformações passivas, as nominalizações interferem na compreensão.

Segundo J.L. Dumortie (2001, apud Marin et al, 2007,p.120), há fatores linguísticos que dificultam a compreensão do texto. Eles podem ser considerados como: densidade de informação, eliminação de redundâncias, diversidade de processos sintáticos, que possibilitam várias asserções sobre uma frase, as anáforas criadas sobre inferências e rupturas temáticas. Além disso, também é preciso considerar a habilidade do estudante na manipulação das unidades linguísticas em relação às suas competências de leitura.

Ademais, os textos científicos são caracterizados pela concisão e pela presença de termos monossêmicos, por um léxico especializado e difícil de memorizar e o contexto não é suficiente para estabelecer a significação dos termos. Os índices contextuais não bastam para estabelecer a coerência das informações e dependem do domínio do vocabulário, do conhecimento sobre uma linguagem especializada com conhecimentos precisos sobre o domínio ou área do texto.

Em se tratando do conhecimento, Trujillo Ferrari (1982, p.15, apud Bordini e Aguiar, 1988, p.45) considera características básicas do conhecimento: a) a análise caracterizada por compreensão de um fenômeno por meio dos seus componentes, que envolve noções de dissociação e remontagem; b) a generalização que distingue características comuns aos objetos e leis gerais comuns a vários eventos ou fatos; c) a sistematização que trata do aproveitamento de referências, da formulação de teorias e hipóteses, coleta informações e organiza quadros explicativos sobre as relações entre os dados; d) a acumulação indica que há um constante enriquecimento do saber por meio do acúmulo dos conhecimentos adquiridos, anteriormente; e) a falibilidade é resultado da situação provisória das conclusões, que nunca são definitivas, absolutas; f) a verificabilidade que é a testagem da validade de uma afirmação, hipótese ou teoria; g) a explicação é a interferência no objeto estudado, que pode se manter conservado ou se alterar; h) a preditibilidade que faz o diagnóstico das probabilidades do comportamento do objeto estudado.

Se formos considerar a questão das retomadas para manutenção da isotopia temática, a análise da anáfora é muito mais difícil, porque os referentes não são familiares e o léxico não está disponível na memória de longo termo do estudante. Em vista disso, a compreensão de textos científicos é discriminante e revela o grau de domínio das competências e estratégias que ainda estão em desenvolvimento. A compreensão fina, aprofundada do texto científico supõe ter acesso a conhecimentos não evocados pelo texto, no entanto esses conhecimentos pertencem a um modelo de situação, necessários para que o aprendiz possa elaborar uma representação mental coerente do conteúdo do texto.

A distinção entre os níveis de representação base do texto e modelo de situação possibilitam a distinção de níveis de tratamento, níveis de dificuldades e tipos de ajuda. (Marin et al, 2011, p.119)

Os aspectos abordados por Marin et al (2011) tornam evidentes que o significado do texto é construído pelo leitor, durante uma atividade cognitiva que combina as informações do texto com um conjunto heterogêneo de conhecimentos, crenças anteriores e experiências, que são ativadas na memória pelo leitor.

A leitura compreensiva é um tipo de leitura que requer a realização de procedimentos, tais como, antes da leitura de um texto científico, procura-se encontrar o objetivo a que o autor se propôs ao produzir o texto. Em seguida, realiza-se uma tentativa de identificar o contexto em que foi escrito. Também é interessante conhecer a linha de pesquisa do autor, a época em que o texto foi escrito, a linha teórica e o objeto de estudo do texto. Além disso, não se pode deixar de verificar se esse texto é científico, metodológico, histórico, ou político. A próxima etapa contempla a leitura ativa e atenta, para: encontrar todos os termos desconhecidos e buscar a devida definição; resumir o texto, de acordo com sua estrutura; identificar os pontos principais, os elementos de ligação, as partes que introduzem os tópicos, a forma de argumentar, a conclusão. Trata-se aqui do desenvolvimento de competências de leitura, capaz de permitir ao leitor a realização de uma leitura global do texto e do conjunto de textos lidos, ou também de construir um modelo de situação. Mais adiante, impulsionado pelas interações e intervenções do professor, o aluno passa a perceber, a focalizar em informações mais localizadas, mais precisas e a investir numa argumentação. Retorna, em seguida, à globalidade do texto e acrescenta a significação apreendida ao processo de resolução do problema científico apresentado. Assim o aprendiz estabelece um vai e vem entre compreensão global e compreensão local, que se estrutura em função do propósito do aluno e de sua percepção do texto, que se desenvolve, à medida que a discussão avança. (Avel; Crinon, 2012,P.121)

Castro (2019: 12) ressalta que os estudantes, durante a graduação, empenham-se no desenvolvimento da capacidade de análise crítica e discernimento, pois essa capacidade é fundamental no exercício da profissão. O ensino superior também é o contexto de produção de conhecimento e do uso da língua portuguesa, em sua variante formal, padrão. Essa forma linguística vai estar presente nas atividades específicas, desenvolvidas pelo estudante, na área de conhecimento do curso, para se tornar um profissional, capaz de atender as diversas demandas sociais de seu campo de atuação.

Na graduação, há necessidade de ler e escrever constantemente, por isso o aluno deve fazer investimentos no desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, que possibilitam a leitura e a escrita dos gêneros textuais, usados na graduação. (Höche, Boff e Marinello, 2010, p.9, apud Castro, 2019, p.13)

Além disso, é interessante ressaltar que a pesquisa e a aquisição sistemática de conhecimento são os objetivos da ciência que utiliza não só de princípios gerais, tais como: teorias, leis, medidas, métodos, como também da difusão dos resultados de seus procedimentos. As verdades produzidas pela ciência sobre seres, coisas, procedimentos do mundo real são relativas e exatas. A finalidade

da pesquisa científica é contribuir com o desenvolvimento científico. Assim, além da pesquisa científica propriamente dita, a literatura científica informa, forma e atualiza os conhecimentos, veiculando conteúdos válidos e validados. (Bernard Pochet, 2015, p. 13)

Pelo exposto, observa-se que compreender o texto requer muito mais do que o passar os olhos pelas palavras, oralizar, ler do início ao fim. Muitas vezes é preciso fazer inferências, quer dizer, completar os sentidos do texto, deduzir o sentido de palavras ou expressões.

Para John Dewey, os estudantes deveriam conhecer teorias e aplicá-las em levantamento de hipóteses, em comparações, análises, interpretações e avaliações, que possam envolver experiências práticas. Se isso for aplicado ao ensino de graduação, espera-se que o aprendiz tenha o hábito de ler, tenha um repertório de leitura e que o aluno esteja disponível a ler e a reler textos científicos e textos acadêmicos. (Cremonese, 2019, p.15)

Nos textos acadêmicos, predomina a escrita dissertativa de caráter argumentativo. O texto dissertativo tem a finalidade de resolver um problema, analisar uma questão, refletir sobre determinado assunto. Os principais gêneros acadêmicos, segundo Marcuschi (2003, p. 29, apud Cremonese, 2019, p. 27) são: resumo, resenha, relatório, ensaio, artigo, monografia e tese.

Ao retomar a questão da inferência nos textos científicos, verifica-se que os estudantes têm dificuldade de lidar com situações textuais que demandam o uso de inferências. (Marin et al., p.121) destaca dois tipos de inferência. As inferências elaborativas utilizam as capacidades cognitivas para encontrar, na memória do leitor, representações anteriores e representações dos sistemas de conhecimento, crenças, presentes na memória de longo termo. Esses conhecimentos possibilitam o leitor encontrar a falta de informações ou lacunas no texto, necessárias para estabelecer a coerência global e ativar integralmente a rede de conhecimentos resultantes da leitura. As inferências ponte permitem a interpretação da frase lida com auxílio de informações anteriormente extraídas do texto.

Isso demonstra que a compreensão dos textos informativos e explicativos depende dos conhecimentos adquiridos pelo leitor ao longo de sua vivência. Sua história de leitura contribui muito para o desempenho na leitura. O hábito de leitura se instaura no estudante pelo uso do livro para suprir interesses subjetivos, pessoais. Em sequência, surge a conscientização sobre a importância do livro e da leitura para o desenvolvimento profissional e social do aprendiz. Finalmente, o hábito da leitura se solidifica entre os hábitos adquiridos. (Oliveira, p. 10)

A compreensão do texto científico exige, pois, que o leitor elabore uma representação do conhecimento ou domínio contido no texto para depois organizar ou reorganizar, coerentemente,

um conjunto de conhecimentos, para integrar novas informações contidas no texto. A leitura do texto científico pressupõe que se estabeleçam as causas que antecedem os eventos e os processos descritos, tanto quanto suas consequências. Essas duas formas de inferência garantem o estabelecimento da coerência em nível global e em nível local. Em sentido geral, as inferências ligam as informações do texto e constroem a coerência da representação do texto lido.

4. Questões Didáticas Atinentes à Leitura

Segundo Rangel; e Machado (2012: 3), o estudante deve encontrar ambiente acadêmico que possa oferecer amplo e irrestrito acesso à leitura. No interior do ensino e aprendizagem de cada disciplina do curso que ele realiza, a leitura deve estar presente, para ensinar a ler e a escrever. Nas aulas, os comportamentos leitores e escritores devem ser fortalecidos, incentivados, criados. Essa postura pedagógica pode adotar alguns procedimentos para organizar, ampliar e provocar a leitura. São eles:

- a) Adotar como referência de leitor e escritor competentes o professor que assume o compromisso de ler e escrever para e com seus estudantes;
- b) Motivar práticas de leitura diversificadas, que integrem conteúdos e temáticas, para que o aprendiz conviva com os mais variados textos, para apreender sua beleza comunicativa, informativa, cultural, científica;
- c) Planejar e orientar atividades de leitura e escrita com o claro propósito da atividade: adquirir um conteúdo específico, identificar o problema, um argumento;
- d) Favorecer reflexões sobre a leitura e a escrita, enquanto meio de participar e de exercer a cidadania;
- e) Levantar hipóteses valendo-se dos conhecimentos prévios do aluno, relatar experiências, fazer previsões e demonstrar conhecimentos sobre o tema em estudo, produzindo um debate, uma roda de conversa;
- f) Desenvolver o interesse e a curiosidade do estudante sobre o tema; e
- g) Criar hábitos de leitura e de escrita que extrapolem o conteúdo curricular obrigatório, num contato permanente com o mundo letrado.

Rangel e Machado (2012) ressaltam também que as práticas pedagógicas referidas favorecem a aprendizagem do estudante que, após a vivência dessas atividades, pode:

- a) Aprender a interpretar e a extrair significado do texto, adquirir a linguagem e usá-la nas situações mais complexas e formais;
- b) Expressar com competência seus sentimentos, suas ideias, seus pontos de vista e tornar-se capaz de adquirir informações técnicas e científicas, de estabelecer relações interpessoais e sociais, conhecer novas experiências e culturas;
- c) Conhecer os gêneros textuais e ler diversos tipos de texto;

- d) Fazer e responder perguntas sobre o texto, com habilidade para reconhecer as palavras-chave e os pontos principais do tema tratado;
- e) Formular hipóteses, fazer previsões e consultar outras fontes de informação;
- f) Utilizar seus conhecimentos prévios e suas habilidades, para compreender o texto;
- g) Compreender o sentido global do texto, e também as informações mais precisas, mais específicas.

Para Kleiman (1995, p.19, apud Bertoluci, 2009, p.108) letramento são práticas sociais de uso da escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em determinados contextos e com objetivos próprios. Dessa forma, letramento passa a ser determinado pelo contexto e pela cultura. No contexto acadêmico, o letramento é estabelecido pelo uso da linguagem acadêmica própria de cada área de conhecimento, pelos gêneros e formas de construção peculiares do autor. Para que o estudante faça uso da linguagem científica, no nível acadêmico, é preciso realizar uma retextualização dos materiais escritos, antes de oferecer ao aluno, até que ele adquira as habilidades requeridas para a leitura e a escrita desses textos. Nesse caso, o ensino e a aprendizagem devem considerar as condições de produção, recepção e circulação dos gêneros utilizados.

Na retextualização dos gêneros acadêmicos científicos, os textos, antes de serem oferecidos aos alunos, precisam ser expostos aos alunos, explicados com clareza para que eles consigam contextualizá-los e realizarem as atividades sobre os textos de forma significativa, apropriando-se dos conhecimentos científicos presentes neles.

5. Orientações Didáticas sobre Leitura, Escrita e Compreensão do Texto

O método requer a seleção do material a ser utilizado anteriormente pelo professor, a partir dos critérios de qualidade do texto; propósito da leitura e da escrita; as atividades que vão ser desenvolvidas; o tempo destinado à realização das atividades propostas. Também é preciso estabelecer os objetivos da leitura e da escrita. Antes disso, é necessário fazer um levantamento dos saberes que os alunos já possuem sobre o assunto, isto é, dos textos que serão lidos ou escritos; formar grupos de estudo e solicitar que cada grupo escreva o que sabe sobre o tema, para, depois, apresentarem aos colegas de classe, oralmente. É interessante ainda analisar o texto de forma geral: título, subtítulo, ilustrações, tabelas, autor, gênero. Com essas atividades, os estudantes já adquiriram um conceito sobre o tema a ser estudado e formularão uma hipótese sobre o assunto a ser lido.

Em continuidade ao procedimento didático, devem ser feitas antecipações das informações desconhecidas dos alunos, no entanto consideradas conhecidas dos leitores pelo autor. Depois o professor precisa orientar os alunos a fazerem um resumo do material estudado. Nessa atividade, é bom utilizar diferentes recursos para assimilar o conteúdo lido pela escrita: resumo, fichamento, palavras-chave, anotações, ilustrações, mapas mentais, esquemas. Em seguida, o professor avalia o tema lido com os estudantes, para fazê-los buscar informações, conhecimentos científicos, valores, concepções, crenças, que garantam o estabelecimento de reflexões sobre o tema.

Esse método permite que os estudantes formem uma opinião sobre o assunto lido, desenvolvam o senso crítico, aprendam a organizar suas ideias e comentários para apresentá-los. Para complementar, melhorar a aprendizagem dos conteúdos estudados e despertar o interesse pelo assunto, é interessante dar aos alunos oportunidade de fazer conexões com outros textos, livros, filmes, documentários, situações vividas. Outro recurso auxiliar é realizar descrição, análise, interpretação e julgamento de valor sobre o conteúdo, o assunto apresentado.

6. Considerações Finais

A leitura provoca o desenvolvimento da humanização, à medida que favorece a compreensão humana mais abrangente que faz uso de aspectos emocionais, intelectuais, fisiológicos, culturais, econômicos e políticos. Além disso, a leitura propicia ao ser humano experiências, sentimentos, a elaboração de conhecimentos científicos. No ambiente favorável à leitura, a pessoa está em constante contato com ideias, informações, novas formas de comunicação; outras vezes ela se depara com questões inusitadas, possibilidades de fazer inferências, de interpretar, adotar postura reflexiva. A comunicação, entendida por processo social de produção e partilha do sentido, veiculado por formas simbólicas, requer leitura, compreensão e interpretação do texto. O processo de comunicação é concebido como compartilhamento de sentido, mensagem, informação entre os participantes do processo. No caso do texto, comunicação seria o compartilhar informações entre o produtor e o receptor, ou seja, entre escritor e o leitor.

A leitura favorece a ampliação do conhecimento de mundo, promove o desenvolvimento cognitivo, desenvolve a capacidade de produzir textos. Em termos de aprendizagem, é pela leitura que os alunos buscam, selecionam, assimilam informações, que depois serão utilizadas na produção de novos conhecimentos. Assim, a leitura constitui um recurso essencial de

aprendizagem e desempenha a função de inserir o leitor no âmbito cultural e social. Em nível acadêmico, a leitura é indispensável para a aprendizagem, garante acesso aos conteúdos das disciplinas e possibilita a produção científica. Por meio da leitura, o aluno compreende e se apropria criticamente das informações presentes nos textos. Ele lê com um objetivo determinado, produz estratégias de compreensão de leitura, faz a síntese das informações, de acordo com o texto e suas experiências, faz inferências, aplica os conhecimentos adquiridos pela leitura na resolução de problemas.

Entre as concepções de leitura, a leitura interacional ressalta que o emissor e o receptor são agentes sociais que atuam dialogicamente, na criação de interlocutores. Nessa perspectiva, o sentido torna-se o resultado da interação entre texto, emissor, receptor e leitura. Essa atividade complexa envolve aspectos textuais e saberes relacionados ao contexto de comunicação.

De acordo com Antunes (2015, apud, Celestino e Ceccato, p. 8, 2016) quando o leitor procura interpretar o texto, ele utiliza todos os elementos gráficos, para formular os significados, produzir hipótese, inferir sentidos sobre a leitura feita. Ele também faz uso de todo o seu conhecimento prévio. Nesse sentido, o conhecimento do mundo e o conhecimento do material escrito são utilizados pelo leitor, para estabelecer o sentido e as intenções subliminares ao texto. Por exemplo, o leitor pode inferir os objetivos e o contexto, porque considera o gênero textual.

Para interpretar o texto, o leitor pode utilizar os seguintes conhecimentos:

- a) paralinguístico, de nível externo, que envolve o aspecto visual do texto, componentes tipográficos, e organização do conteúdo;
- b) superfície textual que contém os traços coesivos que delineiam a interpretação;
- c) estruturas linguísticas, compostas de microproposições sintático semânticas, que estabelecem relações de sentido;
- d) relações grafofônicas que são aspectos mecânicos cognitivos da interpretação.

Essas etapas da leitura estabelecem conexões entre si, na construção da interpretação do texto e são conhecimentos linguísticos que exercem a função principal no processamento do texto, seguidos do conhecimento textual.

Outro fator determinante das condições de interpretação é o conhecimento enciclopédico, ou conhecimento de mundo. Ele é produzido em condições externas, nas diversas situações sociais, culturais, históricas, econômicas, políticas, vivenciadas pelo leitor. Qualquer interpretação de leitura requer um contexto histórico e uma cultura.

A escola tem um compromisso com o ensino e a aprendizagem da leitura, que, ao longo dos anos escolares, vai se especializando, tornando-se mais complexa, menos linear, mais profunda. O

ensino da leitura é atribuição do professor de qualquer disciplina, especialmente, dos que lidam com o ensino da linguagem. Geraldi (1996, apud Oliveira, 2008, p.30), ao referir-se ao papel do professor, na escola, caracteriza a leitura, como diálogo entre aluno e texto. Nesse processo dialógico, o professor exerce função ativa, quando elabora perguntas, argumenta, ouve a leitura dos alunos. Essas ações têm a possibilidade de desenvolver qualitativamente a aprendizagem dos estudantes.

Uma maneira melhor de aprender, compreender e esclarecer as ambiguidades é elaborar perguntas. Nesse sentido, o professor deve ter a habilidade de saber como, quando e onde utilizar as questões. As perguntas formuladas sobre o texto têm o propósito único de ensinar a compreender o que foi lido, ou de buscar informações secundárias, ou simplesmente para verificar se o estudante leu o texto.

Uma das formas de analisar a qualidade e a eficácia das questões propostas pelo professor é submetê-las aos seguintes critérios: a) pertinência à realidade da vida do trabalho do estudante; b) é uma questão verdadeira; c) natureza da conversação, de sentido e sentimentos possíveis de serem desencadeados no aluno; d) incentiva ideias novas; e) possibilita perceber as convicções subentendidas, contidas na questão formulada; f) permite a formulação de novas questões, diferentes durante o estudo.

Algumas questões estratégicas produzem uma caixa de ressonância, na qual a própria reflexão é ampliada, clarificada e estimula um novo impulso. Esse tipo de questionamento suscita a curiosidade do aluno; motiva uma conversação reflexiva; provoca a reflexão; identifica as hipóteses subjacentes; desperta a criatividade e sugere novas possibilidades; cria energia e motiva; concentra a atenção e determina a busca de solução; toca profundamente; e inspira outras questões. (Assia, 2018, p. 25)

O professor, considerado formador de leitores e mediador entre aluno e o texto, torna-se um colaborador da aprendizagem dos estudantes e deve considerar leitura um objeto de ensino e mecanismo de aprendizagem. Nessa perspectiva, o tempo da aula utilizado para leitura, a maneira de trabalhar e o uso dela, a seleção dos textos e a relação do professor com a leitura, os textos e os livros são determinantes no ensino e aprendizagem da leitura.

Nesse procedimento de ensino da leitura, o professor pode utilizar, como um dos modelos possíveis, o texto expositivo por ser informativo. Esse tipo de texto apresenta diversos padrões de organização. Por exemplo: a) descrição ou lista simples; b) sequência temporal ou cronológica; c) definição e exemplo; d) processo, relação de causa e efeito; e) comparação e contraste; f)

problema e solução; g) episódio; h) generalização ou princípio. Conhecer a organização, a estrutura textual facilita a compreensão.

Outro recurso didático essencial para a compreensão da leitura é considerar os recursos de comunicação, peculiares ao texto, por exemplo, analogias, imagens, formas de representação, ou seja, gráficos e tabelas.

Por outro lado, o ensino da leitura também deve considerar as particularidades do texto, que podem interferir na compreensão de conceitos. Dentre essas particularidades, cabe destacar a linguagem, o vocabulário, conhecimentos, símbolos, recursos gráficos, tudo isso, pode dificultar leitura compreensiva. O professor pode recorrer a estratégias de ensino antes, durante e depois, que concorrem para o desenvolvimento da competência leitora, tais como: fazer o levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos sobre o assunto; propor a ampliação do texto; descrever as ilustrações e relacioná-las ao texto; esclarecer aspectos da linguagem e as representações, para torná-las mais conhecidas. A leitura deve, pois, fazer o estudante ter domínio do texto científico e de sua linguagem; ampliar seu repertório de conhecimentos; provocar conflitos entre as ideias novas adquiridas e os conhecimentos prévios, modificando-os. O leitor também precisa conhecer com antecipação a intencionalidade da leitura, porque ler com um objetivo, orienta e envolve o leitor com o texto. Nesse sentido, a intencionalidade da leitura pode estar situada numa pergunta inicial; na localização de um dado específico ou conceito; ou na resolução de um problema proposto.

READING: communication and learning

ABSTRACT

There are authors who attribute to reading the possibility of getting to know the world, to develop creativity and critical census, to refine perception and reasoning, to acquire immunity to the manipulations produced by image communications, to facilitate oral and written expression, to develop the ability to monitor understanding of grammatical and textual aspects, of perceiving the attitudes and intentions of the text writer. It can also be added that reading discharges memory, promotes the glimpse of new horizons of knowledge, establishes the discipline of the mind, expands consciousness through contact with different ways and perspectives with which the same problem can be considered, provides the construction of own awareness and cultural growth. (Duarte, Pinheiro, Araújo, 2012, p.103). Reading is also one of the most effective tools for the systematic development of language and personality, since working on language is working on man. Humanization weakens, as the human capacity for communication, sympathy and appreciation diminish, they fall back. (Bamberger, 1975, p.6). On the other hand, the understanding of the scientific text requires that the reader elaborate a representation of the knowledge or domain contained in the text, to later organize or reorganize, coherently, a set of knowledge, to integrate

new information contained in the text. The teaching of reading also needs to consider the particularities of the text, which can interfere in the understanding of concepts. Among these particularities, it is worth mentioning the language, vocabulary, knowledge, symbols, graphic resources. The teacher can use teaching strategies before, during and after, for the development of reading competence. Reading should make the student have mastery of the scientific text and its language; expand your knowledge repertoire; cause conflicts between new ideas acquired and previous knowledge, modifying them. A look at higher education classrooms can identify adult students among young people. Many of them have a development gap. They demonstrate difficulty in understanding and interpreting texts and, consequently, are unable to learn the disciplinary contents, causing delays, retentions, lockouts, abandonment. Given the above, keeping in mind the peculiarities of each student, the relevance of reading is indisputable, at any stage of human development, for this it is necessary to carry out studies on reading, accessible to students, so that they become aware of the role of reading in human, cultural and professional development. As a result, this work intends to verify the concept of reading and understanding text, specifically, the scientific text, used in academic circles; and proposes to reflect on didactic issues related to reading. In this regard, the work on reading: communication and learning, in the initial part seeks to verify the concept, definition, characterization of Reading. Then, it seeks to point out aspects related to the reading and understanding of the scientific text. Then, it addresses issues of teaching and learning to read and, finally, gives an overview of the main aspects of these topics studied. The methodology, used in the production of this work, consisted of reading and descriptive analysis of scientific articles, theses and dissertations, books that address the topic under study. This material resource provided a theoretical foundation for reading, understanding, teaching and learning. It also demonstrated the characteristics of the reader that interfere with reading.

Keywords: Reading. Communication. Text comprehension. Reading of scientific text. Didactic aspects of reading.

7. Referências Bibliográficas

ALCARÁ, Adriana Rosecler; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos. Compreensão de Leitura, Estratégias de Aprendizagem e Motivação em universitários. In: **Psico**, n.3, v.44, jul/set, 2013.

ASSIA, HARROULD. **La Difficulté de Comprehension des Textes de Spécialité, quelle solution?** Republique Algerienne: Universite Mohamed Boudiaf, 2018.

AVEL, Patrick; et CRINON, Jacques. Lire des textes pour apprendre em sciences et pour apprendre à comprendre. Disponível em: <https://journals.openedition.org/reperes/149>

BAMBERGER, Richard. Développer l'habitude de la lecture. France: Les Press de l' Unesco, 1975.

BERTOLUCI, Kaluana Nunes. Letramento Acadêmico: leituras em um curso de pedagogia. In: **Revista ao Pé da Letra**. Versão online, v. 11.2, 2009.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CABRAL, Ana Paula; e TAVARES, José. Leitura/Compreensão, Escrita e Sucesso Acadêmico: um estudo de diagnóstico em quatro universidades portuguesas. **Revista de Psicologia Escolar e Educacional**, n.2, vol.9, 2005, p. 203-213.

CAMARGO, Eder Pires de. A Comunicação e os Contextos Comunicativos como Categorias de Análise. São Paulo: Editora Unesp, 2012. Disponível em:

<http://books.scielo.org/id/zq8t6/pdf/camargo-9788539303533-05.pdf>

CASTRO, Nádya Studzinski Estima de et al. **Leitura e Escrita Acadêmicas**. Porto Alegre: Sagah, 2019.

CELESTINO, Carolina Casimira Molina; e CECCATO, Ivone. Uma Metodologia de Leitura diferenciada para o Curso de Formação de Docentes. In: Os Desafios da Escola Pública Paranaense, na Perspectiva do Professor PDE. Versão online, 2016.

CREMONESE, Lia Emília. Leitura Acadêmica. In: **Leitura e Escrita Acadêmicas**. Porto Alegre: Sagah, 2019.

COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Porto alegre: Artmed, 2002.

DUARTE, Antonio Lailton Moraes; PINHEIRO, Cláudia Regina; ARAÚJO, Júlio. A Leitura Acadêmica na Formação Docente: dificuldades e possibilidades. In: **Revista de Letras**, n.31, vol ½, jan/dez, 2012.

GUSMÃO, Zila da Silva. Hipertexo: um gesto de leitura projetado na composição de textos produzidos em mídia digital. Belo Horizonte: PUCMG, 2018.

KLEIMAN, Angela B. Modelos Teóricos: fundamentos para o exame da relação teoria e prática na área da leitura. In **Trabalhos de Linguística Aplicada**, 3, 1984, p. 5-21.

MARIN, Brigitte; CRINON, Jacques; LEGROS, Denis; AVEL, Patrick. Lire Um Texte Documentaire scientifique: quels obstacles, quelles aides à la comprehension? In: **Revue Française de Pedagogie**, em ligne, 160, 2011.

URL : <http://journals.openedition.org/rfp/786> ; DOI : 10.4000/rfp.786

OLIVEIRA, Maria Helena Mourão Alves de. Funções da Leitura para Estudantes de Graduação. PDF.

OLIVEIRA, Renata Araújo Jatobá de. **Concepções e Práticas Escolares de Leitura**: contribuições para a didática da língua portuguesa. Recife: O Autor, 2008.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de orientação Técnica. **Referencial de Expectativas para o Desenvolvimento da Competência Leitora e Escritora no Ciclo II**: caderno de orientação didática de ciências naturais. São Paulo: SME/DOT, 2007.

PEREIRA, Marcos Villela. A Escrita Acadêmica: do excessivo ao razoável. In **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, n.52, jan/mar, 2013, p. 2013-228.

PICANÇO, Zilda Ferreira; PEREIRA, Francisca Elisa de Lima. A Importância da Leitura e Sua Aplicação no Ambiente Escolar da Educação de Jovens e Adultos.

Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/tcc_aimportancia.pdf

PIRES, Érik André de Nazaré. A Importância do Hábito da Leitura na Universidade. In: **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, v.17, n.2, jul/dez, 2012, p. 365-381. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/download/846/pdf>. Acesso em 23/9/2020.

POCHET, Bernard. **Comprendre et Maîtriser la Littérature Scientifique**. Belgique: Les Presses Agronomiques de Gembloux, 2015.

RANGEL, Ergon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues(org.). **Língua Portuguesa**: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2010.

RANGEL, Mary; e MACHADO, Jane do Carmo. O papel da leitura e da escrita na sala de aula: estratégias de ensino para a dinamização dos processos de leitura e escrita. In: **Anais do SIELP**, vol. 2, n.1, Uberlândia: EDUFU, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. **Redação e Leitura**: guia para o ensino. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

PSICOLOGIA

REVISITANDO O CONCEITO DE INFÂNCIA DA ANTIGUIDADE À
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DA
HISTORIOGRAFIA DA PSICANÁLISE COM CRIANÇAS.

Prof. Iúri Yrving Müller da Silva, Dr. em Psicologia pela Unesp /Assis/SP,
professor do curso de Psicologia da FAP/Tupã.

iuri.silva@fadap.br

Prof^a Luana Valera Bombarda, Ms^a em Saúde Coletiva pela Unesp/Botucatu/SP, professora do curso de Psicologia da FAP/Tupã/SP.

luana.bombarda@fadap.br

RESUMO

A infância é objeto de estudo de várias disciplinas, incluindo a psicologia e psicanálise. Verifica-se que, em diversos momentos históricos, a infância assumiu diferentes significados caracterizada como processo de construção. O presente estudo teve como objetivo resgatar a construção da infância desde a antiguidade até o momento atual, utilizando autores como Postman, Elkind e Ariès. Os achados sugerem que as crianças foram classificadas qualitativamente diferentes dos adultos, atribuindo significados específicos. Acrescenta-se que a erotização precoce e a crescente participação infanto-juvenil na criminalidade indicam que a infância, em especial a meninice, entre os sete anos e a puberdade, está em extinção. Elkind discute o papel e as pressões sociais que a criança possui em seu desenvolvimento, expondo-as a uma grande variedade de problemas na infância e adolescência, como baixa autoestima, gestação na adolescência e altos índices de suicídio. Para Ariès, a criança na antiguidade estava associada ao modelo da mulher e escravos. A partir do século XIII, a criança começa a ser representada, tendo seu olhar consolidado por volta do século XVIII. A criança torna-se objeto de grande feição para os adultos. Natalidade e mortandade passam a ser controladas para se poder cuidar melhor dos filhos. Vemos, assim, o surgimento do esboço de sentimento de infância que se estende até hoje. Estudar a infância traz excelentes contribuições à psicanálise, pois é neste ponto que ela assume o centro da investigação da mente e comportamentos infantis, primeiro pelas lembranças encobertas nos adultos, depois pela própria psicanálise de crianças.

Palavras-chave: psicanálise; infância; psicanálise infantil.

1. Introdução

O presente artigo tem como proposta discutir acerca da construção do estudo de psicanálise com crianças, ressaltando os pontos principais do surgimento da infância, enquanto processo de construção social. Para isso, foi realizado um estudo teórico acerca do surgimento e significado da infância da antiguidade à sociedade contemporânea, resgatando a construção social da infância em diferentes momentos históricos.

Propomos, de maneira diferenciada, um percurso inverso para as apresentações sobre a construção social da infância. Inicialmente, encontramos estudos de autores como Postman (1999) e Elkind (2001), que mostram,

especialmente, referindo-se ao trabalho do último autor, o papel e a condição da criança na atualidade. Num segundo momento, buscamos seguir uma linha histórica que contemplasse as contribuições de Ariès, que sistematiza a evolução do papel assumido pela criança, da Idade Média até o século XX. Pretendemos, assim, ampliar a compreensão sobre o significado que a infância assumiu, ao longo dos tempos, como categoria social. Assim, seguindo de perto o ensaio de Postman (1999) sobre o desaparecimento da infância, deparamo-nos com a questão instigadora: É possível imaginar o mundo sem infância, tal qual a reconhecemos hoje?

Postman (1999) refere que as crianças foram classificadas como qualitativamente diferentes dos adultos, atribuindo significados direcionados ao mundo infantil. Na atualidade, com a informação eletrônica, sobretudo a TV, que só requer aptidões naturais e o entendimento da fala, adquirido a partir do primeiro ano de vida, as fronteiras começam a desmoronar.

Assim, a erotização precoce e a crescente participação infanto-juvenil nos índices de criminalidade são apenas as indicações mais evidentes de um conjunto de sinais, de que, a infância – em especial a meninice, entre os sete anos e a puberdade – está em extinção. Neste sentido, Postman (1999) destaca que já habitamos um tempo de crianças adultas e de adultos infantis, e estamos no limiar de outro em que a idade das pessoas só estabelecerá diferenças marcantes em dois extremos: a primeira infância e a senectude.

Neste mesmo contexto, inserem-se as contribuições de Elkind (2001) que chama com veemência nossa atenção para as pressões que a sociedade impõe às crianças, expondo-as a uma grande variedade de problemas na infância e adolescência, como baixa autoestima, gestação na adolescência e altos índices de suicídio. Este especialista em desenvolvimento infantil mostra-nos que, ao perdermos a noção do que é adequado à idade, esperando ou impondo demais, muito cedo, pressões do mundo adulto, obrigamos nossas crianças a crescer prematuramente.

Lançando um olhar minucioso ao mundo das crianças e dos adolescentes, o autor defronta-nos com toda uma nova geração de pais que pressionam cada vez mais as crianças. Explica porque isso ocorre, oferecendo um alerta encorajador que contempla o desenvolvimento saudável, protegendo o desfrute e a liberdade da infância.

Preconiza, também, que a concepção das crianças como competentes para lidar com tudo e com qualquer coisa que a vida tenha a oferecer, e ainda se beneficiar disso, foi uma racionalização eficaz para os pais que continuam a amar seus filhos, mas não têm o tempo nem a energia para cuidar da infância.

Revela, ainda, que “nossa concepção contemporânea de Supergaroto, competente para lidar com todas as vicissitudes da vida, deve ser encarada como uma invenção social para aliviar a ansiedade e a culpa dos pais” (ELKIND, 2001, p. 19).

Tal citação nos permite inferir que estamos atravessando um daqueles períodos da história, como as primeiras décadas da Revolução Industrial, em que as crianças são as vítimas involuntárias da revolta e da mudança da sociedade.

Seguindo esta linha de raciocínio, o autor conclui que as crianças, hoje, funcionam como um *self* substituto para os pais, capaz de realizar e lidar com situações e emoções da vida adulta. Resultado disso é o estresse sobre as crianças em uma forma dinâmica que mascara a culpa dos pais e valoriza os prodígios da criança. Em vez de um desenvolvimento saudável atingido mediante sucessivas etapas do desenvolvimento humano, aparecem sintomas como ansiedade, desgaste na escola, desamparo, estruturação prematura e até invulnerabilidades.

Dentro de uma visão mais otimista do que Postman (1999), não prevendo o desaparecimento da infância, mas sim outra forma de configuração desta etapa da vida, Elkind (2001) sugere caminhos conhecidos, para que possamos auxiliar as crianças pressionadas: um diálogo aberto levando em conta as características de pensamento da criança e o brincar como um antídoto para a pressão.

A configuração atual da infância e seu lugar ocupado na sociedade contemporânea, tal qual apresentada por Postman (1999) e Elkind (2001) é precedida por um longo desenvolvimento histórico que vai desde a Antiguidade, passando pela Idade Média até chegar aos dias atuais. Desta forma, faremos, a seguir, uma apresentação sobre a evolução do conceito de infância em diferentes momentos históricos, demonstrando, assim, a origem das condições necessárias que possibilitaram o surgimento da Psicanálise de Crianças no início do século XX.

1.1 A Construção Social da Infância¹

1.1.1 A criança na Antiguidade

Visitando a cultura da Antiguidade clássica, por meio do legado de Aristóteles, encontramos uma de suas obras intitulada *A Política* (1998), na qual o filósofo faz referências à criança. Valendo-se deste trabalho, podemos entender qual o papel assumido pela criança na *polis* grega, além de entender qual a sua relação com aquela sociedade.

Observa-se que as referências sobre as crianças encontradas na obra de Aristóteles, estão sempre associadas à figura da mulher e do escravo. Isto permite concluir que, para o filósofo grego, existia um elemento comum entre a criança, a mulher e o escravo, elemento esse que os distinguia do pai, do marido e do senhor. Este elemento comum seria a falta de autonomia que lhes conferia a condição de comandados. Para entendermos a relação apontada acima é necessário compreender a estrutura social da Grécia antiga.

O selo distintivo da sociedade grega antiga residia em uma organização política descentralizada, definida como cidades estado, que se caracterizavam como unidades administrativas, independentes e autônomas, cujo poder político era exercido por seus cidadãos. A família, como parte constitutiva do Estado, visto que para a sociedade grega antiga o Estado era uma reunião de famílias, pode ser decomposta em seus elementos constitutivos, para melhor ser compreendida. Havia, então, três elementos básicos – o senhor e o escravo; o marido e a mulher; o pai e o filho – que compunham, segundo Aristóteles, os três ramos da economia doméstica.

Especificamente a criança era vista como incompleta, porque era caracterizada por indivíduo em desenvolvimento, no qual a faculdade de querer não estava ausente como no escravo, podendo vir a formar-se. Para que tal formação ocorresse, era necessária a presença de um modelo que conduzisse a criança ao seu desenvolvimento potencial. Mesmo correndo o risco de ser redundante, podemos concluir que a criança era entendida como incompleta e desprovida de qualidades inerentes ao pai, qualidades que poderia vir a ter por pertencer à mesma linhagem do pai (ARISTÓTELES, 1998).

¹ Título original do livro de Ariès.

Agora, daremos um salto da Antiguidade para a Idade Média, sendo conduzidos pelo historiador francês Philippe Ariès, buscando seguir um de nossos objetivos, que é compreender o significado que a infância assumiu ao longo da história, como categoria social. Para isso, será usado um modelo esquemático, na tentativa de sistematizar as contribuições de Ariès a respeito da evolução do papel assumido pela criança, da Idade Média até o século XIX.

1.1.2 A criança na Idade Média, segundo Ariès

Ariès (1981) busca representações da criança na expressão artística da Idade Média. Suas pesquisas iconográficas apontam uma quase inexistência ou mesmo uma total ausência dessas representações até o século XII, concluindo que a ausência de tais representações não se devia à incompetência ou falta de habilidade dos artistas da época, mas sim a uma falta de lugar para a criança naquele mundo.

O sentimento de infância não existia para o homem medieval, o que predominava era um sentimento superficial, chamado por Ariès de “paparicação”, reservado as crianças muito pequenas, enquanto eram engraçadinhas. Não encontramos segregação entre adultos e crianças, nem mesmo no que concerne à expressão da sexualidade, tão pudicamente afastada das crianças na atualidade. Até o século XVI era comum encontrarmos relatos de adultos que se divertiam com as brincadeiras sexuais das crianças, livremente manifestadas, ou que faziam alusões a assuntos sexuais em sua presença, entendidos como algo natural. O autor destaca que, nesse período, acreditava-se que a criança impúbere fosse alheia e indiferente à sexualidade, sendo que os gestos e as alusões não tinham consequências sobre a criança, os quais se tornavam gratuitos e perdiam sua especificidade sexual, neutralizando-se. Nesse momento histórico, não existia sentimento de que as referências aos assuntos sexuais, mesmo que despojadas na prática de segundas intenções equivocadas, pudessem macular a inocência infantil de fato ou segundo a opinião que se tinha dessa inocência, pois, na realidade, não se acreditava que essa inocência de fato existisse (ARIÈS, 1981).

A mortalidade infantil era altíssima, o que impedia que a criança pequena se tornasse objeto de grandes investimentos. Passados os cinco, seis

anos, nos quais os cuidados da criança eram reservados às mães ou, com maior frequência, às amas-de-leite, o pequeno iria, então, compartilhar a vida dos adultos. Desta forma, a aprendizagem e a socialização da criança não eram realizadas pela família ou pela escola, mas sim por toda a comunidade com a qual ela passava a conviver, garantindo, desta forma, as condições necessárias para a transmissão tanto de valores culturais, quanto do ofício a ser aprendido.

Somente a partir do século XIII, a sociedade medieval parece ter voltado seu olhar para a criança, começando a incluí-la em sua criação artística.

A iconografia das sociedades dos séculos XIV, XV e XVI, fornece-nos indícios da forma como foi se transformando a visão de infância, ao longo de tais séculos. Transformações estas que se consolidarão no século seguinte.

Assim, a criança que havia sido ignorada na iconografia medieval, começa, a partir do século XIII, a ser representada, inicialmente sob a forma de crianças mais velhas, quase jovens. Posteriormente, encontramos a representação do menino Jesus e da Virgem Maria menina. Devemos destacar a natureza destas inscrições que representavam a criança como cópias miniaturizadas dos adultos. Outra forma de expressão surgira com o tema da criança nua, tendência que irá se consolidar no século XVII.

Embora a criança não esteja ausente da iconografia desde o século XIII, sua representação está sempre associada a outros elementos, assumindo um caráter secundário, uma vez que a cena principal era sempre ocupada pelos adultos, cabendo à criança apenas um espaço secundário. É somente a partir do século XV que encontramos a criança representada sozinha, nos retratos, o que indica uma tentativa de preservar sua lembrança, tendência que será consolidada no século XVII. Isto nos aponta para o destaque que a criança começava a receber na arte, como reflexo de uma nascente reorganização das estruturas sociais, na qual ela começava a ocupar um lugar de maior destaque, assumindo um novo estatuto.

1.1.3 A criança no século XVII e XVIII, segundo Ariès

Neste século, Ariès (1981) salienta que a sociedade volta o seu olhar para a criança. Surge embrionariamente a transformação do papel da criança e sua representação na sociedade. Começa a se questionar o lugar e a forma pelas quais as crianças eram educadas.

As crianças carentes da época eram enviadas a hospícios de menores, lugar onde a mortalidade era muito alta, devido às más condições. O Estado começa a se preocupar com isso, percebendo que tais crianças morriam bem antes de poderem servir ao Governo. Os recém-nascidos que possuíam família eram enviados para o interior, sendo cuidados por amas-de-leite. Essas amas-de-leite, entretanto, cuidavam de muitas crianças, negligenciando a assistência de todas. Já as crianças que ficavam com as famílias eram criadas pelas escravas, que descontavam nas mesmas o ódio e os maus-tratos aos quais eram submetidas pelos seus senhores. A maioria dessas crianças começou a apresentar comportamentos agressivos e bizarros, e quando se tornavam jovens, desvios de caráter.

É neste século, sob a luz dos ideais renascentistas, que surge uma nova preocupação com a criança. Exclui-se a criança do mundo dos adultos. A criança não deveria mais ser preparada por meio do convívio com os adultos, novos espaços e estratégias deveriam ser criados.

A família passa a ser o berço de preparação da criança, posteriormente sendo substituída pela escola, livrando assim, as mesmas, dos maus-tratos das amas-de-leite e do descaso dos adultos.

Todos esses acontecimentos levaram a sociedade a um questionamento, quanto aos métodos e recursos utilizados, na época, para o cuidado das crianças, instigando o desenvolvimento de novos recursos para a educação das mesmas. Uma nova preocupação com as crianças surge da necessidade de controle de distúrbios de comportamento e não de uma verdadeira preocupação e zelo por elas. O sentimento de infância, apesar de ter se ampliado, ainda continha certa superficialidade.

Essas transformações sociais trazem uma nova mentalidade, relações afetivas calcadas em novos valores, uma vida social ampla e intensa diminuída entre os membros de uma mesma comunidade, tornando a família o berço da vida particular e subjetiva.

A criança passa a ser objeto de grande feição para os adultos, levando-os a se organizarem em sua função, natalidade e mortandade passam a ser controladas para se poder cuidar melhor dos filhos. Vemos, assim, o surgimento do esboço de sentimento de infância que se estende até hoje.

O historiador francês também percorre a trajetória histórica da escola no desenvolvimento da criança, e encontra dados interessantes.

No século XV, a escola era destinada a um número restrito de clérigos em busca de formação religiosa. Enquanto a escola era restrita à aprendizagem, valendo-se do contato direto entre crianças e adultos, era o elemento central da pedagogia medieval, garantindo a transmissão dos valores culturais e sociais. Era uma fase na qual predominava a esperteza e a precocidade. Os privilegiados eram aqueles que, precocemente, conseguiam se destacar no mundo dos adultos.

Nos séculos XVI e XVII, com a exclusão da criança do mundo adulto, mediante o enclausuramento na escola, vê-se uma expansão das escolas escolásticas e particulares. A infância ainda era reduzida e não havia divisão entre crianças e adultos. As crianças passaram a frequentar a escola com dez anos, com a justificativa de que crianças muito pequenas não se adaptavam à disciplina rígida da escola. Vemos, assim, um prolongamento da infância devido a uma necessidade da escola.

A divisão das crianças dentro da escola, em função de sua maior ou menor capacidade teve seu início no século XV. A separação dos alunos, em espaços físicos diferentes por idade, só ocorrerá séculos mais tarde. Nesse contexto, Ariès (1981) aponta que a família e a escola retiraram juntas a criança da sociedade dos adultos. Nesse período, a escola confinou a criança, outrora livre, num regime disciplinar cada vez mais rigoroso, que nos séculos XVIII e XIX resultou no enclausuramento total, no internato. A sociedade da família, da igreja, dos moralistas e dos administradores privou as crianças da liberdade de que ela gozava entre os adultos.

No âmbito das transformações sociais inspiradas pelos educadores e moralistas entre os séculos XV e XVII, que promoveram significativas mudanças na família e na escola, deu origem a novas condutas disciplinares que passam a nortear a educação das crianças. É neste período que encontramos o desenvolvimento de um novo sentimento de infância, que, com algumas variações, predomina até hoje. A criança passa a ser entendida como um ser

inocente e imaculado que precisa ser formado, e não mais como algo pitoresco com que os adultos se divertiam.

Já no século XVIII, podemos identificar uma outra face desse investimento na infância: uma ideologização que celebrou o reinado da criança por meio de obras que concitam os pais a novos sentimentos e, particularmente, ao amor materno, como propõe Badinter (1985). Para essa autora, a família proposta como fundada no amor materno é caracterizada pela intimidade que liga os pais aos filhos, objetivando assegurar uma continuidade da prole que, por seu valor de investimento, começa a ser considerada uma questão de administração pública.

De forma clara, podemos perceber uma retomada da visão de infância presente na Antiguidade Clássica. Essa nova concepção de infância que começou a inspirar no século XVII e que atingiu seu ápice no século XIX não comportava mais negligências e abusos, dando lugar a uma preocupação de como garantir um desenvolvimento saudável à criança.

1.1.4 A criança no século XIX, segundo Ariès

Neste período, surge uma tentativa de sistematizar a educação para a criança: uma nova pedagogia, influenciada pela medicina e pela recente ciência psicológica, que no século XIX tentou imputar padrões para gerir a educação das crianças.

Para conferir legitimidade a este raciocínio, é necessário entender a cristalização de alguns acontecimentos, já enunciados nos séculos anteriores, que se definiram pelo declínio do regime totalitário e pela extinção da comunidade ampliada, da qual o indivíduo era parte indissociável, em benefício de uma economia mercantilista, caracterizada pela ascensão da burguesia, de seus ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, que há pouco tinham figurado como lema da Revolução Francesa.

Segundo Áries (1981), esta nova ordem social e política impôs ao homem uma compreensão inovadora sobre si e sua constituição como indivíduo, uma nova ordem política e social é criada, a subjetividade e a intimidade assumem o núcleo da família.

A Psicologia é requisitada a estabelecer novos padrões e normas para a educação e a resolução de conflitos internos do homem. É neste contexto que, de acordo com Ariès (1981), surgem às condições necessárias para o desenvolvimento de novas ciências como a Psicanálise e a Pediatria. A criança deixa de ser vista como um adulto em miniatura e conquista seu lugar na sociedade e na família, cabendo assim, a alguns ramos da ciência moderna, estudá-la e compreender suas características como um indivíduo em desenvolvimento. Dessa forma, tornou-se possível identificar e construir formas mais adequadas de gerir sua educação.

2. Considerações finais

O presente artigo buscou realizar um resgate, a respeito da construção da infância, enquanto movimento social e histórico ao longo do desenvolvimento da sociedade.

Observou-se que o modelo do infantil foi se alterando à medida que a sociedade passou por suas transformações sociais e econômicas. Dessa forma, verificou-se que a construção social da infância envolve aspectos familiares, escolares, questões de sexualidade e avanço tecnológico.

Ciências como a psicanálise, pediatria e psicologia consagram-se nos problemas da infância e suas descobertas que são transmitidas aos pais através de uma vasta literatura de vulgarização, visto que o mundo é obcecado pelos problemas físicos, morais e sexuais da infância (ARIÈS, 1981).

Como consequência desta evolução, podemos dizer que a sociedade do século XX privilegiou, como nunca se vira, a infância em detrimento das demais “idades da vida”.

Para concluir é importante destacar sobre a importância em compreender como o desenvolvimento do modelo de infância ocorreu ao longo da história, considerando todos os aspectos que envolvem o sujeito, principalmente, ao estudar a infância, pois é neste ponto que a psicanálise assume o centro da investigação da mente e comportamentos infantis, primeiro por meio das lembranças encobertas nos adultos, depois pela própria psicanálise de crianças.

REVISITING THE CHILDHOOD CONCEPT OF ANTIQUITY TO CONTEMPORARY SOCIETY: CONTRIBUTIONS TO THE STUDY OF THE HISTORIOGRAPHY OF PSYCHOANALYSIS WITH CHILDREN

ABSTRACT

Childhood is the subject of study in several disciplines, including psychology and psychoanalysis. It appears that, at different historical moments, childhood took on different meanings, characterized as a construction process. The present study aimed to rescue the construction of childhood from ancient times to the present, using authors such as Postman, Elkind and Ariès. The findings suggest that children were classified qualitatively different from adults, assigning specific meanings. It is added that the early eroticization and the growing participation of children and adolescents in crime indicate that childhood, especially childhood, between seven years and puberty, is in extinction. Elkind discusses the role and social pressures that children have in their development, exposing them to a wide variety of problems in childhood and adolescence, such as low self-esteem, teenage pregnancy and high suicide rates. For Ariès, the child in antiquity was associated with the model of women and slaves. From the 13th century onwards, children began to be represented, having their eyes consolidated around the 18th century. The child becomes an object of great appeal to adults. Birth and death are now controlled in order to take better care of the children. We see, thus, the appearance of the childhood feeling sketch that extends until today. Studying childhood brings excellent contributions to psychoanalysis, as it is at this point that it takes center stage in the investigation of children's minds and behaviors, first by the memories hidden in adults, then by the psychoanalysis of children.

Keywords: psychoanalysis; childhood; child psychoanalysis.

3. Referências Bibliográficas

ARIÈS, P. *História Social da criança e da família*. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARISTÓTELES. *A política*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ELKIND, D. *Sem tempo para ser criança: a infância estressada*. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

SILVA, Iúri Yrving Müller da. *Uma leitura da produção brasileira sobre psicanálise de crianças, por meio da Revista Brasileira de Psicanálise*. 2010. 96f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2010.

SAÚDE MENTAL DO TRABALHADOR EM TEMPOS DE PANDEMIA

Mariana Pereira da Silva. Psicóloga e Mestre em Psicologia pela PUC-Campinas. Possui capacitação em Saúde Mental Relacionada ao Trabalho e experiência em Reabilitação Profissional. Atua como psicóloga clínica e desenvolve estudos na área de Psicologia Social do Trabalho.

marianapspsicologia@gmail.com

Resumo: O cenário da pandemia da Covid-19 trouxe impactos e dificuldades para muitos trabalhadores. Aspectos vivenciados de forma compartilhada passaram a interferir na saúde física e mental dos trabalhadores, tanto daqueles que puderam trabalhar de dentro de suas casas, quanto dos que tiveram que trabalhar fora. Tendo isso em vista, o objetivo do artigo é discutir a saúde do trabalhador, em tempos de pandemia, a partir da vivência de uma psicóloga clínica que atendeu trabalhadores de várias categorias profissionais, durante esse período. Os referenciais teóricos utilizados para compreensão da saúde do trabalhador são a Psicologia Social do Trabalho, a Saúde Mental Relacionada ao Trabalho e a Psicologia Humanista. A partir dos atendimentos clínicos realizados, podem-se elencar aspectos que interferiram na saúde dos atendidos, como a extrapolação da jornada de trabalho, a dificuldade para manter o foco e a produtividade, o medo do desemprego e da suspensão do contrato de trabalho, o aumento do estresse, a solidão, a dificuldade de se reunir em parcerias, e por fim, a dificuldade com estrutura para o trabalho. Diante disso, elencam-se algumas estratégias de enfrentamento desse cenário, como a importância da escuta, o estímulo ao fortalecimento do coletivo, a promoção de elementos para reflexão crítica, o foco no presente e a espontaneidade e criatividade.

Palavras-chave: psicologia social do trabalho; saúde mental relacionada ao trabalho; psicologia clínica; pandemia.

Introdução

A pandemia da Covid-19 trouxe implicações em diversos âmbitos para os indivíduos. Especialmente em relação ao âmbito do trabalho, as implicações repercutiram em adaptações para que o trabalho pudesse ser realizado de dentro das casas dos próprios trabalhadores, e quando isso não foi possível, os trabalhadores tiveram que se adaptar, quanto ao uso de equipamentos de segurança e higiene que pudessem colaborar para menor contágio. Além

disso, os trabalhadores passaram a vivenciar situações de medo, como medo do desemprego, da suspensão do contrato de trabalho e da redução da renda, bem como medo da contaminação, durante o exercer de suas atividades laborais. Esse cenário contribuiu para a vivência do sofrimento psíquico no trabalho e tendo isso em vista, o objetivo do artigo é discutir a saúde do trabalhador em tempos de pandemia, a partir da vivência de uma psicóloga clínica que atendeu trabalhadores de várias categorias profissionais durante esse período.

Os referenciais teóricos utilizados para compreensão dos casos são o da Psicologia Social do Trabalho, da Saúde Mental Relacionada ao Trabalho e da Psicologia Humanista. O artigo os elucida brevemente, e em especial, elucida a Psicologia Social do Trabalho, própria dos psicólogos, que ao longo de sua construção e trajetória diferenciou-se da Psicologia Organizacional do Trabalho, mais comumente conhecida e divulgada, durante a formação em Psicologia. A abordagem Humanista também permeou a análise e discussão da saúde dos trabalhadores e os impactos vivenciados por eles, pois se trata da abordagem clínica adotada pela psicóloga em sua atuação frente aos casos atendidos.

Após o esclarecimento dos referenciais teóricos, o artigo traz na forma de resultados o cenário da pandemia e os fatores que os trabalhadores atendidos relataram como de grande implicação em suas rotinas profissionais e pessoais. O artigo traz também as implicações vivenciadas pela psicóloga, enquanto trabalhadora, e por fim, discute possíveis formas de enfrentamento para esse cenário.

Quadro Teórico

É comum a divulgação de atuações tradicionais dos psicólogos em sua relação com o trabalho, durante a formação em cursos de graduação em Psicologia, sendo tais atuações pautadas pelo referencial teórico da Psicologia Organizacional do Trabalho. De acordo com Bernardo, Oliveira, Souza e Sousa (2017) esse referencial não surgiu no Brasil, mas construiu-se historicamente no exterior. Os autores acima apontam que há um consenso de que o primeiro psicólogo a escrever sobre a relação entre Psicologia e trabalho foi Hugo

Munstenberg, em 1912, na Alemanha, em uma época de expansão industrial, capitalista, cujo livro escrito por ele se chamava: "Psicologia e eficiência industrial", e claramente, trazia a ideia de que a Psicologia deveria servir aos interesses do comércio e da indústria, ou seja, deveria se voltar a questões econômicas.

Ainda de acordo com Bernardo, Oliveira, Souza e Sousa (2017), após Hugo Munstenberg, a Psicologia e o trabalho foram pensados por Elton Mayo, em 1920, nos Estados Unidos, fomentando a ideia de uma Psicologia voltada aos interesses industriais e gerenciais. Mayo ampliou um pouco as discussões, pensando também sobre os sentimentos e a relação dos trabalhadores com seus gerentes, mas ainda desconsiderava os efeitos do trabalho na subjetividade do trabalhador. A ideia era gerar motivação nos trabalhadores sem realizar mudanças significativas na organização e estruturação do trabalho. É a partir desses autores que a Psicologia Organizacional foi se construindo, debruçando-se sobre temas como motivação, recrutamento e seleção de pessoal, clima e cultura organizacional, entre outros temas que os psicólogos têm maior contato durante sua formação.

Pode-se perceber que seguindo a concepção da Psicologia Organizacional, não cabe ao psicólogo fazer muitos questionamentos sobre as relações de trabalho para além das dinâmicas grupais tomadas em si mesmas. É como se considerassem a Psicologia como apolítica, neutra, como se ela pudesse favorecer a gestão e os trabalhadores ao mesmo tempo (BERNARDO, OLIVEIRA, SOUZA & SOUSA, 2017). A Psicologia Organizacional foi mudando ao longo do tempo, aperfeiçoando-se e se aprofundando, mas o alinhamento ainda se faz totalmente com a gestão e com questões econômicas. Por mais que se trabalhe com o bem estar do trabalhador, só o faz para motivá-lo a produzir mais. Veem-se algumas mudanças na literatura, até com algumas críticas ao sistema vigente, mas ainda defende-se a neutralidade do psicólogo e uma atuação que não modifique as metas produtivas, o ritmo de trabalho ou a assimetria presente na hierarquia de poder entre trabalhadores e gerência.

Em contraponto, a Psicologia Social do Trabalho é mais recente, construída no cenário nacional e da América Latina. De acordo com Esteves, Bernardo e Sato (2017) a construção dessa Psicologia de caráter crítico se deu

na década de 1980, a partir da contestação da situação de opressão sofrida pela população da América Latina (tendo em vista que grande parte dos países estava sob algum tipo de regime autoritário, em guerra civil ou ditadura militar). Esse contexto demandava um posicionamento dos psicólogos. A Psicologia Social do Trabalho vem daí, e essa concepção propõe reflexões, quanto a intervenções e ao compromisso ético, político e social que a Psicologia deve ter. Esteves, Bernardo e Sato (2017) afirmam que os estudos de Paulo Freire e Martín Baró são fundamentais para se entender essa concepção, e em sua base histórica, os estudos de Peter Spink também. Em meados da década de 1980, período de certa abertura política no Brasil, vinham se consolidando no país a construção do Sistema Único de Saúde (SUS), a saúde do trabalhador, os movimentos sociais, a economia solidária, e tudo isso também contribuiu para a Psicologia Social do Trabalho se estruturar (COUTINHO, BERNARDO & SATO, 2017).

Martin-Baró (1998, p. 77) afirmou que:

não se trata de abandonar a Psicologia; trata-se de colocar o saber psicológico a serviço da construção de uma sociedade onde o bem-estar da minoria não se assente sobre o mal-estar da maioria, onde a realização de uns não requeira a negação dos outros, onde a ganância de poucos não exija a desumanização de todos.

Esse referencial que é adotado no presente artigo busca entender o trabalho como um fenômeno psicossocial, encarado de modo crítico, complexo, constituído de micros e macros contextos. Reconhece o caráter histórico, conflituoso e contraditório da relação entre capital e trabalho, e serve aos interesses dos trabalhadores, não da gerência. A Psicologia, assim, não é considerada apolítica ou neutra, mas a serviço dos trabalhadores. De acordo com Bernardo, Oliveira, Souza e Sousa (2017) a Psicologia Organizacional e a Psicologia Social do Trabalho não são complementares e se tratam de concepções diferentes, com construção histórica, teórica, metodológica, compromisso e intervenções diferentes. Nessa perspectiva olha-se para a saúde do trabalhador de forma mais ampla, complexa e necessária.

Defende-se, aqui, a ideia de que o trabalho deve ser entendido e acessado através da perspectiva dos próprios trabalhadores, que são considerados protagonistas do seu fazer cotidiano (ODDONE, MARRI, GLORIA, BRIANTE, CHIATELLA & RE, 1986). São eles, inclusive, que vivenciam os problemas de saúde relacionados ao trabalho, por exemplo, osteomusculares, como lesões por esforços repetitivos e distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (LER/DORT), transtornos mentais como depressão, síndrome de burnout, transtorno de estresse pós-traumático, ansiedade, entre outros. Por isso, para se analisar uma situação de adoecimento, é necessário ouvir o trabalhador e seu histórico de relação com o trabalho. Essa escuta é essencial, pois muitas vezes o psicólogo recebe uma demanda na clínica, por exemplo, e tende a individualizar aspectos que muitas vezes são coletivos, como a precarização do trabalho e os impactos disso para o trabalhador.

É diferente receber um paciente na clínica com queixas relacionadas ao trabalho sem ter qualquer contato com a Psicologia Social do Trabalho. Provavelmente, a conduta tomada pelo psicólogo, independente de abordagens teóricas, seria individualizar alguns dos problemas, como se o paciente tivesse buscado aquele trabalho por razões inconscientes, como se se submetesse àquela realidade simplesmente por uma pulsão de morte ou por ele achar que é aquilo que merece. Naturalizam-se relações de exploração, e assim, não se olha para o mundo do trabalho, para o contexto social, econômico e político o qual aquele paciente se insere, ou seja, não se expande o olhar para questões sociais, pois além desse paciente, possivelmente, vários de seus colegas de trabalho também sofrem as mesmas pressões, metas, assédios, que esse paciente vivencia.

Acredita-se, portanto, que o psicólogo deve analisar todos esses contextos micro e macrossociais para entender o trabalhador como um indivíduo histórico, e depois então atuar, seja em estudos, práticas e intervenções que visem prevenção e promoção de saúde. Pode-se dizer, de acordo com Coutinho, Bernardo e Sato (2017) que a Psicologia Social do Trabalho aproxima-se da saúde do trabalhador por estudos, por participação em movimentos que defendem os direitos dos trabalhadores e pela atuação

nos serviços públicos de atenção à saúde dos trabalhadores, em ações de promoção de saúde, de tratamento e de prevenção.

Onde é possível atuar? Esse é um ponto relevante para os psicólogos, para que saiam de atuações tradicionais que comumente tecem dentro do âmbito do trabalho, em empresas e nos recursos humanos. É possível atuar na clínica com um olhar voltado a essas questões, como esse artigo visa mostrar, e de acordo com Bernardo, Sousa, Pinzón e Souza (2015), pode-se atuar também em associações, cooperativas, empreendimentos solidários, sindicatos, na Universidade, na saúde pública e em aparatos públicos em geral (na atenção básica, em centros de referência, como no centro de referência em assistência social - CRAS -, e especialmente, nos centros de referência em saúde do trabalhador - CERESTs²).

A pesquisa de Silva e Bernardo (2018), inclusive, apresenta uma pesquisa intervenção com trabalhadores adoecidos pelo trabalho dentro de um CEREST da região de Campinas - SP. Durante a pesquisa foi realizado trabalho com um grupo com trabalhadores, a fim de ouvi-los, de acolhê-los, de sensibilizá-los, quanto à relação do adoecimento com o trabalho e de pensar juntos em formas de enfrentamento. Os grupos, em específico, são uma modalidade importante para os psicólogos sociais do trabalho, pois com base em Sato, Araújo, Ujihara, Franco, Nicotera, Dalton, Settini e Silvestre (1993, p. 49) entende-se que:

os grupos podem facilitar na construção de estratégias individuais e coletivas no sentido de melhorar a qualidade de vida dos participantes, requerendo para tais estratégias a adoção de uma postura ativa diante da situação em que os trabalhadores se encontram.

Os psicólogos, assim, podem atuar como mediadores em tais grupos e realizar rodas de conversa, utilizando filmes, notícias, artes, e outros elementos como disparadores de discussão, para facilitar o compartilhamento de sentidos,

² Os CERESTs podem ser estaduais ou regionais e o principal objetivo é promover ações para melhorar as condições de trabalho e a qualidade de vida do trabalhador, por meio da prevenção e vigilância (RENAST, 2020). Contam com uma equipe multidisciplinar a qual o psicólogo pode fazer parte (KEPLER & YAMAMOTO, 2016).

sentimentos e vivências relacionadas ao trabalho (SILVA & BERNARDO, 2018).

Além da Psicologia Social do Trabalho, concepção propriamente dos psicólogos, o campo da Saúde Mental Relacionada ao Trabalho também contribui e fornece mais ferramentas para lidar com a saúde do trabalhador, seja na teoria quanto na prática. Esse campo, por sua vez, reúne conhecimentos interdisciplinares (como medicina, ergonomia, sociologia) e visa entender a relação do âmbito do trabalho e tudo que o envolve (como dimensões, estrutura, características, funções, sentidos individuais e coletivos, reconhecimento social, entre outras questões) com a saúde mental (SELIGMANN-SILVA, 2011). Assim, o campo da Saúde Mental Relacionada ao Trabalho entende que o trabalho pode gerar sofrimento, em forma de processo saúde-doença, ou seja, como um *continuum* repleto por desgastes, que se acumulam e podem se tornar intensos. Esse campo também é adotado como referencial para compreensão dos casos atendidos.

A ideia de desgaste mental foi conceituada por Seligmann-Silva (2011), que por sua vez se baseou nos estudos de Laurell e Noriega (1989). Para eles, desgaste é a perda da capacidade potencial ou efetiva corporal e psíquica do trabalhador, e é resultado de um movimento dinâmico de elementos do processo de trabalho, chamados de cargas de trabalho, que podem ser físicas, químicas, biológicas e mecânicas. Cabe entender que essas cargas não são isoladas, mas complexas e dinâmicas, e que o desgaste não é irreversível, mas pode se recuperar. Tratando-se do desgaste mental, ele envolve a integração dos fatores ambientais e psicossociais, o mundo subjetivo e a identidade do trabalhador, em seus micro e macro contextos, e as relações de poder presentes em toda a esfera social.

Segundo Seligmann-Silva (2011), o desgaste mental é vivenciado pelo trabalhador em situações em que o trabalho consome seu corpo e/ou seu potencial psíquico, devido à sobrecarga ou subcarga de trabalho, à precarização do trabalho e a constrangimentos sofridos dentro deste âmbito. Pode-se dizer, assim, que o desgaste gerado pelo trabalho impacta na subjetividade do trabalhador, na sua disposição e motivação, em seus valores e até mesmo em seu caráter (SENNETT, 1999).

Refletindo sobre tudo isso, é possível perceber que o desgaste mental e o adoecimento relacionado ao trabalho não é de hoje, ou seja, dos tempos de pandemia. Existem diversos estudos, que analisam diversas categorias profissionais e que mostram que o trabalho pode adoecer (LIMA, 2012; KAWAMURA, 2015; PAPARELLI, ALMEIDA, SILVA & MORGADO, 2019; PAPARELLI, SATO & OLIVEIRA, 2011; SILVA, 2015). Existem dados também do Ministério da Saúde e da Organização Mundial da Saúde (SELIGMANN-SILVA, BERNARDO, MAENO & KATO, 2010), que explicitam números de afastamentos com relação direta com o trabalho. As pesquisas de Silva, Bernardo e Souza (2016) e de Silva e Bernardo (2018) também mostram o adoecimento de trabalhadores de diferentes categorias profissionais, como professores, bancários, químicos, metalúrgicos e petroleiros. Pensando sobre o momento de pandemia que se está enfrentando, pode-se dizer que o desgaste do trabalhador é ainda mais intenso. Diante disso, os resultados trazem as vivências de uma psicóloga no atendimento de seus casos clínicos, que ilustram os aspectos que envolvem o sofrimento psíquico, em tempos de pandemia.

Resultados

Os resultados não contemplam a análise de um caso específico, mas ilustram de forma geral as percepções clínicas no atendimento aos pacientes. É necessário ter em vista que a maior parte dos pacientes atendidos no consultório particular estava trabalhando no formato de teletrabalho, ou seja, de dentro de suas casas. Ressalta-se que, aqueles que não puderam trabalhar em casa, desde o início já relataram desgaste e sofrimento, quanto ao medo do desemprego, da diminuição da renda e do perigo da contaminação. Alguns, inclusive, suspenderam o processo terapêutico, para dar prioridade a outras questões de sobrevivência.

Vivências compartilhadas pelos pacientes atendidos

Tendo em vista os pacientes atendidos que estavam trabalhando de dentro de suas casas, é possível elencar aspectos principais que apareceram

com frequência ao longo dos atendimentos de forma compartilhada, sendo eles a extrapolação da jornada de trabalho, a dificuldade para manter o foco e a produtividade, o medo do desemprego e da suspensão do contrato de trabalho, o aumento do estresse, a solidão, a dificuldade de se reunir com parcerias, e por fim, a dificuldade com estrutura para o trabalho.

Sobre a extrapolação da jornada de trabalho, alguns pacientes relataram que estavam trabalhando muito mais do que já trabalhavam antes da pandemia, vendo-se sobrecarregados, enquanto que as pressões ou metas não diminuíram, pelo contrário, aumentavam para que a economia continuasse rodando. Diziam iniciar a jornada no horário habitual, porém, para encerrá-la era mais difícil, prolongando-se para a noite e até mesmo para os finais de semana. A quantidade de emails e reuniões aumentou, e cabia aos trabalhadores dar fluxo a tudo isso.

Ressalta-se que o relato das mulheres atendidas escancarava ainda mais essa noção da extrapolação da jornada, pois envolvia também as atividades domésticas (como limpeza e organização da casa, preparo das refeições e cuidado com os filhos) que muitas vezes não eram totalmente divididas com os homens, pelo contrário, existiam casos em que essas mulheres encaravam todas as atividades sem divisão qualquer com os companheiros. Para as mulheres, portanto, a situação pode ser ainda mais difícil.

Diziam também sobre a dificuldade para manter o foco e a produtividade, em que por estarem em casa, as distrações aumentavam, assim como a sensação de confusão entre o que é vida pessoal e o que é vida profissional. Os espaços se confundiam - seus quartos viraram, ao mesmo tempo, escritório, *setting* terapêutico, espaço de lazer, espaço para exercícios físicos - as pessoas que moravam juntas tinham que dividir todos esses espaços também, os filhos tinham aulas online, entre outros exemplos. Relataram ficar mais difícil de focar e de se concentrar também devido contexto sanitário e político. Havia tantas novas informações e novos números a cada momento, portanto, como acompanhar?

É interessante também ressaltar que essa noção de produtividade segue na direção do que o capitalismo prega, da necessidade de ser ativos e produtivos, durante todos os dias. Muitos se apropriam desse discurso, e

algumas pessoas relataram sentir-se mal, quando não conseguiam acompanhar esse ritmo tão frenético, seja para produzir no trabalho ou até mesmo para produzir coisas novas em suas vidas pessoais. Durante o período de pandemia, houve muitas dicas de psicólogos na internet, orientando as pessoas a investir em novas tarefas, exercícios físicos, a ser produtivos, e ressalta-se aqui que é necessária cautela em relação a isso. Considera-se que atividades desse tipo são importantes, mas não para seguir na direção do discurso em prol da produtividade, mas sim para que as pessoas percebam que suas vidas não se resumem ao trabalho, e que existem outras atividades que possam fazer simplesmente pelo fazer.

O medo do desemprego e da suspensão do contrato de trabalho fazia-se presentes também para aqueles que permaneciam trabalhando de casa. É um contexto que fragiliza muito o trabalhador, pois não se tem perspectivas de futuro que sejam seguras. Há uma sensação constante de insegurança, de que não se podem fazer planos, afinal, sequer se sabe se o emprego continuará garantido. Pelo contrário, não há garantias. Alguns, inclusive, frente à perda do trabalho registrado, passaram a inserir-se à lógica da "Uberização".

A Uberização³ será trazida aqui de forma breve. Com base em Abilio (2019), pode-se dizer que essa é uma lógica iniciada com os aplicativos Uber e Ifood, que não configuram em registro trabalhista algum, não contemplam o trabalhador com direitos, benefícios ou garantias. Qualquer acidente ou adoecimento relacionado ao trabalho, por exemplo, é inteiramente de sua responsabilidade. Todos os equipamentos são custeados pelos próprios trabalhadores: a moto, a bicicleta, a caixa de transporte, os equipamentos de segurança, e eles são estimulados a competirem entre si, e assim se fragiliza o coletivo e as redes de apoio entre os trabalhadores. Esse acaba sendo o cenário de muitas pessoas nos dias atuais. Conforme retrata Abilio (2019), existem pessoas que trabalham 13 horas diárias, sem pausas, outros chegam mesmo até as 16 horas de jornada. O retorno financeiro, no entanto, não é significativo e deixa clara a situação de exploração a qual esses trabalhadores estão submetidos.

³ Para maior aprofundamento, recomenda-se a leitura de Abilio (2019) e Uchôa-de-Oliveira (2020).

O aumento do estresse foi relatado frequentemente, principalmente quando os pacientes disseram sentirem-se mais cansados e irritados, e quando diziam que estava sendo mais fácil tirá-los "do sério". Houve relatos de pacientes descontando a tensão em uma porta que batia mais forte, em xingamentos, em sensações de mal estar e ansiedade, em cansaço exacerbado, em muito tempo navegando no celular - sem ver nada que realmente fosse relevante - e em situações de maior agressividade, o que gera grande preocupação e alerta, já que os números da violência doméstica e do feminicídio aumentaram na pandemia (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2020), e a ingestão de álcool e outras drogas também podem aumentar com essa tensão crescente.

A sensação de solidão também foi relatada e pode-se dizer que ela se dá devido ao distanciamento físico dos colegas de trabalho, muitas vezes parceiros e apoios para o fazer cotidiano. Nessa situação atual, muitas vezes, diminuem-se os espaços para compartilhamento, troca de ideias, desabafos, e a sensação de que se está sozinho pode aumentar. Isso mostra o quanto a coletividade é importante, até mesmo para auxiliar a manter os trabalhadores sãos.

Outra última dificuldade relatada refere-se à falta de estrutura física para o trabalho, falta de conexão de internet que seja eficaz, falta de espaços ergonômicos que mantenham uma postura adequada para o trabalho, entre outros exemplos que podem impactar no desenvolvimento do trabalho e na saúde do trabalhador de forma geral. Sendo assim, é possível perceber que tais fatores citados colaboram para o desgaste e sofrimento psíquico dos trabalhadores em tempos de pandemia.

Vivência enquanto psicóloga trabalhadora

Considerando que os atendimentos foram feitos por uma psicóloga que também estava vivenciando esse período de pandemia com impactos em seu trabalho, é interessante compartilhar também suas vivências, enquanto psicóloga trabalhadora nesse cenário. O Conselho de Psicologia já permitia os atendimentos virtuais, a partir da resolução n. 11 de 11 de Maio de 2018 (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2018). Essa resolução regulamenta

e preconiza, dentre suas cláusulas, que é dever do psicólogo fornecer atendimento de qualidade através das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICS), utilizando princípios, conhecimentos, técnicas e ética fundamentados no Código de Ética Profissional. Devido à pandemia, foi solicitado que os psicólogos se cadastrassem na plataforma E-PSI, a fim de se habilitar para a prestação de serviços por meios das TICS. O cadastro deveria ser feito e analisado pelo sistema conselhos, mas imediatamente o psicólogo já poderia realizar suas intervenções de forma virtual, devido à situação de emergência que o mundo e o país se encontravam e ainda se encontram (E-PSI, 2020).

Tratando-se especificamente da realidade da psicóloga em questão, foi necessário alterar todos os seus pacientes atendidos presencialmente para o modo remoto. Dessa forma, foi preciso adaptar sua casa para receber um *setting* terapêutico, adquirir e garantir equipamentos de tecnologia que funcionassem (celular e computador que pudessem realizar chamadas de vídeo e áudio em boa qualidade) bem como conexão de internet suficiente e estável. Além disso, foi necessário também trabalhar nesse novo contexto em prol da segurança e sigilo das informações, entre outras adaptações. No começo, a profissional sentia-se extremamente cansada, e considera que não foi fácil adaptar tudo isso para conseguir fornecer um trabalho de qualidade.

A profissional deparou-se também com as dificuldades dos pacientes, quanto ao acesso a equipamentos e boa conexão de internet, e quanto a espaços seguros e confiáveis que pudessem passar a servir de espaços terapêuticos. Como fazer isso dentro de uma casa pequena, com poucos cômodos e vários moradores? Foi um grande desafio e continua sendo. Apesar de todas as dificuldades, do cansaço e do desgaste também vivenciado pela profissional, é possível exercer a Psicologia, ao menos no contexto clínico, de forma remota. Porém, existem casos que vão exigir o atendimento presencial, além de dificuldades e níveis socioeconômicos dos atendidos que podem inviabilizar os atendimentos nesse formato. Para esses impasses, é necessário reflexão, quanto à conduta e manejo, sempre tendo em vista o compromisso ético-político da Psicologia a serviço dos trabalhadores, conforme citado no início do artigo. De fato, existem obstáculos, e é necessário pensar neles,

enquanto classe trabalhadora, junto ao sistema Conselhos, a fim de enfrentá-los.

Por fim, utilizando os saberes da Psicologia Social do Trabalho, do campo da Saúde Mental Relacionada ao Trabalho e também da Psicologia Humanista, pode-se pensar em algumas estratégias de enfrentamento dessas questões tão atuais e que acometem a todos.

Formas de enfrentamento

Pensando na atuação da Psicologia, o primeiro ponto de destaque é a importância da escuta. Servir de espaço de escuta, dar voz às pessoas e aos trabalhadores, acolher as demandas, as queixas, as angústias, os sofrimentos, faz-se essencial. Legitimar o sofrimento, ao invés de duvidar ou menosprezar como muitas pessoas comuns podem fazer, com cuidado para não culpabilizar as pessoas que sofrem - como se elas fossem menos capazes ou sensíveis demais, entendendo que essas queixas são queixas coletivas. Configuram, portanto, um problema social. Destaca-se também a não patologização ou medicalização dessas queixas, pois isso pode gerar um duplo sofrimento, e na verdade, são desgastes normais frente a um contexto tão difícil.

Além disso, destaca-se também a importância de se estimular o fortalecimento dos pares, dos apoios, de coletivos, ainda que virtualmente. Na pandemia da Covid-19, o isolamento deve ser físico, mas não virtual. Na medida em que os trabalhadores consigam se comunicar uns com os outros e criar espaços de compartilhamento - grupos, chamadas de áudio e vídeo - eles podem se sentir mais fortes e possivelmente perceberão que suas queixas são compartilhadas, e que eles não estão sozinhos nisso.

Inclusive, é necessário ressaltar que para que a profissional conseguisse passar por esse momento da forma mais saudável, quanto possível, foram essenciais trocas e compartilhamento de ideias e sensações com os seus colegas psicólogos. Foram essenciais as lives que o Conselho Regional de Psicologia de São Paulo realizou (todas essas gravadas e disponíveis no site Youtube). Foi essencial permanecer em supervisão, sempre pensando junto, construindo junto com os colegas, uma Psicologia que seja acessível, que fale e atinja a todos.

Pensando em ações coletivas, destaca-se a importância da promoção de elementos para reflexão crítica acerca de todas essas questões. Atualmente, vivenciam-se tempos em que os direitos trabalhistas estão sendo desmontados, e vê-se isso, por exemplo, através do processo de Uberização citado, em que os trabalhadores não têm garantia, benefício ou direito algum, quanto as suas práticas cotidianas. Os trabalhadores passam a se ver desassistidos, precisando arcar com todos os prejuízos que possam envolver seu trabalho, portanto, precisando arcar com a exploração da forma mais acentuada possível. E cabe ressaltar que não são somente os motoboys, bike boys ou entregadores que estão submetidos a essa lógica, pelo contrário, a tendência é que essa lógica atinja a diversas categorias profissionais: professores, advogados, profissionais da saúde, entre outras. Falar sobre isso, a fim de sensibilizar a sociedade, é também o papel da Psicologia.

A abordagem Humanista é importante também ao defender a importância de se focalizar no presente, no aqui e no agora, pois o contexto sanitário imprime uma sensação de insegurança muito grande em relação ao futuro, já que realmente não se sabe a situação em que o país e o mundo estarão. Sendo assim, pensar no futuro pode gerar muita ansiedade, até mesmo em relação a se terá ou não o seu respectivo trabalho. O que é possível fazer e controlar hoje? Para isso, existem estratégias de organização pessoal, organização de hábitos e da rotina, técnicas de respiração e autopercepção que podem auxiliar as pessoas a se colocar no momento presente, unicamente, e a se ver como parte responsável dessa sociedade que está a todo o momento sendo construída.

Além disso, outro conceito Humanista que é relevante destacar é a espontaneidade e criatividade, considerados potenciais humanos. Sendo criativos e espontâneos, é possível pensar em respostas novas aos problemas. Se não é possível se encontrar presencialmente, que se faça virtualmente. Se não é possível participar de uma reunião coletiva presencialmente, que se faça um vídeo chamada. Ao invés de somente se submeter a situações que desgastam, que se consiga reagir, se expressar e se libertar. Que seja possível criar novos hábitos, desprendidos da produtividade e pressão que o trabalho tanto os coloca.

Conclusão

Considera-se que o cenário da pandemia da Covid-19 seja extremamente difícil para todos os trabalhadores, cenário esse que anda junto com a perda de direitos trabalhistas e situação de desemprego do país. Porém, considera-se também que as contribuições da Psicologia podem auxiliar na ampliação da consciência, fazendo com que as pessoas reflitam sobre seu contexto e suas ações, e então possam também se posicionar frente ao trabalho, à saúde e à vida, de forma individual e especialmente de forma coletiva.

Para encerrar, tendo em vista o quadro teórico discutido e os compromissos da Psicologia frente a esse momento de dificuldade, traz-se aqui um trecho de Paulo Freire que contempla uma reflexão que pode ser aplicada a atuação e compromisso do psicólogo: "*Lavar as mãos em face da opressão é reforçar o poder do opressor, é optar por ele. Como posso ser neutro diante da situação, não importa qual seja ela, em que corpos de mulheres e de homens vira puro objeto de espoliação e de descaso?*" (FREIRE, 2014, p. 109).

WORKER'S MENTAL HEALTH IN PANDEMIC TIMES

Abstract

The Covid-19 pandemic scenario has had impacts and difficulties for many workers. Aspects experienced in a shared way began to interfere in the physical and mental health of workers, both of those who were able to work from inside their homes, and of those who had to work outside. With this in mind, the objective of the article is to discuss the health of workers, in times of pandemic, from the experience of a clinical psychologist who attended workers from various professional categories, during this period. The theoretical frameworks used to understand workers' health are Social Psychology of Work, Mental Health Related to Work and Humanistic Psychology. From the clinical care performed, it is possible to list aspects that interfered in the health of the patients, such as the extrapolation of the working day, the difficulty to maintain focus and productivity, the fear of unemployment and the suspension of the employment contract, the increased stress, loneliness, the difficulty of meeting in partnerships, and finally, the difficulty with structure for work. In view of this, some strategies for coping with this scenario are listed, such as the importance of listening, encouraging the strengthening of the collective, promoting elements for critical reflection, focusing on the present and spontaneity and creativity.

Keywords: social psychology of work; work-related mental health; clinical psychology; pandemic.

Referências Bibliográficas

ABILIO, L. C. Uberização: Do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. **Psicoperspectivas: Individuo y Sociedad**, v. 18, n. 3, 2019.

BERNARDO, M. H.; SOUSA, C. C.; PINZÓN, J. G. & SOUZA, H. A. A práxis da psicologia social do trabalho: reflexões sobre possibilidades de intervenção. In: COUTINHO, M. C.; FURTADO, O. & RAITZ, T. R. (orgs.). **Psicologia social e trabalho: perspectivas críticas**. Florianópolis: Abrapso, 2015, p. 16-39.

BERNARDO, M. H.; OLIVEIRA, F.; SOUZA, H. A. & SOUSA, C. C. Linhas paralelas: as distintas aproximações da Psicologia em relação ao trabalho. **Estudos de Psicologia**, v. 34, n. 1, p. 15-24, 2017.

CONSELHO DE PSICOLOGIA. **Resolução nº 11 de 11 de Maio de 2018**, 2018. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/05/RESOLU%C3%87%C3%83O-N%C2%BA-11-DE-11-DE-MAIO-DE-2018.pdf>> Acesso em 29 ago. 2020.

COUTINHO, M. C.; BERNARDO, M. H. & SATO, L. (orgs.). **Psicologia social do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2017.

E-PSI. Cadastro E-PSI - **Psicólogas(os) cadastradas(os) para atendimento online**, 2020. Disponível em: <<https://e-psi.cfp.org.br/>>. Acesso em 28 ago. 2020.

ESTEVES, E. G.; BERNARDO, M. H. & SATO, L. Fontes do pensamento e das práticas em psicologia social do trabalho. In: COUTINHO, M. C.; BERNARDO, M. H. & SATO, L. (orgs.). **Psicologia social do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 49-80.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19**, 2020. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/06/violencia-domestica-covid-19-ed02-v5.pdf>>. Acesso em 05 set. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 4a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

KAWAMURA, E. A. **A saúde mental e a (re)organização do trabalho docente: trabalho coletivo e poder de agir**. 2015. Dissertação (Mestrado em

Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas. Disponível em: <<http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/338>>. Acesso em: 05 set. 2020.

KEPPLER, I. L. S. & YAMAMOTO, O. H. Psicólogos nos Centros de Referência em Saúde do Trabalhador. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v. 16, n. 1, p. 48-60, 2016.

LAURELL, A. C. & NORIEGA, M. **Processo de Produção e Saúde. Trabalho e Desgaste Operário**. São Paulo: Cebes-Hucitec, 1989.

LIMA, L. A. **Os impactos das condições de trabalho sobre a subjetividade do professor de ensino superior privado de Campinas**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/250773>>. Acesso em: 05 set. 2020.

MARTÍN-BARÓ, I. **Psicología de la liberación**. Madri: Trotta, 1998.

ODDONE, I.; MARRI, G., GLORIA, S.; BRIANTE, G.; CHIATELLA, M. & RE, A. **Ambiente de trabalho: a luta dos trabalhadores pela saúde**. São Paulo: Hucitec, 1986.

PAPARELLI, R.; SATO, L. & OLIVEIRA, F. A saúde mental relacionada ao trabalho e os desafios aos profissionais da saúde. **Rev. Bras. Saúde Ocup.**, v. 36, n. 123, p. 118-127, 2011.

PAPARELLI, R.; ALMEIDA, T. B.; SILVA, D. L. D. & MORGADO, L. P. Adoecimento bancário: construção de estratégias individuais e coletivas para o enfrentamento do desgaste mental relacionado ao trabalho. **Rev. Bras. Saúde Ocup.**, v. 44, n. e21, 2019.

RENAST. **Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST)**, 2020. Disponível em: <<https://renastonline.ensp.fiocruz.br/temas/centro-referencia-saude-trabalhador-cerest>>. Acesso em: 03 set. 2020.

SATO, L.; ARAÚJO, M. D.; UDIHARA, M. L.; FRANCO, M. A. J.; NICOTERA, F. N.; DALDON, M. T. B.; SETTIMI, M. M. & SILVESTRE, M. P. Atividade em Grupo com Portadores de L.E.R. e Achados sobre a Dimensão Psicossocial. **Rev. Bras. Saúde Ocup.**, v. 21, n. 79, p. 49-62, 1993.

SELIGMANN-SILVA, E., BERNARDO, M. H., MAENO, M., & KATO, M. O Mundo Contemporâneo do Trabalho e a Saúde Mental do Trabalhador. **Rev. Bras. Saúde Ocup.**, v. 35, n. 122, p. 187-191, 2010.

SELIGMANN-SILVA, E. **Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo**. São Paulo: Cortez, 2011.

SENNETT, R. **A Corrosão do Caráter: Consequências Pessoais do Trabalho no Novo Capitalismo**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

SILVA, M. P.; BERNARDO, M. H & SOUZA, H. A. Relação entre saúde mental e trabalho: a concepção de sindicalistas e possíveis formas de enfrentamento. **Rev. Bras. Saúde Ocup.**, v. 41, n. e23, 2016.

SILVA, M. P. & BERNARDO, M. H. Grupo de reflexão em saúde mental relacionada ao trabalho: uma contribuição da psicologia social do trabalho. **Rev. Bras. Saúde Ocup.**, v. 43, n. 1, 2018.

SILVA, R. A. **Vida de caminhoneiro: sofrimento e paixão**. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas. Disponível em: <<http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/351>>. Acesso em 05 set. 2020.

UCHÔA-DE-OLIVEIRA, F. M. Saúde do trabalhador e o aprofundamento da uberização do trabalho em tempos de pandemia. **Rev. Bras. Saúde Ocup.**, v. 45, n. e22, 2020.